



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL**

**COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA) EM SÃO PAULO E
AGRICULTURA SOLIDÁRIA (*SoLaWi*) NA ALEMANHA: CONSTRUINDO
INDICADORES SOCIAIS, ECONÔMICOS E AMBIENTAIS**

JOANA ORTEGA DE LIMA AMORIM

Araras

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGROECOLOGIA E DESENVOLVIMENTO RURAL**

**COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA) EM SÃO PAULO E
AGRICULTURA SOLIDÁRIA (*SoLaWi*) NA ALEMANHA: CONSTRUINDO
INDICADORES SOCIAIS, ECONÔMICOS E AMBIENTAIS**

JOANA ORTEGA DE LIMA AMORIM

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. MARTA CRISTINA MARJOTTA-MAISTRO

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Agroecologia e
Desenvolvimento Rural como requisito
parcial à obtenção do título de MESTRE
EM AGROECOLOGIA E
DESENVOLVIMENTO RURAL

Araras
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Ortega, Joana

COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA) EM SÃO PAULO E AGRICULTURA SOLIDÁRIA (SoLaWi) NA ALEMANHA: CONSTRUINDO INDICADORES SOCIAIS, ECONÔMICOS E AMBIENTAIS / Joana Ortega. -- 2018.

136 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus Araras, Araras

Orientador: Marta Cristina Marjotta-Maistro

Banca examinadora: Adriana Estela Sanjuan Montebello, Lilian Maluf de Lima Cunha

Bibliografia

1. agroecologia. 2. economia solidária. 3. gestão e organização. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Maria Helena Sachi do Amaral – CRB/8 7083



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Agrárias
Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Joana Ortega de Lima Amorim, realizada em 30/05/2016:

Profa. Dra. Maria Cristina Marjotta Maistro
UFSCar

Profa. Dra. Adriana Estela Sanjuan Montebello
UFSCar

Profa. Dra. Lilian Maluf de Lima Cunha
USP

Dedico este trabalho à todas as pessoas que constroem alternativas para enfrentar as opressões,
desigualdades e injustiças que encontram ao longo de suas jornadas.

Especialmente à Paul Singer (1932 – 2018) pela dedicação de uma vida em iluminar a
solidariedade, não apenas como uma expressão do amor e da empatia, mas como uma realidade
concreta e necessária para a organização da nossa casa, a economia.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Marta pela orientação (acadêmica e de vida), por acreditar e complementar este trabalho desde o início, oferecendo a liberdade criativa e o crivo da experiência, precisamos de muitas mais como você na ciência.

Aos companheiros de vida e trabalho da Associação Veracidade, Amanda, Djalma, Aline, Niede, Julia, Habib, João, Taís, Costelinha, Adriana e Tadeu, pela inspiração e resgate da missão de vida, pelo trabalho que inspirou esta pesquisa e pelo apoio nas ausências que ela demandou.

À grande irmã Flavinha Torunsky, sem você jamais teria iniciado toda essa trajetória com as CSA, esse trabalho jamais teria existido, por todas as conversas filosóficas ou pragmáticas, pelos textos e experiências compartilhados, agradeço imensamente, por ser fonte de tanta inspiração.

À Refazenda Morada Agroecológica e aos Refazidos todos! Marcelinho, Socó, Raul, Gelton, Veri, Rama, Lina, Cadu e Pedro, agradeço pelo acolhimento em Araras, que delícia morar na roça! À Priscilla, Fer, Palmirinha, Guel e Caê pela caminhada que se inicia, por compartilharmos nossos mais ousados sonhos e ousarmos mais ainda em torna-los realidade! Avante, Campesina!

Ao Benni, pela força na construção da empreitada na Alemanha, por facilitar essa aventura e por todas as pessoas incríveis que pude conhecer graças à você.

Aos agricultores e membros das CSA, pelo acolhimento, interesse e participação. Não só com amor e liberdade se constrói uma comunidade, mas também por meio de muita luta, militância e determinação!

À Cris, pela força e agilidade em todos os processos administrativos. Ao Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural e à Capes pela oportunidade e apoio.

À minha família, mãe, pai, vó e magris, por acreditarem na minha força e no meu trabalho desde sempre e para sempre, incondicional.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE FIGURAS.....	i
ÍNDICE DE QUADROS	ii
RESUMO.....	iii
ABSTRACT.....	iv
1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	1
1.2 Objetivos	3
2. REVISÃO DE LITERATURA E REFERENCIAL TEÓRICO.....	4
2.1 Agroecologia e agricultura familiar: a experiência no Brasil	4
2.2 Agricultura orgânica e circuitos curtos de comercialização: a experiência na Europa...6	
2.3 Histórico das CSA na Alemanha e Brasil	8
2.4 A escolha pela metodologia comunicativa crítica.....	11
3. METODOLOGIA	14
3.1 Metodologia comunicativa crítica.....	14
3.2 Análise de conteúdo	15
3.3 Caracterização da população-alvo do estudo	17
3.3.1 – <i>SoLaWi</i> alemãs	18
3.3.2 CSA paulistas.....	20
3.4 Instrumento e forma da coleta de dados.....	21
3.5 Análise de dados	23
4. RESULTADOS.....	26
4.1. <i>SoLaWi</i> – visão geral da agricultura solidária na Alemanha	27
4.1.1 Aspectos sociais das <i>SoLaWi</i>	29
4.1.2 Aspectos econômicos das <i>SoLaWi</i>	38
4.1.3 Aspectos ambientais das <i>SoLaWi</i>	49
4.1.4 Síntese e comparações sobre as <i>SoLaWi</i>	54
4.2 CSA – visão geral das comunidades que sustentam a agricultura na capital e interior paulista	56
4.2.1 Aspectos sociais das CSA	58
4.2.2 Aspectos econômicos das CSA.....	70
4.2.3 Aspectos ambientais das CSA.....	82
4.2.4 Síntese e comparações sobre as CSA.....	85
4.3 Comparações entre as <i>SoLaWi</i> e as CSA, suas contribuições entre si e da literatura existente	87
4.3.1 Comparação dos Aspectos Sociais e contribuições para as <i>SoLaWi</i> e CSA.....	88
4.3.2 Comparação dos Aspectos Econômicos e contribuições para as <i>SoLaWi</i> e CSA.....	92
4.3.3 Comparação dos Aspectos Ambientais e contribuições para as <i>SoLaWi</i> e CSA.....	97
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
6. LITERATURA CITADA	104
7. APÊNDICES.....	110
8. ANEXOS	114

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Esquema das etapas de coleta e análise de dados.....	17
Figura 2. Mapa das <i>SoLaWi</i> na Alemanha.....	19
Figura 3. Mapa das <i>SoLaWi</i> visitadas na Alemanha.....	19
Figura 4. Mapa das CSA no Brasil	21
Figura 5. Mapa das CSA visitadas em São Paulo.....	21

INDICE DE QUADROS

Quadro 1. Síntese dos indicadores dos aspectos sociais, econômicos e ambientais das <i>SoLaWi</i>	55
Quadro 2. Síntese dos indicadores dos aspectos sociais, econômicos e ambientais das CSA.....	86
Quadro 3. Comparação dos aspectos sociais das <i>SoLaWi</i> e CSA e indicadores transformadores	88
Quadro 4. Comparação dos aspectos sociais das <i>SoLaWi</i> e CSA e indicadores excludentes.....	89
Quadro 5. Comparação dos aspectos econômicos das <i>SoLaWi</i> e CSA e indicadores transformadores	92
Quadro 6. Comparação dos aspectos econômicos das <i>SoLaWi</i> e CSA e indicadores excludentes.....	93
Quadro 7. Comparação dos aspectos ambientais das <i>SoLaWi</i> e CSA e indicadores transformadores	97
Quadro 8. Comparação dos aspectos ambientais das <i>SoLaWi</i> e CSA e indicadores excludentes.....	98

COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA) EM SÃO PAULO E AGRICULTURA SOLIDÁRIA (*SoLaWi*) NA ALEMANHA: CONSTRUINDO INDICADORES SOCIAIS, ECONÔMICOS E AMBIENTAIS

Autora: Joana Ortega de Lima Amorim

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marta Cristina Marjitta-Maistro

RESUMO

Nossa história mostra uma mudança nos padrões de conhecimentos e tecnologias aplicados na agricultura. Buscando minimizar os impactos negativos gerados pela “revolução verde” surgem as práticas orgânicas e agroecológicas de produção que abrangem também conceitos da agricultura familiar, economia solidária e dos circuitos curtos de comercialização no Brasil e Europa e neste contexto se desenvolvem as CSA (Comunidades que Sustentam a Agricultura). Os estudos sobre as CSA no Brasil são recentes e há uma demanda por orientações em busca do seu estabelecimento enquanto uma opção sustentável de agricultura. Neste sentido escolhemos as *SoLaWi* – *Solidarische Landwirtschaften* (Agricultura Solidária) na Alemanha como um paralelo para o desenvolvimento deste trabalho. O objetivo deste trabalho é analisar os aspectos sociais, econômicos e ambientais que constituem as práticas e relações das *SoLaWi* e das CSA, construir indicadores qualitativos para cada aspecto e realizar uma comparação qualitativa entre as *SoLaWi* e CSA descrevendo as estratégias e dificuldades, tecendo contribuições acerca dos principais desafios. A pesquisa foi qualitativa embasada na metodologia comunicativa crítica e complementada pela análise de conteúdo e análise documental. A partir dos dados foram criados indicadores excludentes e transformadores e observou-se que as CSA atuam fortalecendo a agroecologia na Alemanha e Brasil. O apoio e empoderamento dos agricultores, a militância e oportunidade de trabalho para membros, a autogestão e autonomia dos agricultores são indicadores dos aspectos sociais transformadores e este aspecto é desafiado pela dificuldade na participação dos membros e gestão do trabalho voluntário. A busca pela sustentabilidade econômica é representada de forma heterogênea devido aos distintos contextos das comunidades, principalmente no que se refere às políticas públicas voltadas aos circuitos curtos de comercialização e a economia solidária. Os indicadores dos aspectos ambientais das comunidades são a busca pela biodiversidade, preservação do solo e saúde das pessoas e dos ecossistemas, encontrando limitações na conservação do solo e acesso à terra. São indicados estudos futuros sobre o processo de formação e construção de comunidades no contexto da América Latina, buscando a capacitação de agricultores e membros para a gestão e o investimento na educação crítica dos membros através das políticas públicas.

Palavra-chave: agroecologia; economia solidária; CSA; gestão; organização.

COMMUNITY SUPPORTED AGRICULTURE (CSA) IN SÃO PAULO AND SOLIDARY AGRICULTURE (*SoLaWi*) IN GERMANY: BUILDING SOCIAL, ECONOMICAL AND ECOLOGICAL INDICATORS

Author: Joana Ortega de Lima Amorim

Adviser: Prof. Dr. Marta Cristina Marjotta-Maistro

ABSTRACT

Our history shows a shift in the standards of knowledge and technology applied in agriculture. In order to minimize the negative impacts generated by the "green revolution", organic and agroecological production practices also emerge. These include concepts of family agriculture, solidarity economy and local Food systems in Brazil and Europe, and in this context CSA (Community Supported Agriculture) emerges. Studies about CSA in Brazil are recent and there is a demand for guidelines in pursuit of their establishment as a sustainable option. In this sense we chose the *SoLaWi - Solidarisch Landwirtschaften* (Solidarity Agriculture) in Germany as a parallel for the development of this work. The objective of this work is to analyze the social, economic and environmental aspects that constitute the practices and relations of *SoLaWi* and CSA, to construct qualitative indicators for each aspect and make a qualitative comparison between *SoLaWi* and CSA describing the strategies and difficulties, making contributions about the main challenges. The research was qualitative based on the critical communicative methodology and complemented by content analysis and documentary analysis. From the data were created excludent and transformative indicators and it was observed that CSA act by strengthening agroecology in Germany and Brazil. Farmers' support and empowerment, membership and work opportunity for members, self-management and farmers' autonomy are indicators of transformative social aspects, and this is challenged by the difficulty of member participation and management of volunteer work. The search for economic sustainability is represented in a heterogeneous way due to the different contexts of the communities, especially in what refers to the public policies directed to the local food systems and the solidarity economy. The indicators of the environmental aspects of the communities are the search for biodiversity, soil conservation and health of people and ecosystems, finding limitations in soil conservation and access to land. Future studies on the process of community formation and construction in the context of Latin America are indicated, seeking the training of farmers and members for management and investment in the critical education of members through public policies.

Keywords: agroecology; solidarity economy; CSA; management; organization

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Implementar estratégias para fortalecimento do desenvolvimento territorial no espaço rural é um grande desafio e estratégias territoriais devem ser pensadas considerando além da economia, perspectivas sociais e ambientais. A história da agricultura mostra que, ao longo dos anos, os seres humanos criaram uma série de conhecimentos e tecnologias para serem aplicados na produção de alimentos, e neste sentido, na década de 1970, houve uma mudança significativa no campo mundial, através da denominada “revolução verde” ou “modernização da agricultura” (NUNES, 2017).

Esta mudança foi consolidada no Brasil através da assistência técnica rural gratuita aos produtores agrícolas nacionais por meio dos “pacotes tecnológicos”, receitas a serem aplicadas nas diversas regiões do país, nos cultivos e criações, levando a “revolução verde” a ser a política agrícola oficial (MACHADO, 2014). Inicialmente houve aumento da produtividade, porém, este mesmo modelo, é o principal responsável pela falta de rendimento adequado da agricultura ao longo dos anos, essa desaceleração do crescimento em termos de produtividade se deu por duas causas: primeiro, pelo forte ritmo que a população mundial cresceu e, em segundo, pelos danos ambientais que produziu a própria atividade agrícola (MOLINA, 2013). Este modelo de agricultura agride o ambiente, a biodiversidade desprezando as externalidades ambientais, aumentando o agravamento da crise da agricultura familiar e dificultando o desenvolvimento territorial pois gera concentração de renda e de terra e marginaliza o campo e a cidade, é energeticamente deficitário, falta conduta ética, tudo isso embasado por escandalosos subsídios financiados pelo Estado (MATTEI, 2015; MACHADO, 2014).

Pequenos agricultores são os que mais sentem os impactos causados por este modelo de produção, apresentam características de estrutura produtiva que exercem papel fundamental na economia, oferecendo condições de permanência do homem no meio rural e meios de desenvolvimento regional e contam com a agroecologia para promover preservação e geração de renda para o campo, favorecendo condições ecológicas, econômicas e culturais de diferentes perfis geográficos e populações (PELLIN, *et. al.*, 2015). A agroecologia pode ser entendida como um processo de

produção agrícola que resgata os saberes que a “revolução verde” destruiu ou escondeu, incorporando-lhes os progressos científicos dos últimos 50 anos, configurando uma metodologia que viabiliza a produção de alimentos e produtos limpos em qualquer escala (MACHADO, 2014).

Outro conceito que permeia a agricultura familiar e a agroecologia é a economia solidária, que tem sido apontada como uma alternativa inovadora e eficaz de criação de postos de trabalho, geração de renda e combate à pobreza, uma grande aliada do desenvolvimento territorial e da agricultura familiar (ASSEBURG & GAIGER, 2007). O desenvolvimento almejado é o da comunidade como um todo, não de alguns de seus membros apenas. O investimento necessário ao desenvolvimento tem que ser feito pela e para a comunidade toda, de modo que todos possam ser donos da nova riqueza produzida e beneficiar-se dela (SINGER, 2004).

Neste contexto se desenvolve o sistema de agricultura apoiada pela comunidade, as CSA – Comunidade que Sustenta a Agricultura / Comunidade Sustentada pela agricultura, é uma parceria entre membros e agricultores. Trata-se de um contrato de economia solidária que se baseia no pré-financiamento total da produção pelos membros. Esse pré-financiamento permite fornecer um crédito antecipado para os agricultores no fomento à produção. No sistema convencional, habitualmente o agricultor arca com todo o risco da produção. Esse sistema permite que os riscos dos agricultores sejam diminuídos e compartilhados com os consumidores, com vantagens para os dois lados, atuando como uma forma de inovação social com forte potencial para a mudança social e desenvolvimento territorial (DAROLT, 2014; BLÄTTEL-MINK, *et. al.*, 2017). As CSA buscam também restaurar e melhorar as paisagens ecológicas e agrícolas, é um movimento que busca criar um sistema agrícola alternativo através da agricultura e seu consumo (KONDOH, 2014).

Os estudos sobre as CSA no Brasil são recentes e há uma demanda das comunidades em buscar orientações sobre como se estabelecer enquanto uma opção sustentável levando em conta os aspectos sociais, econômicos e ambientais da produção e comercialização. Neste sentido a escolha pelas *SoLaWi – Solidarische Landwirtschaften* (Agricultura Solidária) na Alemanha como um paralelo em relação à experiência das CSA no Brasil para o desenvolvimento deste trabalho se dá pelo contexto político e

agrícola do país que possibilitou, nos últimos 40 anos, o fortalecimento dos sistemas curtos de comercialização, da agricultura orgânica e da economia solidária através de políticas públicas, estabelecendo um mercado consumidor de orgânicos e produtos locais que servem de base para a atuação da agricultura solidária, desde os anos 1980 (KNEAFSEY, *et.al.*, 2013).

Há registros na literatura de limitações e contribuições na atuação das CSA para os dois países (DAROLT, 2015; DOERNBERG, *et. al.*, 2016; KONDOH, 2014; YAMAMOTO, 2006) e mais estudos são necessários para auxiliar a consolidação do modelo de agricultura solidária entendendo os diferentes contextos e suas demandas para superação dos desafios encontrados.

Este trabalho seguirá no capítulo 2 com a conceitualização dos temas estudados para entender em quais contextos nos dois países (Brasil e Alemanha) as CSA se desenvolvem, apresentará também o referencial teórico que embasa a escolha pela metodologia utilizada. O capítulo 3 explicitará o método e as ferramentas utilizadas na coleta e análise dos dados. Os resultados destas análises estarão descritos no capítulo 4 com as contribuições elaboradas pelo trabalho. Para concluir o capítulo 5 apresentará as considerações finais acerca do trabalho.

1.2 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é analisar os aspectos sociais, econômicos e ambientais que constituem as práticas e relações das *SoLaWi* e das CSA.

Os objetivos específicos são:

1. Construir indicadores qualitativos para cada aspecto considerado, representados através das falas e interpretações dos dados para os dois países, separadamente.
2. Realizar uma comparação qualitativa dos aspectos sociais, econômicos e ambientais entre as *SoLaWi* e CSA, e
3. Descrever as estratégias e dificuldades das comunidades, para comunicar, entender, comparar e colaborar seu fortalecimento tecendo contribuições acerca dos principais desafios destacados para os aspectos estudados.

2. REVISÃO DE LITERATURA E REFERENCIAL TEÓRICO

O presente capítulo tratará das conceituações acerca dos temas abordados para a construção do trabalho. O sub-item 2.1 apresenta a agroecologia e agricultura familiar no Brasil, pois suas consolidações são intrínsecas e complementares, fortalecendo um campo de atuação para as CSA no país. O sub-item 2.2 apresentará a agricultura orgânica e os circuitos curtos de comercialização na Europa, que através de políticas públicas fortalecem a prática da agricultura solidária na região.

Consequentemente o sub-item 2.3 fará uma retrospectiva do estabelecimento e desenvolvimento das CSA nos dois países, justificando a escolha da Alemanha como fonte de contribuição devido sua consolidação na prática das CSA. O ultimo sub-item 2.4 trata de justificativa da escolha pela metodologia comunicativa crítica, seus conceitos, contribuições para a pesquisa e aplicações.

2.1 Agroecologia e agricultura familiar: a experiência no Brasil

Há uma variedade de conceitos, teóricos e práticos, sob o grande guarda-chuva da agroecologia. O processo produtivo agroecológico pressupõe, necessariamente, o respeito à condição humana. Os benefícios da produção não podem ser apropriados unilateralmente, trazendo degradação social àqueles graças aos quais ele acontece e sua dimensão social é incompatível com o aumento da pobreza. Qualquer proposta tecnológica produtiva deve gerar resultados financeiros positivos a quem a execute, diferença na agroecologia é que esses resultados não comprometam ou agridam as demais dimensões (social e ambiental) (MACHADO, 2014).

Um elemento-chave para o desenvolvimento rural tem sido o desenvolvimento de novos métodos agrícolas baseados em princípios agroecológicos, que se assemelham ao processo de produção camponês. Essa abordagem distingue-se daquela da “Revolução Verde” – que consistiu basicamente na intensificação da mecanização agrícola, utilização em larga escala dos insumos químicos (ureia, superfosfatos, cloreto de potássio e tantos outros), agrotóxicos em geral, desenvolvimento das sementes híbridas através do melhoramento genético vegetal (MACHADO, 2014) – onde, por meio da observação e aplicação dos processos ecológicos à agricultura, busca superá-la tecnicamente e fortalecer a agricultura do ponto de vista socioeconômico. Esta

contextualização apresenta a agricultura familiar a um sistema de produção e comercialização mais justo e sustentável, compatível com o modo de vida e reprodução das pessoas, para as pessoas (ALTIERI, 2008).

Os conceitos acerca da agricultura familiar são múltiplos e estudos atuais trazem a ideia central de complementaridade onde o agricultor familiar é um ator social da agricultura moderna e, de uma certa forma, ele resulta da própria atuação do Estado, que aliado ao condicionamento deste grupo ao mercado capitalista consolidam este grupo. A agricultura familiar para além de um modo de produção são constituições de sociedades camponesas, cujas dimensões econômicas, sociais, políticas e culturais são de tal forma entrelaçadas que mudanças introduzidas em uma delas afetam, como num jogo de cartas, o conjunto do tecido social (WANDERLEY, 2013).

O papel da agricultura familiar no desenvolvimento de sistemas alimentares mais sustentáveis está cada vez mais reconhecido nos debates internacionais sobre segurança e soberania alimentar. Os mercados convencionais, onde a maioria das famílias agricultoras brasileiras estão inseridas, refletem uma tendência global de concentração de renda (concentração do valor agregado) e poder (associada ao controle da informação e ao peso das negociações) (RETIÈRE, 2014). Esta situação leva a agricultura camponesa à uma crise, criando a demanda por uma importante medida nos programas de desenvolvimento rural de uma forma mais sustentável e produtiva, tal transformação somente poderá ocorrer sob o potencial de contribuições da agroecologia e a incorporação de estratégias de desenvolvimento que melhorem a qualidade de vida dos camponeses e aumentem a produtividade da terra promovendo geração de renda e trabalho (ALTIERI, 2008).

Algumas políticas públicas foram construídas ao longo dos últimos 15 anos buscando fortalecer a atuação da agricultura familiar na produção e comercialização de produtos agroalimentares. Aquino & Schneider (2015) trazem a importância histórica do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), um reconhecimento do Estado de uma categoria social capaz de produzir de forma sustentável, garantindo a segurança e soberania alimentar, destacam também os principais desafios com relação a distribuição desigual de crédito rural e a falta de

continuidade nos programas de reforma agrária, garantindo a permanência de agricultores familiares em áreas ocupadas.

Este programa, no entanto, não seria suficiente para provocar as mudanças profundas necessárias no padrão de produção do meio rural brasileiro, é necessária uma integração com outras ações governamentais, como o apoio à comercialização do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Como apontado por Grisa & Porto (2015) estas modalidades de comercialização estimulam a produção agroecológica e orgânica com um sobre-preço de até 30% aos produtos cultivados, com o incremento no valor de comercialização dos agricultores.

Há um balanço entre estas duas representações, o elo intrínseco agroecologia – agricultura familiar torna os dois conceitos complementares, falar de desenvolvimento territorial e agricultura familiar é, muitas vezes, falar de agroecologia, essa conexão é ainda mais representativa no Brasil por meio da observação de experiências junto à agricultores familiares e assentados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que assumindo a agroecologia enquanto conceito e método na agricultura familiar alcançam através do trabalho em cooperativas, um número crescente da produção de alimentos consumidos no Brasil (CARMO, 2008; ASSIS & ROMEIRO, 2005; FINATTO & SALAMONI, 2008; SILVEIRA, PETERSEN & SABOURIN, 2002; PEREZ-CASSARINO, 2012; NUNES, 2017).

2.2 Agricultura orgânica e circuitos curtos de comercialização: a experiência na Europa

Na Europa o conceito de ecologia aplicada à agricultura tem início nos anos 1970-1980 através da agricultura orgânica, a fim de enfrentar alguns dos desafios ambientais da produção agrícola convencional, surge então através da construção de políticas públicas o Plano de Ação Europeu para Alimentos e Agricultura Orgânica, elaborado em 2004, pela Comissão das Comunidades Europeias (EC, 2004). Este plano tinha como objetivo identificar o que é requerido para garantir o desenvolvimento dos setores de produção orgânica, além de estabelecer uma série de políticas designadas para encorajar a agricultura orgânica através de subsídios financeiros.

Os circuitos curtos de comercialização e a agricultura solidária surgem como novos conceitos que começam a ganhar espaço unindo o apoio das políticas públicas, mercado e sociedade civil na construção colaborativa de modelos autossuficientes de produção, processamento e distribuição de produtos agroalimentares. Segundo Balász (2012) com metas de aumentar o bem-estar de uma área em particular, estes novos modelos contribuem para o emprego local e para a regeneração econômica.

Apesar do desenvolvimento da agricultura orgânica resolver parte dos problemas ambientais, tais como contaminação por agrotóxicos, sua prática manteve a necessidade de grande quantidade de insumos externos à propriedade agrícola. Poucas mudanças de fato ocorreram nas formas das relações comerciais, e o agricultor ainda estava preso a um modelo produtivo que conta também com atravessadores na comercialização dos seus produtos finais, como mercados e lojas (SCHLICHT, *et.al.* 2012).

Buscando resolver as questões socioeconômicas de relações comerciais e modelos produtivos, uma mobilização social começa na Europa, o fortalecimento de novas redes de comercialização como Local Food Systems (LFS), Alternative Agrofood Network (AAFN), Local Food Supply Chains (LFSC), constituem redes onde há possibilidade de redistribuição do valor agregado, de criação de laços de confiança entre as pessoas envolvidas e de novas formas de associação política e governança (RETIÈRE, 2014).

Os novos modelos que surgem em reação aos problemas ambientais e socioeconômicos causados pela “Revolução Verde” trazem a mudança primeiramente para a agricultura orgânica que passa a ganhar espaço de comercialização em redes e circuitos curtos que, conseqüentemente, criaram novas relações entre produtores e consumidores (KNEAFSEY, *et. al.*, 2013). Abre-se então espaço para um novo adjetivo que, somado ao modo “sustentável” de produção abre caminho para novas formas de atuação, a pós-agricultura orgânica, o modelo “solidário” de produção e comercialização. Estas novas redes de produção e comercialização solidárias procuram por um “preço justo”, o que significa que os preços na agricultura devem levar em conta os gastos totais (incluindo custos ambientais e sociais) da produção e distribuição dos alimentos, assim sendo, o seu preço real (BRUNIRI, ROSSI & MALANDRIN, 2010).

A Comissão Europeia lançou, em 2013, um relatório (KNEAFSEY, *et. al.*, 2013) que descreve um estado da arte dos circuitos curtos de comercialização de alimentos e sistemas locais de alimentação. Através da análise de vários estudos sobre o tema observou-se que, as CSA particularmente, tentam construir comunidades e relacionamentos em torno do cultivo e dos hábitos alimentares e discutem também o mercado em termos de comunidade, onde atividades relacionadas à alimentação são construídas num conceito de vizinhança buscando a construção e a melhoria das relações. Esta reconexão, o compartilhamento do conhecimento, a solidariedade e a atenção as consequências sociais dos modelos econômicos e produtivos agroalimentares podem ser a base de uma mudança social e suas práticas são capazes de prover um senso de comunidade abarcando uma nova moral econômica revitalizando as ligações entre agricultura e sociedade (BALÁSZ, 2012).

2.3 Histórico das CSA na Alemanha e Brasil

A prática da Agricultura Solidária já recebeu diversos nomes. O termo Community Supported Agriculture (CSA) se popularizou em inglês por todo o mundo a partir de 1985 quando a prática da agricultura solidária chega aos Estados Unidos. No português a tradução “Comunidade que Sustenta a Agricultura” possibilitou manter a sigla CSA, embora outros nomes já tenham sido encontrados na literatura como “Agricultura Apoiada pela Comunidade” (CASTELO BRANCO, *et. al.*, 2011). Na Alemanha foi mantido o termo criado antes da consolidação nos Estados Unidos, *Solidarische Landwirtschaft – SoLaWi*, que pode ser traduzido para “Agricultura Solidária”, embora o termo CSA seja também muito utilizado e difundido entre os praticantes hoje em dia.

Um dos primeiros conceitos aplicados às CSA tem sua origem no ano de 1917 quando surgia a Antroposofia na Alemanha, fato que a destaca entre os outros países europeus considerados no presente trabalho. Concebida pelo filósofo Rudolf Steiner (1861 – 1925), a antroposofia se embasa na “Lei Social Fundamental”, defendendo que “quão mais a pessoa trabalhe pelo benefício da comunidade, e quão mais a comunidade for estruturada para prover as necessidades de cada indivíduo maior será o bem-estar de toda a comunidade” (LAMB, 2010. p.24, tradução nossa). Rudolf Steiner traz também conceitos sobre a teoria da Economia Associativa, buscando valores sociais mais democráticos e igualitários. Assim, procurou mostrar a importância de ampliar o

alcance das associações voluntárias na economia de negócios individuais e comércio profissional, abraçando os três aspectos da vida econômica: produção, distribuição e consumo (LAMB, 2010).

Em 1960, surge no Japão um embrião de prática do que viria a ser o modelo CSA. As *Teikei*, palavra japonesa para cooperação, foram uma reação aos impactos negativos da agricultura mecanizada e quimicamente intensiva promovida pelo governo japonês, que levaram o país a vivenciar uma crise camponesa (KONDOH, 2014). Quase duas décadas depois, surge na Suíça o primeiro modelo europeu de CSA, *Les Jardins de Cocagne*, fundado em 1978 próximo à Geneva, mais uma década segue, em um período onde poucas novas iniciativas se estabeleceram (EUROPEAN CSA RESEARCH GROUP, 2016).

No final dos anos de 1980, a Alemanha inicia a experiência das *Solidarische Landwirtschaft – SoLaWi*. Trata-se de uma fazenda comunitária, nascida em 1988. Esta fazenda é designada de *Buschberghof*, onde a produção é financiada por um grupo de pessoas que participa em diversos níveis da autogestão e/ou do próprio processo agrícola de plantio e cuidado com a terra (EUROPEAN CSA RESEARCH GROUP, 2016). Traugher Groh foi um agricultor alemão que trabalhou na fazenda *Buschberghof* no final dos anos 1980 e, ao mudar-se para os Estados Unidos, junto com o agricultor suíço Jan Vander Tuin, ajudou a fundar a primeira experiência norte-americana desta natureza, a fazenda comunitária Temple-Wilton na cidade de Nova Hampshire, quando surge a sigla americana CSA - *Community Supported Agriculture* (EUROPEAN CSA RESEARCH GROUP, 2016).

As CSA representam uma relação na qual as responsabilidades, riscos e benefícios da produção são divididos entre todas as pessoas envolvidas, trazendo segurança para os agricultores. Para quem consome, permite o acesso direto a alimentos saudáveis, frescos e a preços acessíveis. Procura possibilitar que as trocas envolvidas nestes processos sejam justas, com vistas a proporcionar benefícios sociais e ambientais, como a multiplicação da biodiversidade e a preservação dos recursos naturais. Nas palavras de Robyn Van En, “produtores de alimentos + consumidores de alimentos + comprometimento anual um com outro = CSA e possibilidades incalculáveis” (ENDERSON & VAN EN, 2007, p.3).

Baseada nos conceitos da Economia Associativa, as CSA têm por objetivo a criação de relações saudáveis buscando satisfazer as necessidades de cada membro envolvido com a comunidade. Como motor das relações econômicas, as pessoas se tornam coprodutoras, financiam a agricultura com pagamentos mensais prévios e recebem semanalmente uma cesta de alimentos em um determinado ponto de distribuição, geralmente chamado depósito (GROH & MCFADDEN, 1997). A proposta não é apenas cobrir os custos de produção dos alimentos, mas proporcionar às pessoas que trabalham com a agricultura a dignidade e a estabilidade que o atual modelo de produção global capitalista, na lógica de expansão do capital, não permite. Assim são contabilizados valores que correspondem à qualidade de vida de agricultoras e agricultores em amplo espectro, que são cobertos, em orçamento anual, pelos membros da comunidade (HENDERSON & VAN EN, 2007).

Não somente através de suporte financeiro os consumidores podem apoiar os agricultores e o local de produção agrícola, mas também atuando de maneira a oferecer seus serviços para o bem-estar da comunidade. Um maior contato dos consumidores com o local onde são produzidos seus alimentos gera, entre outras coisas, a conscientização e apreciação de limitações sazonais e geográficas da produção regional de alimentos e participação na construção do orçamento necessário para a produção. Essa consciência acaba levando a uma maior percepção quanto aos processos, naturais e de trabalho humano, envolvidos na produção de alimentos e a diferenças na qualidade dos alimentos produzidos. O desenvolvimento das relações pessoas entre agricultores e consumidores proporcionam uma comunidade que promove a sustentabilidade econômica, social e ambiental da agricultura (GROH & MCFADDEN, 1997; HENDERSON & VAN EN, 2007).

No Brasil, as iniciativas de CSA são muito recentes. O primeiro grupo começou em 1997 na cidade de Fortaleza no Ceará com o nome ADAO – Associação de Desenvolvimento da Pecuária Orgânica e permaneceu em atividade por 10 anos (YAMAMOTO, 2006). Mais recentemente, em 2011, surge na cidade de Botucatu/SP, a CSA mais antiga em atuação até os dias de hoje, a CSA Demétria. Em consulta atual (janeiro de 2018) ao site da CSA Brasil, atualmente há uma estimativa de 72 CSA em funcionamento no Brasil, destas 32 CSA estão no estado de São Paulo, outras 21 CSA

estão em articulação no Brasil, destas 11 estão no Estado de São Paulo (CSA BRASIL, 2018). O estado de São Paulo apresenta um crescimento no desenvolvimento das CSA, e conta com a atuação da rede CSA Brasil que se consolidou, em 2014, com membros das CSA da região do estado paulista.

Este movimento se mostra semelhante ao ocorrido na Europa, onde durante a década de 1980 e início dos anos 2000, o número de criação de CSA se manteve estável passando por um forte crescimento a partir de 2005. Na Europa, atualmente, já estão catalogadas 2.783 comunidades operantes, no Brasil, 72. É um movimento muito dinâmico e os números estão mudando rápido, uma vez que muitas CSA estão em fase de planejamento e estarão funcionando brevemente (EUROPEAN CSA RESEARCH GROUP, 2016).

2.4 A escolha pela metodologia comunicativa crítica

O primeiro passo, a partir do qual todo o projeto de pesquisa foi delineado, tem sua origem nos primeiros questionamentos realizados por membros da CSA – São Carlos, projeto do qual a pesquisadora faz parte desde 2014, sendo que muitos destes questionamentos começaram a fazer sentido também dentro do contexto acadêmico como sugerido por Alves-Mazzotti & Gewandsznajder (2002). Estes autores sugerem que a percepção de um problema deflagra o raciocínio e a pesquisa, levando-nos a formular hipóteses e realizar observações.

O reingresso na academia vem então em busca de espaços para reflexão e desenvolvimento de um trabalho de pesquisa sobre um tema recente e específico como o das CSA's, cujos primeiros relatos na academia brasileira são apresentados na dissertação de Yamamoto (1996), junto a este, outros autores já descreveram os potenciais e limitações do modelo CSA (DAROLT, 2015; DOERNBERG, *et. al.*, 2016; KONDOH, 2014; YAMAMOTO, 2006). Este aspecto inovador do tema demandou um empenho sobre o delineamento da pesquisa.

A pesquisa científica já teve seu embasamento unicamente no empirismo lógico, chamado também positivismo, que refletia uma crença na existência de fronteiras nítidas entre o conhecimento científico e outros que não poderiam merecer esse *status*,

fossem estes resultantes de práticas cotidianas ou de investigações que, embora se pretendendo científicas, não preenchiam as condições exigidas (ALVEZ-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 2002). A ontologia empirista do positivismo explicitava que só se pode basear a explicação em eventos observáveis e mensuráveis, conseqüentemente organizados de maneira causal através de ordem e padrão. O resultado é uma limitação dos estudos em contextos sociais de pesquisa (JONES, 2015).

Estas condições e princípios foram posteriormente questionados por vários cientistas e filósofos das ciências, no caso das ciências sociais, a crítica da “ciência tradicional”, formulada pela chamada Escola de Frankfurt, teve profundo impacto na pesquisa, especialmente nos países da América Latina (ALVEZ-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 2002).

Dentre as teorias e pesquisadores da Escola de Frankfurt, a opção feita para delineamento e execução desta pesquisa dá destaque à Teoria da Ação Comunicativa de Habermas (2001) que, associada aos conceitos de diálogo proposto por Paulo Freire (2005), na pedagogia do oprimido, deram origem a metodologia comunicativa crítica proposta por Gómez, Latorre, Sánches & Flecha (2006). A metodologia é descrita comunicativa porque supera a dicotomia objeto/sujeito mediante a categoria da intersubjetividade, e crítica porque parte da capacidade de reflexão e de autorreflexão das pessoas e da sociedade. Parte da premissa de que o conhecimento se constrói a partir do diálogo no âmbito de importantes grupos diversos (cultura, idade, poder econômico, escolaridade, classe social (GÓMEZ, *et. al*, 2006)).

A não neutralidade da ciência leva a considerar as relações de poder que estão por trás da geração de conhecimento e, para evitar que as pretensões de poder e interesses ocultos interfiram no conhecimento da realidade, é desejável estabelecer critérios que levem à ética das investigações científicas fundada em pretensões de verdade. Desta perspectiva se aceita que os enunciados científicos são produtos de um diálogo intersubjetivo com pretensões de validade sobre as situações problemáticas do mundo social (GÓMEZ, *et. al*, 2006).

O diálogo intersubjetivo coloca em operação a ideia de “mundo da vida” formulada por Schütz & Luckmann (1973), o conceito desenvolvido pelos sociólogos alemães

descreve que o conhecimento adquirido pelo indivíduo é embasado em sua interpretação do mundo, e a acumulação de conhecimento composta por todas as experiências de aprendizagem anteriores média as interações individuais. Para acessar as interpretações e interações minimizando falhas de leitura de contexto o diálogo se estabelece como ferramenta exploratória, e, ao mesmo tempo, construtiva de um novo conhecimento compartilhado. Conhecimento dito concreto, pois é expresso e validado pelos participantes e teorizado, pois é contextualizado historicamente através da comunicação científica (GÓMEZ, ELBOJ & CAPLLONCH, 2013).

A maior parte dos estudos e pesquisas com metodologia comunicativa crítica desenvolvem-se em seu local de origem, na cidade de Barcelona no centro de pesquisa em teorias e práticas que superam desigualdades (CREA). O centro de pesquisa existe desde 1991 e abriga o Programa Estrutural de Investigação da União Europeia que inclui projetos como *Workaló* (CREA, 2001-2004) e *Includ-ed* (CREA, 2006-2011). Estes e muitos outros projetos foram apresentados em 2010, em um artigo de crítica aos 10 anos de desenvolvimento da metodologia comunicativa crítica, mostrando como esta impacta a sociedade em múltiplos níveis (político, legislativo, científico e social) gerando transformação social e melhorando as realidades estudadas (GÓMEZ, RACIONERO & SODRÉ, 2010).

Membros do núcleo gestor da CSA São Carlos, que inclui a pesquisadora como participante, desenvolveram no ano de 2015 reuniões orientadas pela metodologia comunicativa crítica, que deu origem a uma monografia de especialização em educação ambiental (TORUNSKY & ORTEGA, 2015). Nesta experiência muitas questões sobre como as CSA trabalham em torno de sua organização social, financeira e de métodos de produção emergiram e, estas questões, nortearam o desenvolvimento da atual pesquisa, e através da construção deste novo conhecimento buscamos transformar a realidade de nossa comunidade.

3. METODOLOGIA

Este capítulo abordará a conceituação da metodologia comunicativa crítica, da análise de conteúdo e análise documental, os três métodos combinados compõem o arcabouço metodológico deste trabalho. Descreveremos o público estudado bem como as ferramentas utilizadas para coleta e análise de dados.

3.1 Metodologia comunicativa crítica

Como descrever da melhor forma um contexto? Como propor concretamente reflexões que possam transformar o contexto estudado? O que pode vir a serem respostas são as abordagens sociológicas atuais cada vez mais baseadas em narrativas individuais, pela razão de atribuírem significado ao fenômeno social estudado. A metodologia comunicativa crítica usa narrativas pessoais devido à fortes evidências que suportam a importância dos sujeitos como agentes de transformação e autotransformação (BEVERLY, 2000; MCLAUGHLIN & TIERNEY, 1993; RESENWALD & OCHBERG, 1992 *Apud* GÓMEZ, ELBOJ & CAPLLONCH, 2013).

A pesquisa qualitativa nestes últimos anos foi de muita importância para as ciências sociais e foi acompanhada de uma diversificação das práticas de pesquisa que abrangem uma pluralidade de pontos de vista epistemológicos e teóricos pressupondo uma grande variedade de técnicas (GROULX, 2008). Para o delineamento e execução desta pesquisa foram combinadas três metodologias qualitativas, a saber: a análise de conteúdo (FRANCO, 2005) e análise documental (CELLARD, 2008) e a metodologia comunicativa crítica (GÓMEZ, *et. al.*, 2006), como ferramenta de análise dos dados, bem como esta última também utilizada como ferramenta de coleta de dados.

A pesquisa proposta busca descrever os aspectos sociais, econômicos e ambientais por meio da construção de indicadores qualitativos que possibilitem informações que subsidiem a estruturação e fortalecimento das CSA. Para entender *como* funcionam, é preciso entender *onde* e *com quem* funcionam, desta forma, a dimensão das interpretações e pontos de vista dos participantes se torna importante para a obtenção de dados qualitativos de cada CSA, o que valida a escolha pela metodologia comunicativa crítica como adequada.

Os métodos de coleta de dados foram combinados e estão descritos no sub-item 3.3. A diferença da metodologia comunicativa crítica na coleta de dados se refere ao peso da comunicação que não necessariamente conta com uma instrumentalização detalhada e sim aposta no processo de validação pelos participantes dos dados coletados, que deve ser alcançado através da busca de consenso junto às pessoas participantes da pesquisa. Este procedimento de checagem das interpretações, segundo Alves-Mazzotti & Gewandszajder (2002), visa maximizar a confiabilidade dos resultados apresentados.

Fez-se também a escolha por metodologias múltiplas complementares pelo caráter inovador da metodologia comunicativa crítica na academia brasileira, a análise do discurso (FRANCO, 2005) e análise documental (CELLARD, 2008) são metodologias consolidadas nas ciências sociais e que vão ao encontro com os pressupostos dialógicos da metodologia comunicativa crítica.

Os diários de campo da observação comunicativa e os resultados obtidos das coletas de dados, bem como indicadores construídos para os aspectos sociais, econômicos e ambientais, foram compartilhados via e-mail com os participantes para validação, e se julgassem necessário, alterações fossem feitas. Complementações foram feitas por algumas CSA, foram incorporadas e estão descritas nos resultados.

3.2 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. Linguagem, aqui entendida, como uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais que se estabelecem na interação entre linguagem, pensamento e ação (FRANCO, 2005).

Decodificar a linguagem de forma a obter dados quantitativos qualificáveis é objetivo da análise de conteúdo e da metodologia comunicativa crítica, a última vai além, e já prevê em seu arcabouço metodológico as categorias em que os dados serão

organizados em resultados, as dimensões transformadora e excludente¹ (GÓMEZ, *et. al.*, 2006).

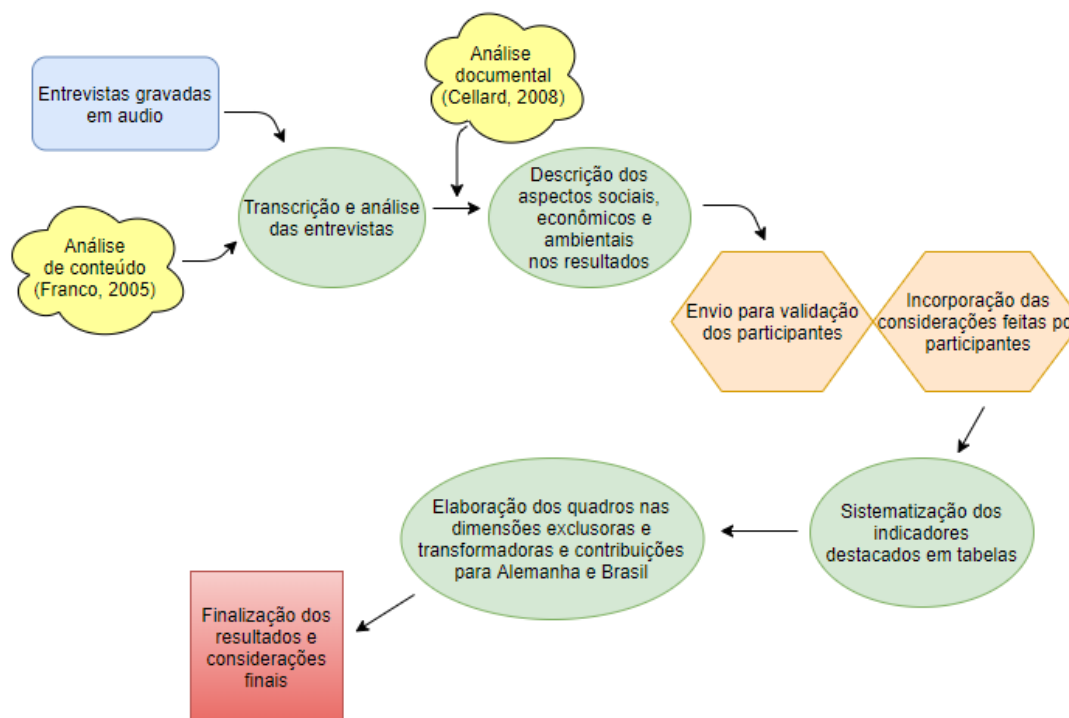
As unidades de análise, no caso da presente pesquisa, serão os temas como unidade de registro. O tema, segundo Franco (2005), é uma asserção sobre determinado assunto. Serão três grandes temas para a presente pesquisa que são descritos em: aspectos sociais, que são as relações das pessoas consigo mesma e umas com as outras buscando consolidar uma comunidade; aspectos financeiros, representando as relações financeiras estabelecidas para financiamento da produção; e aspectos ambientais, as relações estabelecidas com meio ambiente físico para obtenção da produção.

Para a análise dos dados transcritos e agrupamento dos temas optou-se pelo método da análise de conteúdo com categorias não definidas *a priori* (FRANCO, 2005). A metodologia comunicativa crítica busca a construção coletiva de todo o processo de pesquisa e categorias podem ser propostas ou reveladas nos momentos das entrevistas pelos participantes, neste contexto, escolher previamente as categorias a serem consideradas na análise poderia limitar a construção das representações dos temas.

Uma questão temática incorpora o aspecto pessoal acerca do significado de uma palavra e/ou sobre as conotações atribuídas a um conceito. E isso, com certeza, envolve não apenas componentes racionais, mas, também, ideológicos, afetivos e emocionais (FRANCO, 2005). A validação dos dados proposta pela metodologia comunicativa crítica complementa de forma a evitar interpretações fora de contexto pessoal e coletivo de cada participante. Apresentamos na figura 1 um esquema do processo de coleta e análise dos dados para a presente pesquisa.

¹ Os nomes “transformadora” e “excludente” são traduções livres da autora, obtidos do referencial teórico de Gómez, *et. al.* (2006) utilizado na pesquisa.

Figura 1. Esquema das etapas de coleta e análise de dados



Fontes: CELLARD, 2008; FRANCO, 2005; GÓMEZ, *et. al.*, 2006

3.3 Caracterização da população-alvo do estudo

Dois grupos foram escolhidos para participar da pesquisa, SoLaWi na Alemanha e CSA no estado de São Paulo, Brasil, de forma a gerar um comparativo qualitativo das informações coletadas. Um primeiro levantamento foi feito para os dois grupos nos respectivos *sites* de articulação das redes CSA Brasil e Urgenci. Foram consultadas, por meio de um e-mail convite, quais CSA no estado de São Paulo e na Alemanha teriam disponibilidade e interesse para realizar a entrevista e receber a visita da pesquisadora.

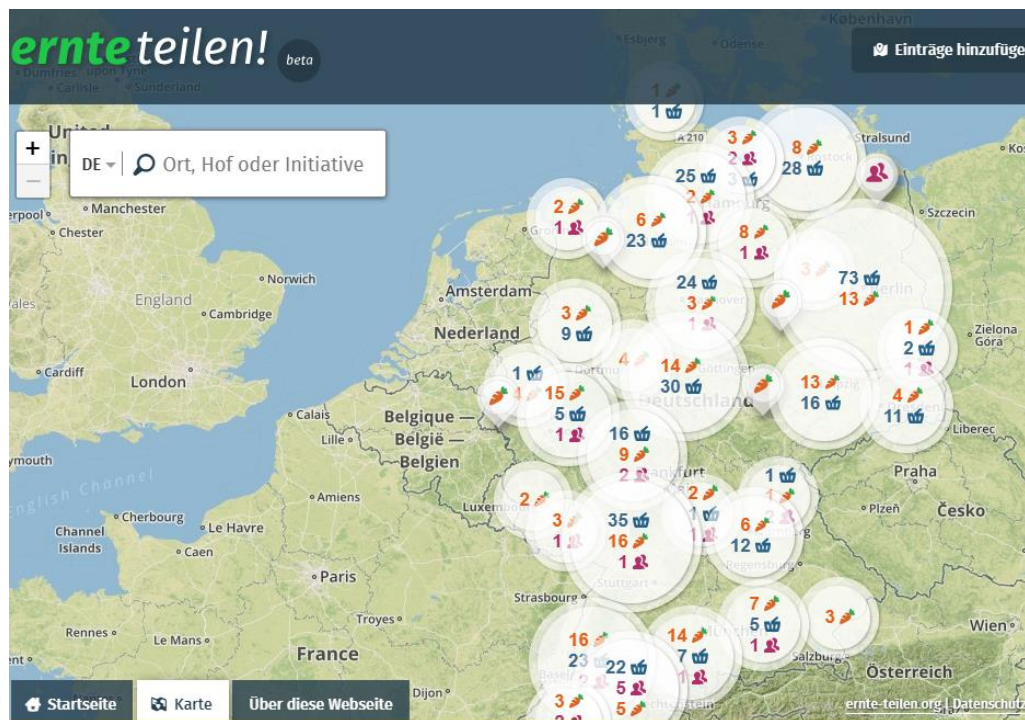
Na Alemanha foram contatadas, por e-mail, 23 CSA, destas, 7 confirmaram interesse e disponibilidade e 5 foram escolhidas pela pesquisadora por questões logísticas do trajeto a ser percorrido na viagem à Alemanha, realizada entre julho e agosto de 2016. Em São Paulo foram contatadas 11 CSA, destas, 7 confirmaram interesse e disponibilidade e 4 foram escolhidas pela pesquisadora de acordo com a disponibilidade dos agricultores em participar da pesquisa ao longo do período de coleta de dados.

3.3.1 – *SoLaWi* alemãs

O primeiro grupo a ser entrevistado é composto por CSA da Alemanha. No país a sigla *SoLaWi* para *Solidarische Landwirtschaft*, é termo que se traduz para Agricultura Solidária em português. A escolha pelo país em questão se dá pelo histórico de criação e fortalecimento das CSA. Um dos primeiros conceitos das CSA tem sua origem no ano de 1917 quando surgia a Antroposofia na Alemanha, concebida pelo filósofo Rudolf Steiner (1861 – 1925), que também elaborou conceitos sobre a teoria da Economia Associativa, buscando valores sociais mais democráticos e igualitários. Assim, procurou mostrar a importância de ampliar o alcance das associações voluntárias na economia de negócios individuais e comércio profissional, abraçando os três aspectos da vida econômica: produção, distribuição e consumo (LAMB, 2010). Em 1988 surge a primeira CSA na Alemanha, *SoLaWi Buschberghof* que está até hoje em atuação, em 2016, como mostra a figura 2, o país já contava com 92 CSA consolidadas e outras 100 em processo de fundação (EUROPEAN CSA RESEARCH GROUP, 2016).

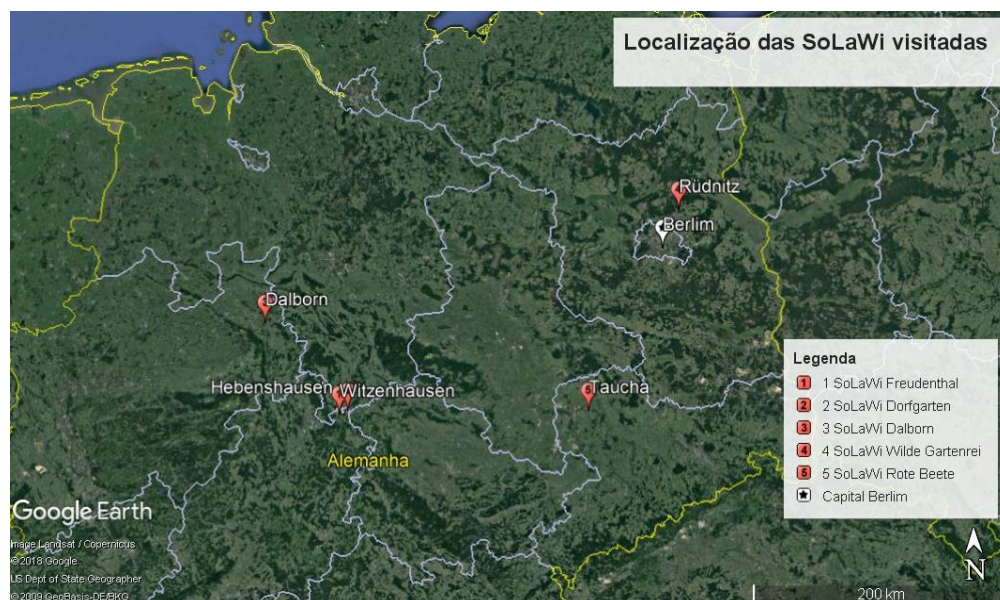
As CSA visitadas na Alemanha foram, na seguinte ordem, *SoLaWi Freudenthal* na cidade de Witzenhausen, *SoLaWi Dorfgarten* na cidade de Hebenhausen, *SoLaWi Dalborn* na cidade de Bloomberg, *SoLaWi Wilde Gartenrei* na cidade de Rüdnitz e *SoLaWi Rote Bette* na cidade de Taucha, as localizações espaciais encontram-se na figura 3. As visitas em cada fazenda duravam em média 4 dias e ocorreram entre os dias 20 de julho a 10 de agosto de 2016.

Figura 2. Mapa das SoLaWi na Alemanha



Fonte: <https://ernte-teilen.org/map>

Figura 3. Mapa das SoLaWi visitadas na Alemanha



Fonte: Google Earth

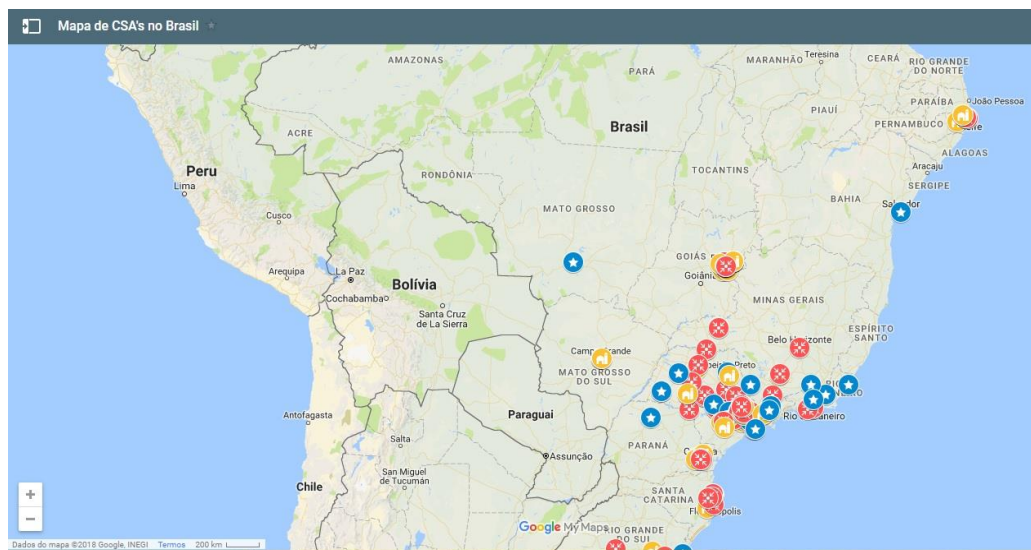
3.3.2 CSA paulistas

O segundo grupo é composto por CSA do estado de São Paulo, Brasil e a escolha pelo local se deu devido ao número de CSA na região que tem crescido muito nos últimos anos, em 2015 o estado de São Paulo contava com 10 CSA em atuação (FERREIRA NETO, *et. al.*, 2015). Em consulta atual (janeiro de 2018) ao site da CSA Brasil, atualmente há uma estimativa de 72 CSA em funcionamento no Brasil, como mostra a figura 4, destas 32 CSA estão no estado de São Paulo, outras 21 CSA estão em articulação no Brasil, destas 11 estão no Estado de São Paulo.

No Brasil, as iniciativas de CSA são muito recentes, o primeiro grupo começou em 1997, na cidade de Fortaleza no Ceará com o nome ADAO – Associação de Desenvolvimento da Pecuária Orgânica e permaneceu em atividade por 10 anos (YAMAMOTO, 2006). Mais recentemente, em 2011, surge na cidade de Botucatu/SP um novo movimento de formação de CSA. Desde então foram identificados grupos em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Pernambuco e em Minas Gerais e Santa Catarina (CSA BRASIL, 2017).

Foi realizado contato por e-mail com 7 CSA, destas 5 demonstraram interesse em participar da pesquisa e 4 foram escolhidas pela pesquisadora por questões logísticas do cronograma de pesquisa. Foram visitadas no estado de São Paulo, na seguinte ordem, CSA Demétria em Botucatu, CSA Itapê em Itapetininga, CSA SP na capital metropolitana e CSA São Carlos na cidade de mesmo nome. A localização espacial das CSA se encontra na figura 5. As visitas ocorreram entre 13 de outubro de 2017 e 31 de janeiro de 2018.

Figura 4. Mapa das CSA no Brasil



Fonte: <http://www.csabrasil.org/csa/>

Figura 5. Mapa das CSA visitadas em São Paulo



Fonte: Google Earth; <http://www.csabrasil.org/csa/>

3.4 Instrumento e forma da coleta de dados

Foi construído o Roteiro do Relato Comunicativo, de acordo com a proposta da metodologia comunicativa crítica (Gómez, *et. al.*, 2006), com 24 perguntas divididas

em 3 blocos que abrangem os temas sociais, econômicos e ambientais das realidades estudadas (apêndice A). Este roteiro foi utilizado para guiar as entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa que foram gravadas e transcritas para a realização da análise qualitativa.

Foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) o projeto de pesquisa, o Roteiro do Relato Comunicativo (apêndice A), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice B) e cronograma, após período de adequações foi emitido parecer aprovado em 20 de julho de 2016 (CAAE 56251916.1.0000.5504), liberando a etapa de coleta de dados.

As entrevistas foram estruturadas em Relatos Comunicativos e Grupos de Discussão Comunicativos que são ferramentas de coleta de dados desenvolvidas na metodologia comunicativa crítica. Estas ferramentas buscam estruturar uma narração reflexionada da vida cotidiana entre pesquisadores e participantes de forma individual, através dos relatos, ou coletiva, através dos grupos de discussão. O enfoque destas ferramentas está em realizar um processo comunicativo de entendimento e reflexão, onde as interpretações são válidas a partir das perspectivas dos participantes e dos sentidos que são atribuídos por eles (GÓMEZ, *et. al.*, 2006). Foram escolhidas para participar das entrevistas membros das CSA com diferentes níveis de envolvimento, como agricultoras e agricultores, membros envolvidos com a gestão das atividades hoje em dia, ou em algum momento no passado, buscando obter informações de forma integral não apenas de algum aspecto (social, econômico e ambiental) das CSA.

A observação comunicativa também proposta por Gómez, *et. al.* (2006) é outra ferramenta utilizada na coleta de dados e tem como objetivo compartilhar significados e interpretações sobre as ações, habilidades, atitudes, etc. nas atividades da vida cotidiana. Contou com a elaboração de um diário de campo das atividades acompanhadas nas visitas às CSA e registros visuais como fotos e vídeos.

A análise documental proposta por Cellard (2008) é um dos métodos complementares à metodologia comunicativa crítica escolhido para a realização desta pesquisa para compor a etapa de coleta de dados. Segundo o autor o documento permite

acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. Graças ao documento, pode-se operar um corte longitudinal que favoreceu a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc. Foram solicitados aos entrevistados que, se desejassem, compartilhassem seus documentos como ferramentas orçamentárias e de logística da produção como planilhas ou programas utilizados. Estes documentos nos ajudaram a entender as estratégias e ferramentas escolhidas pelas CSA e como elas podem contribuir com o fortalecimento de suas práticas e estão apresentadas nos anexos.

3.5 Análise de dados

Para a metodologia comunicativa crítica a análise de dados qualitativos é concebida como um processo que consiste em isolar as unidades básicas de conhecimento cultural que os sujeitos participantes conhecem e explorar categorias para estas unidades buscando relações para descrever o fenômeno em estudo (GÓMEZ, *et. al.*, 2006).

Esta concepção vai de acordo com a proposta por Franco (2005) que tem como ponto de partida para a análise de conteúdo: a mensagem, que pode ser oral, escrita, documental ou figurativa, e deve ser analisada criticamente de forma contextualizada de acordo com o aspecto sociocultural.

Uma combinação teórica e prática destas duas metodologias compôs a análise dos dados da pesquisa. As entrevistas realizadas foram gravadas em áudio, traduzidas, no caso das entrevistas realizadas na Alemanha que ocorreram em inglês, e transcritas.

Por meio da análise de conteúdo dos Relatos Comunicativos foram construídas três distintas categorias para identificação anônima das pessoas envolvidas, categoria **participante**, constituída de gestores e/ou membros que responderam as entrevistas, categoria **agricultor e participante**, que se refere aos agricultores que responderam as entrevistas e categoria **agricultor**, para referir-se aos agricultores das CSA que não participaram das entrevistas, mas foram citados.

A análise de conteúdo e as reflexões propostas pela metodologia comunicativa crítica permitiram a construção das seguintes variáveis: **Aspectos sociais**, se referem as pessoas, sua organização e relações estabelecidas para a construção da CSA. Os temas

que compõe os aspectos sociais são, **Perfil dos agricultores e gestores** constituído pela sistematização das respostas às questões de 1 a 5 do Roteiro de Relato Comunicativo, **Organização da CSA/SoLaWi e participação dos membros** referentes à questão 6, **Avanços e desafios no desenvolvimento da comunidade** referente à questão 7 e **Mudanças na vida dos participantes** referente às questões 8 e 9 do Roteiro de Relato Comunicativo.

Os **Aspectos econômicos**, se referem a organização financeira da comunidade e os diversos níveis de participação possíveis, estão divididos nos temas: **CSA/SoLaWi em números** respondendo às questões 10 e 11 do Roteiro de Relato Comunicativo, **Organização financeira e custos de produção** referentes às questões 12, 13 e 18, **Imprevistos** referente à questão 14, **Construção do planejamento e participação dos membros** referentes às questões 15, 17 e 20 e **Princípios e valores** que responde à questão 16 do Roteiro de Relato Comunicativo.

Os **Aspectos ambientais** referem-se aos métodos de produção, relações com a preservação do ambiente natural e impactos da agricultura, estão divididos nos temas **Modelos produtivos** referente à questão 21 do Roteiro de Relato Comunicativo, **Produtividade da terra** referente à questão 22 e **Desafios e impactos da produção** referentes às questões 23 e 24 do Roteiro de Relato Comunicativo. A questão 19 refere-se aos locais de entrega das cestas e as respostas contam na apresentação das comunidades no início dos sub-itens 4.1 e 4.2.

Os dados serão apresentados na forma descritiva dentro de sub-itens para cada aspecto (social, econômico e ambiental) onde falas transcritas serão compartilhadas e referidas anonimamente.

Esta primeira interpretação para composição e descrição dos aspectos foi enviada aos participantes por e-mail para validação dos dados, foram solicitados esclarecimentos sobre questões pendentes e alguns documentos adicionais foram solicitados, como ferramentas de organização e logística. As solicitações foram atendidas e com base nos resultados preliminares validados foram elaborados os quadros síntese e comparativos dos indicadores qualitativos dos aspectos analisados, que estão apresentados ao final dos respectivos capítulos (4.1 e 4.2). A sistematização seguiu uma generalização

mediante categorização da informação através do método comparativo constante (GÓMEZ, *et. al.*, 2006) que foi realizado entre as entrevistas das CSA da Alemanha entre si, as CSA de São Paulo entre si e, finalmente, as CSA da Alemanha e São Paulo.

A metodologia comunicativa crítica organiza os resultados em duas dimensões, a excludente, representada pelas barreiras que pessoas ou coletivos encontram que os impede de incorporar uma prática ou benefício social, e a dimensão transformadora que se constitui das categorias que ajudam a superar barreiras que impedem a incorporação de pessoas ou coletivos excluídos a práticas ou benefícios sociais. Estas dimensões devem ser identificadas como passo prévio para a concretização de ações superadoras das barreiras encontradas, pois o peso da investigação recai na busca de formas para superar as desigualdades sociais (GÓMEZ, *et. al.*, 2006).

4. RESULTADOS

Neste capítulo analisaremos de forma qualitativa as entrevistas dos participantes da pesquisa de acordo com as metodologias propostas. As entrevistas foram transcritas e trechos mais relevantes serão destacados através de falas e/ou interpretações e contextualizações. Os participantes estão identificados anonimamente de acordo com as três distintas categorias: participante; agricultor e participante; agricultor.

Serão descritas em sub-itens separados (4.1 e 4.2) as comunidades da Alemanha e do Brasil seguindo a construção das variáveis feitas na etapa de análise de dados, que organiza os resultados em:

- Aspectos Sociais abrangendo os temas: perfil dos agricultores e gestores, organização da *CSA/SoLaWi* e participação dos membros, avanços e desafios no desenvolvimento da comunidade e mudanças na vida dos participantes;
- Aspectos econômicos abrangendo os temas: *CSA/SoLaWi* em números, organização financeira e custos de produção, imprevistos, construção do planejamento e participação dos membros e princípios e valores;
- Aspectos ambientais abrangendo os temas: modelos produtivos, produtividade da terra e desafios e impactos da produção.

Quadros com os indicadores qualitativos mais relevantes para cada aspecto (social, econômico e ambiental), em cada comunidade, serão apresentados ao final dos respectivos sub-itens em forma de interpretações ou transcrições das falas. Um próximo sub-item (4.3) abordará a discussão e comparação entre os países estudados e os últimos tecendo contribuições de acordo com a literatura existente.

Os diários de campo da observação comunicativa e os resultados obtidos das interpretações dos Relatos e Grupos de Discussão Comunicativos, bem como indicadores dos aspectos sociais, econômicos e ambientais foram compartilhados via e-mail com os participantes para que, se julgassem necessário, alterações fossem feitas. Acompanhando as mensagens de e-mail até o dia 23 de abril de 2018, somente

participantes da *SoLaWi Dalborn, Freudenthal*, CSA SP e Demétria compartilharam informações complementares, como planilhas orçamentárias e de planejamento da produção que haviam sido solicitadas na coleta de dados, e descrição de novas situações que representam os indicadores qualitativos construídos, que foram então incorporados nos resultados e discussão.

4.1. *SoLaWi* – visão geral da agricultura solidária na Alemanha

Um dos primeiros conceitos das CSA tem sua origem no ano de 1917 quando surgia a Antroposofia na Alemanha, fato que a destaca entre os outros países para o contexto desta pesquisa. No final dos anos de 1980, a Alemanha conhece as *Solidarische Landwirtschaft – SoLaWi*. Trata-se de uma fazenda comunitária, nascida em 1988. Esta fazenda é designada de *Buschberghof* cuja produção é financiada por um grupo de pessoas que participa em diversos níveis da autogestão e/ou do próprio processo agrícola de plantio e cuidado com a terra (EUROPEAN CSA RESEARCH GROUP, 2016).

Durante a coleta de dados na Alemanha foram visitadas 5 fazendas que fazem parte (exclusivamente ou não) do modelo *SoLaWi*. Na região periurbana da cidade de Witzenhausen localiza-se a *SoLaWi Freudenthal*. Nesta cidade funciona um *campus* da Universidade de Kassel, referência nos estudos de agricultura ecológica e orgânica (MITTLESTRASS, 2006). Em entrevista, agricultores e participantes compartilharam que a *SoLaWi Freudenthal* surgiu em 2012 da iniciativa de estudantes e professores da Universidade e recebe a cada ano uma nova equipe de agricultores para vivenciar a agricultura solidária.

A propriedade possui aproximadamente 4 hectares de terra cultivada e é arrendada, oferecem como parte do pagamento uma cota dos alimentos que produzem, toda a produção é destinada aos membros da *SoLaWi* que conta com três depósitos, a fazenda, um depósito no centro de Witzenhausen e um depósito no vilarejo próximo à fazenda, a entrega dos alimentos é feita semanalmente e os dois depósitos fora da fazenda são pagos em dinheiro. A fazenda contava com 5 agricultores que trabalhavam na propriedade e todos participaram do Grupo de Discussão Comunicativo realizado dia 23 de julho de 2016.

Na cidade de Hebenshausen funciona desde 2013 a *SoLaWi Dorfgarten*. A sede da *SoLaWi* é uma casa coletiva onde um dos agricultores reside com outras 2 famílias, para este espaço oferecem como pagamento duas cotas da *SoLaWi*. A cidade possui pequenos espaços de terra ocupados por monocultivos, a *SoLaWi* arrenda 5 locais para sua produção totalizando uma área de 2 hectares. Toda a produção é destinada aos membros da *SoLaWi*, distribuídas semanalmente em três depósitos, um na cidade de Hebenshausen, um na cidade de Göttingen, onde também funciona uma Universidade com cursos em ciências agrárias e ambientais e se encontra a maioria dos membros, e um no vilarejo próximo a Hebenshausen, os espaços são cedidos em troca de uma cesta de alimentos semanal. A *SoLaWi* contava com 5 agricultores e 3 deles participaram do Grupo de Discussão Comunicativo realizado no dia 25 de julho de 2016.

A comunidade de *Dalborn* localizada na cidade de Bloomberg dá o nome à *SoLaWi* visitada. Um grupo de 80 pessoas se organizou e fundou uma vila comunitária que teria a *SoLaWi* como princípio de produção de seus alimentos, a partir do aumento da produção tiveram a oportunidade de trazer para a *SoLaWi* membros das cidades vizinhas como Detmold e Bielefeld onde possuem depósitos. São cerca de 15 casas distribuídas em um bairro que possui cerca de 4 hectares de terra cultivada, os terrenos são arrendados e algumas casas, como a sede da comunidade e da *SoLaWi*, foram compradas, parte do arrendamento é pago com cestas de alimentos. São 4 agricultores e um apicultor responsáveis pela produção de alimentos, destes, dois participaram dos Grupos de Discussão Comunicativos realizados individualmente no dia 31 de julho de 2016.

Na cidade de Rüdnitz funciona a fazenda *Wilde Gartenrei* onde também funciona a *SoLaWi* com mesmo nome. A fazenda possui uma pequena área de cerca de 1 hectare de terra cultivada e outros 3 terrenos estão distribuídos na cidade totalizando cerca de 4 hectares de terra cultivada pela fazenda. Os terrenos, incluindo a sede da fazenda são arrendados e pagos em dinheiro. Apenas um terço da produção é destinada à *SoLaWi Wilde Gartenrei*, o restante é comercializado em mercados e restaurantes nas cidades vizinhas, incluindo Berlim. Na fazenda mora o casal de agricultores da *SoLaWi* e contam também com mais um agricultor contratado para trabalhar na fazenda como um

todo. A agricultora e residente da fazenda, S., participou do Grupo de Discussão Comunicativo realizado em 4 de agosto de 2016.

Na pequena vila de Sehlis na cidade de Taucha localiza-se a *SoLaWi Rote Beete*. Em 2012 um grupo de pessoas, buscando viver em comunidade, comprou uma fazenda com 4 hectares de terra cultivada para produzir alimentos e iniciar uma comunidade organizada na forma de produção e gestão de uma *SoLaWi*. Na fazenda moram 6 famílias onde, em alguns momentos, muitos já se envolveram como agricultores e/ou gestores da *SoLaWi*. Em 2016 havia 6 pessoas envolvidas com a produção e gestão da *SoLaWi*, três deles moram na fazenda e fazem parte também da comunidade, e outros três moram na vila de Sehlis e estão menos envolvidos com a comunidade para além das atividades da *SoLaWi*.

Toda a produção da fazenda é destinada à *SoLaWi* e é distribuída semanalmente em 9 depósitos, 8 localizados na cidade de Leipzig e um na fazenda em Sehlis, os espaços são cedidos em troca de cestas de alimentos semanais. Das 6 pessoas envolvidas com a *SoLaWi* três participaram dos Grupos de Discussão Comunicativos realizados individualmente no dia 08 de agosto de 2016.

4.1.1 Aspectos sociais das *SoLaWi*

Perfil dos agricultores e gestores

Foi realizada uma entrevista com a participação dos 5 agricultores/gestores da *SoLaWi Freudenthal*, maioria jovens com menos de 30 anos. Agricultor e participante D. da *SoLaWi Freudenthal* cursou horticultura em Berlin onde conheceu as *SoLaWi* e optou por cursar agricultura orgânica na Universidade de Kassel em Witzenhausen e está no seu primeiro ano na *SoLaWi Freudenthal*. Agricultor e participante Jo. e F. iniciaram cursos técnicos em agriculturas e através de movimentos sociais já se relacionavam com agricultura, este é o primeiro ano dos dois trabalhando na *SoLaWi Freudenthal*. Agricultora e participante S. estudou gestão ambiental e trabalha ativamente com a agricultura desde 2012, e também está em seu primeiro ano na *SoLaWi Freudenthal*. Agricultora e participante J. é a única participante que está em seu segundo ano na *SoLaWi*, tendo participado da equipe anterior, estudou horticultura e

sempre trabalhou com produção orgânica e se interessou pela agricultura solidária recentemente e por isso optou por vir para Witzenhausen trabalhar na *SoLaWi Freudenthal*. Por meio de movimentos sociais todos os agricultores e participantes conheceram a agricultura solidária e buscaram uma *SoLaWi* onde pudessem atuar.

Dois agricultores/gestores e um gestor da *SoLaWi Rote Beete* foram entrevistados separadamente, e nota-se que o histórico com a agricultura dos participantes é recente. Nenhum vem de famílias de agricultores e os três são jovens com menos de 30 anos, tem ensino superior completo, dois em agricultura ecológica pela Universidade de Kassel em Witzenhausen e um em Sociologia.

Na *SoLaWi Dorfgarten* foram realizadas duas entrevistas coletivas, são 3 agricultores/gestores participando das entrevistas, jovens com menos de 30 anos, dentre eles apenas o agricultor e participante S. faz parte de uma família de agricultores, mesmo assim fez graduação e mestrado em engenharia mecânica para depois trabalhar na área e optar por se tornar agricultor em uma *SoLaWi*. Agricultor e participante P. foi o único que estudou agricultura através de um curso técnico. Agricultora e participante M. estudou ciências ambientais e fez mestrado observando os desafios enfrentados pela organização das *SoLaWi* na Alemanha. Os três participantes se encontraram devido ao envolvimento com movimentos sociais pela proibição dos alimentos transgênicos na Alemanha e pela defesa da agricultura urbana e decidiram levar para a prática sua militância social tornando-se agricultores da *SoLaWi Dorfgarten*.

Assim como os participantes da *SoLaWi Dorfgarten* e *Freudenthal*, as experiências de vida e militância social dos participantes levaram os da *SoLaWi Rote Beete* a entrar em contato com a agricultura e especificamente com a agricultura solidária como uma “*maneira de viver holisticamente*” (agricultora e participante C. *SoLaWi Rote Beete*), ou como uma forma de “*evitar vender para mercados onde há muito desperdício*” (participante P. *SoLaWi Rote Beete*), de uma forma ainda mais profunda o agricultor e participante K., formado em Sociologia, diz ter se interessado pela agricultura solidária pois acredita na

“*revolução através da economia solidária. (...) onde produtos não são mercadorias, as pessoas que participam do projeto (SoLaWi) recebem*

o que elas mesmas produzem, não recebem o que querem comprar no momento, mas recebem o que o projeto pode dar (...). É uma revolução nos relacionamentos da sociedade.”

Para os participantes C. e P. da *SoLaWi Rote Beete* esta já é a segunda *SoLaWi* em que trabalham como agricultores e gestores, respectivamente. Agricultor e participante K. está na *SoLaWi Rote Beete* como agricultor e gestor desde 2012 quando o projeto iniciou.

Na *SoLaWi Wilde Gartenrei* foi entrevistada a agricultora e participante, S., que mora e trabalha com seu marido, R., ambos imigrantes na Alemanha, e suas três filhas. R. é médico e se envolveu com a agricultura na sua busca de uma vida mais saudável e S., que também não vem de uma família de agricultores, ao conhece-lo participou da construção da *SoLaWi* que recebe parte da produção da fazenda.

Na *SoLaWi Dalborn* tiveram dois participantes, K. agricultora e gestora e H. membro e apicultor, ambos são também moradores da comunidade de Dalborn e possuem um longo histórico com agricultura. K. mora e trabalha em fazendas já há 15 anos e é formada em Gestão Social. H. é agricultor formado nas primeiras turmas da Universidade de Kassel em Witzenhausen e durante muitos anos trabalhou com desenvolvimento rural e social através de políticas públicas para implementação da agricultura orgânica em pequenas cidades na Alemanha, observou o movimento da agricultura solidária se consolidar no país nos últimos anos.

Organização da *SoLaWi* e participação dos membros

A organização e gestão da *SoLaWi Wilde Gartenrei* é feita pelo casal que também trabalha como agricultores. A participação dos membros da *SoLaWi* vem diminuindo ao longo do tempo e ultimamente se dá ao longo de quatro reuniões anuais organizadas pelos agricultores, porém não são deliberativas sobre a produção, apenas sobre pontos de entregas, datas, eventos, mas as decisões sobre a fazenda cabem apenas aos agricultores.

“Começamos integrando mais as pessoas nas decisões no começo, mas ao longo do tempo percebemos que as pessoas não têm

capacidade para participar nas decisões, são mais ‘consumidores’ do que esperávamos no começo. Queríamos criar uma comunidade onde as pessoas participassem mais na produção, mas todo ano íamos mais na direção de que apenas é doloroso e eles querem ser apenas consumidores” (agricultora e participante S. SoLaWi Wilde Gartenrei).

A organização da *SoLaWi Freudenthal* é feita por meio de grupos de trabalho que contam com a participação de alguns membros, cuja comunicação é feita através de e-mails, as frentes de trabalho são variadas entre frutíferas e beneficiamento, infraestrutura, festas, comunicação, máquinas, entre outros. Entre os agricultores as responsabilidades da gestão, produção e comunicação são compartilhadas em momentos de reunião durante as refeições em horário de trabalho, conversam sobre as demandas e encaminham os responsáveis. Agricultor e participante F. trabalha nas estufas, agricultora e participante J. cuida do feitiço das mudas, D. se dedica aos campos (plantio e manejo) junto com S. e Jo., que também se dedicam ao financeiro e atualmente a instalação de um sistema de irrigação.

“As responsabilidades foram distribuídas no começo da temporada, mas queremos que todos saibam um pouco de tudo, temos responsabilidades específicas, mas não significa que as executamos sozinhos, procuramos rotacionar as atividades ao longo das semanas.” (agricultor e participante D. SoLaWi Freudenthal)

A organização da gestão da *SoLaWi Rote Beete* conta com uma reunião semanal às segundas-feiras com os 5 agricultores, ao caminhar pela propriedade observam quais cultivos necessitam de quais manejos, o que precisa ser plantado, colhido, reformas estruturais, manutenção de máquinas e outras tarefas que venham a ser elencadas. Após a caminhada se reúnem para distribuir as tarefas que precisam ser feitas na semana, tudo de forma horizontal e autônoma. A cada 6 semanas acontece outro momento de reunião onde

“cerca de 30-50 pessoas mais ativas na comunidade se encontram para falar como andam os depósitos, os agricultores falam dos

cultivos e as frentes de trabalho nos atualizam sobre os assuntos que estão sendo tocados por eles. Os grupos nem sempre estão tão ativos, depende da temporada. Toda semana os agricultores mandam notícias por e-mail sobre como estão os campos, imprimem e colocam as informações nos depósitos também, essa é a maneira mais comum de nos comunicar. Outros grupos menores de e-mails trocam informações sobre suas frentes de trabalho.” (participante P. *SoLaWi Rote Beete*)

A organização da *SoLaWi Dorfgarten* acontece em reuniões semanais com os 5 agricultores. Agricultora e participante M. diz que é responsável pelas finanças e P. pela distribuição.

“A cada reunião decidimos quem vai fazer o que, mas para economizar tempo temos algumas coisas definidas. S. e M. são responsáveis pelos depósitos, P. e S. fazem as mudas que são plantadas, M. é responsável pelas máquinas e S. também cuida da comunicação com membros.” (agricultora e participante M. *SoLaWi Dorfgarten*).

Para eles é muito importante que não haja hierarquias, *“existem hierarquias de conhecimento e isso é bom, mas cada um é responsável pelo que cuida e tem liberdade para querer mudar suas funções quando quiser.”* (agricultora e participante M. *SoLaWi Dorfgarten*). Alguns membros da *SoLaWi Dorfgarten* assumem algumas atividades como transporte, comunicação em troca do pagamento pelas cestas, mas poucas pessoas participam.

A organização da *SoLaWi Dalborn* acontece por meio de reuniões semanais dos 5 agricultores para discutir o andamento das tarefas pelas quais cada um é responsável e reuniões a cada 3 meses com os membros para atualizá-los sobre a produção e planejar a próxima reunião, estas reuniões frequentemente envolvem uma celebração temática na fazenda. K. é responsável pela comunicação com os membros através de e-mails e no plantio é responsável pela produção de hortaliças e vegetais. H. é membro e também

responsável pela produção de mel da fazenda, produto que também faz parte da cesta de alimentos.

Avanços e desafios no desenvolvimento da comunidade

Muitos desafios existem no modelo de grupos de trabalho construído pela *SoLaWi Freudenthal*. A *SoLaWi* foi estruturada para receber por uma temporada (1 ano) agricultores que estudam na Universidade de Kassel em Witzenhausen como oportunidade de experiência em projetos em agricultura solidária, essa alteração anual da equipe demanda uma fase de entrosamento e aprendizado, a participação de J. nesta sua segunda temporada vem para facilitar esse processo e já trouxe resultados segundo o grupo. Como avanços o grupo reconhece que estão muito felizes com o trabalho dos membros nestes grupos, duas pessoas cuidam do financeiro e da gestão dos membros em troca das cestas de alimentos.

A *SoLaWi Rote Beete* existe desde 2012 e alguns avanços percorrem essa trajetória como a melhoria da infraestrutura e na gestão da distribuição.

“Há 4 anos atrás a atividade agrícola era pior, hoje temos mais máquinas e é mais confortável e mais produtivo, entendemos melhor a agricultura no ambiente que estamos, o clima e os manejos adequados. Temos uma planilha com o planejamento do que deve ser plantado e quando.” (agricultora e participante C. *SoLaWi Rote Beete*).

Alguns desafios ainda não foram superados, nas entrevistas com os participantes P. e C. da *SoLaWi Rote Beete* foram trazidas as dificuldades em aprender a participar da comunidade.

“Nos últimos dois anos tem menos pessoas vindo pois algumas coisas acontecem que desmotivam as pessoas ou fazem perder a confiança, como por exemplo a construção do nosso celeiro que foi calculada em 5.000 euros, mas no final foi 20.000 euros, no começo quando éramos um grupo mais novo as pessoas eram mais unidas.” (participante P. *SoLaWi Rote Beete*)

A cidade de Leipzig é conhecida por seu grande número de universitários e projetos sociais, a “*cidade utopia*” o que propicia o aumento do fluxo de participantes na comunidade “*as pessoas quando começam não entendem bem o projeto e passam por um processo educativo.*” (agricultora e participante C. *SoLaWi Rote Beete*). Como motivar as pessoas a participar, por exemplo, é uma dificuldade que exige criatividade na comunicação.

Um desafio que a comunidade também enfrenta agora com seus 4 anos de atuação é entender como seguir na consolidação da fazenda, agora que

“sua fase pioneira acabou, a empolgação diminuiu, a sensação de revolução e a nossa motivação também (...) precisamos reconhecer que agora temos que nos desenvolver mais devagar, precisamos aprender como gerenciar o poder e estar no mundo sem esquecer nossos ideais, como cuidar de si enquanto se dedica ao projeto.”
(agricultora e participante C. *SoLaWi Rote Beete*).

Alguns desafios apresentados pelos agricultores e participantes da *SoLaWi Dorfgarten* são a comunicação entre membros e agricultores, e o fato de terem que ser agricultores e gestores os deixa sobrecarregados “*principalmente na primavera quando os contratos são renovados para a nova temporada e temos que arrumar novos membros, gastamos muita energia no processo.*” (agricultor e participante P. *SoLaWi Dorfgarten*). Para a comunicação enviam uma carta por e-mail aos membros a cada duas ou três semanas, além de um livro que permanece no depósito onde informações são compartilhadas para que os membros saibam o que aconteceu no campo na última semana. “*Algumas notícias mais importantes imprimimos e deixamos no mural dos depósitos, no entanto muitas pessoas não tinham tempo para ler.*” (agricultor e participante S. *SoLaWi Dorfgarten*)

Na *SoLaWi Dalborn* o maior desafio é encarar se o modelo solidário de agricultura é válido para todos os agricultores, não apenas em grupos já consolidados em comunidades, como é o caso desta *SoLaWi*. Para o participante H. muitas vezes não é possível garantir o envolvimento de todas as pessoas da comunidade de forma a fortalecer um agricultor pois “*para muitos agricultores a melhor opção é que tenham*

uma diversificação dos canais de comercialização e uma SoLaWi pode ser prejudicial, por isso, há dúvidas se é possível torna-la uma política pública.”

Na *SoLaWi Wilde Gartenrei* há desafios com relação a baixa participação dos membros em atividades como planejamento e produção o que pode muitas vezes desmotivar os agricultores, como é o caso de S. e R., que também comercializam sua produção para restaurantes e mercados como forma de não depender apenas da *SoLaWi*, enquanto apostam em ideias para aumentar o número de membros e sua participação.

Mudanças na vida dos participantes

A nova proposta de organização e atuação das *SoLaWi* pode trazer mudanças na vida e no trabalho dos que se dedicam a ela, para além do trabalho de agricultura e gestão das CSA a autonomia para optar por trabalhar sozinho, em seus próprios horários, ou em grupo, e o compartilhamento de responsabilidades tornam-se um aprendizado que motiva os agricultores para além das recompensas financeiras do projeto. *“Posso decidir quando quero trabalhar, o que quero fazer, como quero fazer, me dá autonomia.”* (participante P. *SoLaWi Rote Beete*). Na *SoLaWi Freudenthal* agricultor e participante D. diz que:

“onde trabalhava antes era uma fazenda com apenas metade da produção para uma CSA e tinha um chefe que me dizia o que fazer, aprendi bastante, mas gosto de pensar e resolver os problemas ao invés de só agir. Aqui temos que decidir tudo juntos e isso é bom. Tenho mais responsabilidades e é desafiador, mas também muito importante para mim me sinto criativo.”

Muitas outras tarefas cabem dentro desse aspecto libertário de atribuição de tarefas. *“Muitas pessoas vêm à fazenda para ajudar e você se torna um professor, um gerente não apenas um agricultor, faz workshops, cursos, e isso é diferente de outras fazendas, é uma motivação.”* (participante P. *SoLaWi Rote Beete*).

Para os agricultores e participantes da *SoLaWi Dorfgarten* a autonomia também representa uma mudança positiva em suas vidas *“gera mais trabalho e menos dinheiro, mas é também uma realização”* (agricultor e participante S. *SoLaWi Dorfgarten*),

“trabalhar com pessoas num conceito coletivo, sem chefes e poder ser parte das decisões e confiar na equipe e não ter que controlar tudo sempre ajudou muito minha personalidade.” (agricultor e participante P. *SoLaWi Dorfgarten*). Aprender sobre a agricultura também é parte importante do projeto segundo agricultora e participante M.

A *SoLaWi Dalborn* está inserida em uma comunidade já bem estabelecida de aproximadamente 80 famílias, muitas das transformações na vida dos participantes já vieram deste contexto e para a agricultora e participante K. *“é uma mudança poder estar entre amigos e nos organizar para alcançar algo, a SoLaWi é um lindo projeto dos sonhos.”*

Uma análise dos aspectos sociais das *SoLaWi* permite afirmar que o perfil dos agricultores e gestores das *SoLaWi* entrevistadas pode ser descrito predominantemente como jovens, homens e mulheres, que possuem histórico recente com a agricultura. A decisão por dedicar-se à economia solidária e à agricultura orgânica vem, em muitos casos, da dedicação pela militância social e ambiental que desemboca em uma busca pela concretização das ideias defendidas, a busca pela prática coerente com os ideais, ou como no caso da *SoLaWi Dalborn* na busca por novas formas coletivas de vida, o desejo de construir e habitar uma comunidade.

A organização do trabalho nas *SoLaWi* é em grande parte autogestionada, com exceção do modelo apresentado pela *SoLaWi Wilde Gartenrei*, que se organiza num núcleo produtivo familiar e não tem a *SoLaWi* como única fonte de renda. Grupos de trabalho, reuniões semanais e assembleias são as metodologias utilizadas, buscando sempre autonomia na realização das tarefas que podem ser rotacionadas entre os agricultores e gestores. O estabelecimento da comunidade e das relações de confiança, a comunicação entre campo e cidade e a baixa participação dos membros são os desafios compartilhados entre todas as *SoLaWi* entrevistadas. A participação no modelo de agricultura solidária permite aos agricultores e gestores compartilhar responsabilidades, exercer a autonomia e a autogestão no ambiente de trabalho e compartilhar suas vivências e conhecimentos com outros participantes o que constitui uma mudança positiva em suas vidas.

4.1.2 Aspectos econômicos das *SoLaWi*

SoLaWi em números e precificação das cotas

No início a *SoLaWi Dorfgarten* almejava alcançar as 140 cotas com valor de €\$35 para cobrir os custos de produção e salários. O número de cotas não foi alcançado e os números foram sendo reajustados, no início de 2016 foi reduzida para 110 o número ideal de cotas com o valor médio de €\$50, os participantes acreditam que o valor inicial de custo de produção foi subestimado e com base em planilhas orçamentárias, com registros de custos das temporadas anteriores fizeram o reajuste. Até o momento da entrevista, em julho de 2016, contavam com 106 cotas, totalizando um valor anual de arrecadação de €\$63.600.

Além do valor recebido pelas cotas há também um subsídio anual de €\$2.500 que recebem para realizar atividades pedagógicas em uma escola local que apoia a *SoLaWi*. 5 das 106 cotas são destinadas ao pagamento do uso dos espaços para depósitos de entrega e nem todas as cotas possuem o mesmo valor, “*cada pessoa assina um contrato (anexo 1) e nele indica o quanto quer pagar, então avaliamos se a soma dos valores de todas as cotas cobre os custos anuais da SoLaWi*” (agricultora e participante M. *SoLaWi Dorfgarten*). A precificação nesses casos é feita de forma informal

“não há matemáticas e sim conversas e acordos. (...) é muito bom para nós ter a oportunidade da troca de alimentos sempre que possível como forma de pagamento e poder dar oportunidades para quem não pode arcar com o custo mensal de €\$50” (agricultor e participante S. *SoLaWi Dorfgarten*).

A *SoLaWi Freudenthal* contava em 2016 com 110 cotas, 95 cotas inteiras e 15 meias cotas com os respectivos valores, €\$71 e €\$35, totalizando um valor anual arrecadado de €\$86.520. Existem outras formas de contribuição em aberto na *SoLaWi*, como a realização de algumas tarefas administrativas, além da contribuição de algumas cestas de alimento para o pagamento do arrendamento da área. Agricultor e participante Jo. afirma que para a realização de tarefas administrativas e trabalhos no campo por participantes da *SoLaWi* já foi proposto uma precificação fixa de €\$10 por hora de

trabalho, que a pessoa poderia abater de sua contribuição mensal, no entanto, participante S. complementa dizendo que *“acabam recebendo menos do que trabalham, se eles realmente fossem receber o que trabalham, seria mais”* e agricultor e participante D. afirma que *“fazem isso porque realmente querem apoiar o projeto”*.

Para os membros pagantes em dinheiro existem diferentes formas de pagamento, alguns pagam a cota anual em uma parcela, outros mensalmente. Na *SoLaWi Freudenthal* um leilão também é feito na primeira assembleia da temporada. No ano de 2016, os agricultores trouxeram uma planilha orçamentária que delineava uma contribuição mensal de €\$71, alguns membros se pronunciaram, afirmando que não poderiam arcar com o valor proposto e encaminharam um leilão, onde os membros indicaram anonimamente o quanto podiam pagar. Agricultor e participante D. relatou que foram necessárias 3 rodadas para que chegassem no valor anual da produção e todos pagando uma média de €\$71 com poucas pessoas pagando mais ou menos.

O valor para a cota sofreu alterações desde o início pois há uma necessidade em remunerar bem os agricultores. A comunidade concorda e os valores vêm aumentando ao longo dos anos. Agricultor e participante D. afirma que *“muitas pessoas trabalhavam antes, mas não pelo dinheiro e para nós também é assim, mas acho que é algo contraditório fazer algo desse tipo (um projeto sustentável e solidário) para pagar as pessoas mal”*.

A *SoLaWi Dalborn* era composta, no ano de 2016, por 85 cotas no valor de €\$58, totalizando uma receita anual de €\$59.160. O valor estimado de €\$85 contava com a arrecadação de 90 membros, que ainda não foi alcançada. Outras pessoas eventualmente trabalham em troca de alimentos, a precificação em torno destes serviços é feita caso a caso. Nos anos anteriores havia a opção da meia cota por €\$35 e a inteira por €\$70, mas,

“os membros optaram por receber apenas a cesta menor e complementar com compras nos mercados locais. Com o tempo também achávamos o valor muito barato (€\$35 euros), muito mesmo, então foi aumentando para €\$45 e agora €\$58 (...) todos nós trabalhamos muito e os membros queriam que recebêssemos mais,

então chegaram na proposta de acrescentar €\$6.000 ao pagamento da nossa mão de obra” (agricultora e participante K. SoLaWi Dalborn).

A *SoLaWi Wilde Gartenrei* possui a particularidade de não destinar toda sua produção para uma comunidade, apenas 1/3 de toda produção, enquanto o restante é comercializado em restaurantes da região. Agricultora e participante S. compartilha que possuíam 20 cotas em 2016, com valor de €\$80, totalizando uma arrecadação para os agricultores de €\$19.200 por temporada. *“No começo algumas pessoas trabalhavam pelos alimentos, mas não temos mais” (agricultora e participante S. SoLaWi Wilde Gartenrei).*

A *SoLaWi Rote Beete* contava em 2016 com 108 cotas com um valor médio de €\$80, totalizando uma arrecadação anual de aproximadamente €\$103.680. Não há outras formas de contribuição, eventualmente algum membro passa por problemas financeiros e caso a caso são encontradas soluções, *“sempre que temos um caso tentamos passar pela comunidade para não sermos verticais” (agricultora e participante C. SoLaWi Rote Beete).*

O valor médio das cotas da *SoLaWi Rote Beete* tem aumentado a cada ano, junto com os custos de produção que foram subestimados no início, e os preços das cotas foram aumentando à medida que os registros mostravam a necessidade de investimentos. Outra contribuição para o aumento dos valores das cotas foi o aumento de salário dos agricultores, que antes trabalhavam 32 horas por semana e recebiam €\$800 mensais, em 2016 5 agricultores trabalhavam 25 horas semanais e recebiam €\$950. *“Isso foi uma mudança grande no financeiro, alguns membros saíram, mas outros vieram e para nós foi um investimento” (participante P. SoLaWi Rote Beete).*

Organização financeira e custos de produção

A organização da *SoLaWi Dorfgarten* é feita através de uma conta no banco regional que permite algumas ferramentas, como a identificação de membros em seus depósitos e até débito automático do pagamento das cotas quando desejado. Por serem uma ONG (Organização Não Governamental) precisam prestar contas de suas

atividades financeiras, para isso a mãe de um dos agricultores, que trabalha na área de contabilidade, ajuda a *SoLaWi* de forma voluntária. Alguns modelos de planilha foram desenvolvidos pelos agricultores para descrever e comparar as quantidades em quilos de vegetais entregues (anexo 2), a logística de manejo dos cultivos (anexo 3) e uma planilha orçamentária para os custos de produção (anexo 4), as planilhas são compartilhadas com os membros na primeira assembleia do mês.

Na *SoLaWi Dorfgarten* os valores arrecadados para uma temporada (1 ano) variam entre €\$60-70.000, a maior parte deste recurso é destinada ao pagamento dos salários dos agricultores, cerca de €\$40-50.000 por ano, os 5 agricultores da *SoLaWi Dorfgarten* têm o direito ao seguro desemprego, seguro saúde e arrecadação de imposto de renda, para isso a comunidade investe em média €\$1.200 por mês. A garantia da permanência dos agricultores é o fator que influencia a decisão pelo investimento, *“frequentemente na Alemanha para a produção de alimentos as pessoas são contratadas apenas uma parte do ano no verão como temporárias e depois de outubro a março ficam desempregadas, e nós podemos pagar alguém pelo ano inteiro”* (agricultor e participante S. *SoLaWi Dorfgarten*).

Os €\$10-20.000 restantes em orçamento estão distribuídos em despesas como €\$4.000 por ano de investimento em máquinas, €\$3.000 por ano para o aluguel das estufas e €\$3.000 por ano em mudas e sementes e outros insumos. Dentro dos insumos necessários para a produção compram fertilizantes, a maioria das sementes e mudas para as culturas das estufas como saladas, pepino, repolho e tomate. Existe um projeto de troca de sementes entre as *SoLaWi* da região onde eventualmente adquirem algo. *“Por estarmos sempre sendo comparados com a quantidade e qualidade dos mercados às vezes é difícil apostar tudo nos insumos que produzimos”* (agricultor e participante S. *SoLaWi Dorfgarten*).

A organização financeira da *SoLaWi Freudenthal* é feita através de registros em planilhas orçamentárias que são comparadas temporada a temporada para reajuste dos investimentos necessários. Esta planilha é então apresentada aos membros na primeira assembleia da temporada junto com a pretensão salarial dos agricultores. A planilha da *SoLaWi* (anexo 5) foi compartilhada via e-mail no final de 2017, após o período de coleta de dados presencial, nela é feita projeção para a temporada de 2018. O custo de

produção da *SoLaWi* em 2018, segundo planilha orçamentária (anexo 5), foi estimado em €\$118.386, destes, €\$89.426 foram investido em salários dos agricultores, €\$9.100 em recursos como sementes, adubos, entre outros, €\$6.000 foram investidos em aluguel, seguro e impostos, €\$4.650 em gastos pontuais como análise de solo, reparo de máquinas, entre outros, €\$2.210 foi investido em pagamentos para a gestão da *SoLaWi* e €\$7.000 foram armazenados em um fundo para investimentos futuros, que incluem a compra de um veículo utilitário em 2019.

Algumas sementes passaram a ser produzidas na fazenda, assim como alguns propágulos, como batatas, “*não apenas para pagar menos, porque na verdade é mais trabalho, mas é o melhor jeito de apoiar uma produção realmente local*” (agricultor e participante D. *SoLaWi Freudenthal*). O composto à base de esterco de cavalo também é produzido pelos agricultores na fazenda.

Os custos de produção da *SoLaWi Dalborn* são levantados através de uma planilha orçamentária (anexo 6) e totalizam um custo de produção anual de aproximadamente €\$65.000. Esta planilha é revisada ao final das temporadas para que sejam feitos os reajustes orçamentários necessários para o próximo período, em sua análise foi possível observar que são investidos €\$45.000 no salário dos agricultores, terceirizações, gestão, horas extras, entre outros, €\$17.700 são investidos em insumos como sementes e mudas, publicidade, aluguel de espaços, cursos, encontros, viagens, etc. São investidos aproximadamente €\$2.289 euros são investidos em máquinas, pagamentos de empréstimos, entre outros. Alguns insumos como compostos e algumas sementes são produzidas na *SoLaWi Dalborn*.

Os custos de produção da *SoLaWi Wilde Gartenrei* são registrados em planilhas que não foram compartilhadas nesta pesquisa, e são apresentadas aos membros na primeira assembleia da temporada. Participante S. informou no Relato Comunicativo que os custos da produção total da fazenda, o que inclui os produtos comercializados em restaurantes, gira em torno de €\$90-120.000 por ano. A maior parte deste valor, segundo participante S. é destinada ao investimento em máquinas, investimento em infraestrutura e compra de sementes e mudas. Parte das sementes já é produzida na fazenda, a palha e o esterco para a compostagem recebem de graça das fazendas de cavalo da região.

Os dois agricultores S. e R. que moram na *SoLaWi Wilde Gartenrei* não recebem salário e contam muito com o trabalho de voluntários como *WWOOF* (World Wide Opportunity on Organic Farms) que recebem por seu trabalho em estadia e alimentação. Um agricultor foi contratado para trabalhar e recebe um salário fixo. Apesar de não obter uma renda fixa oficial da *SoLaWi* participante S. explica que se beneficiam de muitas formas indiretas através das benfeitorias, investimentos em maquinário, e a possibilidade de produzir na fazenda a maior parte do que precisam para subsistência de sua família.

A organização financeira da *SoLaWi Rote Beete* é feita por uma planilha que não foi compartilhada com esta pesquisa. Uma planilha para a gestão da produção (anexo 7) indica a quantidade e o período de compra dos insumos, principalmente sementes, mudas e adubos, indica períodos de semeadura e plantio das culturas, períodos e quantidade de adubação do solo, e a organização semanal do trabalho em campo. De acordo com participante C. o custo anual da produção da *SoLaWi* é de aproximadamente €\$100.000, e os salários dos agricultores correspondem a 2/3 deste valor, sendo o restante para a compra de insumos, infraestrutura e máquinas. A maioria dos insumos é comprada, porém o esterco de cavalo utilizado para a produção de composto e a palha são obtidos das fazendas de cavalo da região.

Imprevistos financeiros

Poucos imprevistos financeiros ocorreram na *SoLaWi Dorfgarten*. Foi relatado pelos participantes que na temporada de 2014 uma das máquinas quebrou, um empréstimo foi feito por amigos e membros da *SoLaWi* e foi pago, desde então o passaram a contabilizar em seu orçamento anual um valor de €\$1-2.000 a mais para imprevistos e desde então não tiveram mais problemas.

Alguns imprevistos financeiros ocorreram ao longo do tempo na *SoLaWi Freudenthal* como o conserto do automóvel utilitário usado para as entregas e consertos de máquinas, a *SoLaWi* possui hoje uma reserva de aproximadamente €\$1.000 para imprevistos financeiros, além de eventuais entradas por vendas em feiras demonstrativas, palestras e aulas realizadas e apoios de ONGs. Participantes D. e S. afirmam que não foi difícil enfrentar estes desafios pois havia recurso para os

imprevistos, “o ponto é que muitos membros pagam adiantado, às vezes pelo ano inteiro, então temos muito dinheiro agora na conta” (participante D. *SoLaWi Freudenthal*).

Na *SoLaWi Dalborn* não houveram muitos imprevistos financeiros pois possuem um caixa extra para despesas, e estão sempre buscando maneiras de arrecadar mais. “Uma vez fizemos um jantar com custo de €\$80 por casal e muitos vieram, o jantar foi ótimo e usamos parte do dinheiro para consertar as máquinas e mantemos o resto para emergências.” (participante K. *SoLaWi Dalborn*).

No início de sua formação a *SoLaWi Wilde Gartenrei* enfrentou alguns imprevistos financeiros que foram resolvidos pelos agricultores com a colaboração dos membros da *SoLaWi* e recentemente possuem uma reserva que permite não sofrer com imprevistos financeiros.

“nos primeiros quatro ou cinco anos tivemos dívidas e pegamos dinheiro com parentes e amigos. Depois com a SoLaWi pedimos um fundo para comprar algumas coisas que precisávamos, e sobrou. Agora também estamos produzindo vegetais melhores e vendendo mais, no começo quando eram menores não tinha muita qualidade e agora também a SoLaWi está mais estável” (participante S. *SoLaWi Wilde Gartenrei*).

A *SoLaWi Rote Beete* contou com um grande imprevisto financeiro, a construção do celeiro, o valor orçado foi subestimado e ao final da obra foi preciso investir muito mais que o planejado, o que de acordo com participantes C. e P. pode ter abalado as relações de confiança entre membros e agricultores. No entanto um fundo de reserva para investimentos sempre fez parte da organização financeira, o que garantiu uma estabilidade à *SoLaWi*.

Construção do planejamento e participação nas decisões

O planejamento da produção da *SoLaWi Dorfgarten* para a temporada de 2016 iniciou-se com um levantamento junto aos membros via questionário *on line* sobre quais produtos gostaram ou não de receber e quais gostariam ou não de continuar recebendo

no futuro, houve baixa participação dos membros e muitas discordâncias mas “*sempre temos novas ideias de coisas novas para plantar, este ano temos pepino e pápricas que estão no campo e não nas estufas, tentamos um tipo novo de feijão (...) acho que não há muitas ideias por parte dos membros*” (participante S. *SoLaWi Dorfgarten*).

Para os participantes também não há muita participação dos membros na construção do orçamento, geralmente a equipe de agricultores apresenta o orçamento pronto e uma pretensão de salário para cada agricultor em assembleia no início da temporada. Entre os agricultores as propostas de orçamento são feitas com base em registros de custos das temporadas anteriores através das planilhas elaboradas (anexos 2, 3 e 4) e com base nos últimos registros decidem coletivamente se o valor anual da produção deve ser ajustado.

Durante a entrevista, participante M. levantou a ideia de que talvez fosse importante enviar por e-mail com antecedência estas informações para que pudessem estar mais preparados na assembleia para contribuir. Para os participantes entrevistados existem algumas condições para considerar positivo uma maior participação dos membros nas decisões e ter autonomia para decidir sozinhos,

“é bom ter mais pessoas participando em outras partes, como escolher o que plantar ou quanto plantar, pois produzirmos para eles, mas como produzimos é algo que prefiro ter autonomia (...) pois as vezes as pessoas não tem muito conhecimento e dizem que querem um trator por exemplo, mas não entendem que sem a máquina precisamos fazer tudo manualmente e não é o que queremos.” (participante S. *SoLaWi Dorfgarten*).

Na *SoLaWi Freudenthal* a participação dos membros na construção do planejamento financeiro também se dá no momento em que é apresentada na primeira assembleia da temporada a planilha orçamentária (anexo 5), onde segundo participante D. “*avaliamos quais pontos estão bem e quais outros precisam ser reavaliados, como achamos que poderia ser (...) acredito que isso ainda não é feito da melhor forma, pois a participação acaba sendo pouca*”. Quais alimentos serão produzidos na temporada também são discutidos em assembleia, quando conversam sobre quais alimentos

gostaram e quais não querem mais receber, mas dificilmente chegam a conclusões unânimes, há muitas discordâncias entre os gostos dos membros.

A construção do planejamento financeiro e de produção da *SoLaWi Dalborn* é feita com os membros na primeira assembleia do ano, onde decidem o que vão plantar, quanto vão plantar e onde será investida receita da *SoLaWi*, outras reuniões a cada 3 meses são marcadas, mas a presença dos membros é menor ao longo do ano.

“Eu acho que somos mais autônomos e geralmente os membros concordam com nossas decisões, no começo fazíamos reuniões todos os meses, depois a cada dois meses, mas vêm cerca de 20 pessoas, então nem todos estão interessados, sempre escrevemos tudo (atas das reuniões são feitas) e os membros recebem as informações por e-mail” (participante K. *SoLaWi Dalborn*).

A construção do planejamento financeiro na *SoLaWi Wilde Gartentei* tem dois grandes momentos. De acordo com participante S. há uma reunião em janeiro onde apresentam uma planilha orçamentária com a situação financeira da fazenda e outra em fevereiro onde cada membro faz uma oferta de quanto gostaria de contribuir, os agricultores então somam e com base no orçamento de toda a produção informam se será necessária outra rodada.

“Antes nós trazíamos o quanto achávamos que custava, os membros queriam que déssemos o preço apenas, eles não queriam um sistema onde pudessem escolher o que pagar, mas nós queríamos isso. A maioria ainda continua pagando mais ou menos o que pagavam antes, eles não são muito criativos com relação a isso” (participante S. *SoLaWi Wilde Gartenrei*).

Os membros da *SoLaWi Rote Beete* participam da organização financeira na primeira assembleia da temporada, em julho, onde os agricultores apresentam a planilha orçamentária e um valor de contribuição mensal é proposto, a partir deste valor os membros realizam o leilão, onde indicam anonimamente o quanto gostariam de pagar. Os agricultores da *SoLaWi* buscam a horizontalidade nas decisões e para garantir a

participação dos membros são realizadas reuniões, sem prazo fixo, puxadas pela comunicação estabelecida por e-mail entre os membros e os agricultores.

Nas assembleias anuais os membros também podem decidir com os agricultores quais cultivos querem receber e quais não gostaram, *“no começo era mais discutido, hoje em dia falam sobre algumas mudanças eventualmente”* (participante C. *SoLaWi Rote Beete*).

Princípios e valores

A *SoLaWi Dorfgarten* apoia-se em alguns princípios para a consolidação da comunidade, alguns mais expressos em práticas como o valor solidário das cotas e a solidariedade entre os membros, a criação de novas formas de economia solidária livre de mercados convencionais e transparência e horizontalidade entre os agricultores. Outros princípios como a busca pelo financiamento da produção ao invés de um valor fixo de cota ainda é uma prática um pouco distante da realidade da *SoLaWi*, pois de acordo com participante M. *“muitas pessoas não pensam assim ainda”*, participante S. concorda e complementa dizendo que

“apesar disso esse é o horizonte que mantemos, estamos tentando ainda fazer isso na prática e se for ver já acontece um pouco sim, pois em alguns meses a colheita é grande e em outros muito pouca, às vezes ficam felizes por isso e às vezes não, eles ainda estão num processo onde temos que tentar sempre explicar que é assim que funciona uma SoLaWi”.

Os princípios escolhidos pela *SoLaWi Freudenthal* são o da agricultura orgânica, *“buscamos produzir a maior variedade possível de alimentos, inclusive variedades que não se encontraria em mercados convencionais, variedades com melhor gosto e não maior produtividade, queremos maior variedade e qualidade”* (participante D. *SoLaWi Freudenthal*). A melhor valorização do salário dos agricultores também é algo que buscam, na temporada de 2018 este investimento já atinge mais de 75% dos custos de produção da *SoLaWi*.

Para a *SoLaWi Dalborn* os valores escolhidos em suas práticas refletem, de acordo com participante K. “(na importância de) *ser críticos com relação a agricultura industrial e queremos plantar nossos vegetais nós mesmos, gostamos de pensar em como você pode mudar o mundo sem tantos químicos e sem toda a energia nuclear e carvão, sem ruas enormes.*”.

Para a *SoLaWi Wilde Gartenrei* a permacultura é um valor que se reflete em muitos aspectos de sua agricultura, buscam produzir todos os insumos necessários para a manutenção da família dos agricultores e para a produção dos cultivos. A fazenda possui diversas instalações sustentáveis como banheiro seco e captação de água da chuva. Outro aspecto que pode ser levantado pelas observações feitas em campo e pelo Relato Comunicativo é o esforço em garantir o aumento da participação dos membros na estruturação do orçamento financeiro e no planejamento da produção, reforçando a prática da solidariedade como força para a consolidação da *SoLaWi*.

Para a *SoLaWi Rote Beete* a divisão dos riscos e o planejamento anual da produção é o aspecto mais importante entre os princípios da *SoLaWi*, de acordo com participante C. lhes dá segurança. “*as pessoas podem sair antes do final da temporada, mas para entrar deve se comprometer com uma temporada*”. O princípio da autonomia e da sustentabilidade econômica da agricultura orgânica são importantes e por estes motivos optam por não receber subsídios do governo.

“na Europa agricultores recebem cerca de 50% do que gastam de investimento do governo e para nós é importante ir nas reuniões dos sindicatos de agricultores e dizer que não recebemos subsídios, pois grandes agricultores acham que é impossível conseguir fazer agricultura orgânica sem subsídios, acho um argumento político forte, e que pra nós também é independência, se o governo trocar a política para nós não faz diferença” (participante C. *SoLaWi Rote Beete*).

Observando os aspectos econômicos é possível sinalizar que as *SoLaWi* subestimaram os custos de produção em sua fase inicial, principalmente no que se refere aos salários dos agricultores. Todas as *SoLaWi*, com exceção da *SoLaWi Wilde Gartnrei*

trocam cestas de alimentos como forma de pagamento por serviços administrativos, arrendamento da terra ou espaços de distribuição. As planilhas eletrônicas utilizando o software Excel são a forma utilizada por todas as *SoLaWi* para organização financeira e logística de produção, estas planilhas são compartilhadas com membros na primeira assembleia da temporada para fechamento dos investimentos necessários e definição dos preços das cotas. Maior parte do orçamento financeiro das *SoLaWi* é investido em salários dos agricultores, com exceção da *SoLaWi Wilde Gartenrei*, seguida pelo investimento em máquinas e insumos que em sua maioria não são produzidos localmente. Um valor médio para as cotas é apresentado, e na maioria das *SoLaWi* é feito um leilão onde cada membro indica anonimamente o valor que pode pagar pela cota, permitindo variações.

Todas as *SoLaWi* passaram por algum tipo de imprevisto financeiro e como resolução criaram um fundo reserva. As assembleias são a forma de maior participação dos membros, definem com agricultores os investimentos e cultivares da produção com base nas análises de registros em planilha dos anos anteriores. Há uma vontade por parte de agricultores e gestores que os membros tivessem uma participação maior, mas há dificuldade em estabelecer. Alguns princípios e valores são compartilhados entre as *SoLaWi* como solidariedade, autonomia, sustentabilidade social, através da segurança e valorização de agricultores, aliada à sustentabilidade econômica da economia solidária, e sustentabilidade ambiental com a prática da agricultura orgânica em busca de qualidade e variedade de alimentos.

4.1.3 Aspectos ambientais das *SoLaWi*

Modelos produtivos

As práticas agrícolas da *SoLaWi Dorfgarten* incluem conhecimentos acumulados por seus agricultores, participante P. trabalha também em uma fazenda orgânica e participante M. estuda agricultura biodinâmica. A ideia é minimizar as intervenções, por exemplo, não utilizam defensivos agrícolas que são permitidos na agricultura orgânica, preferem retirar manualmente larvas e insetos e pequenos animais. Não utilizam sementes transgênicas ou máquinas que revolvam o solo, buscando sua preservação microbiológica.

O modelo de produção escolhido pela *SoLaWi Freudenthal* é a agricultura orgânica, no ano de 2016 possuíam o selo *Bioland*, uma associação alemã, e estavam em busca do selo orgânico da união europeia *ECOCERT*, que consideram mais rigorosa com a preservação ambiental. Para participante D. é muito importante e um objetivo da *SoLaWi* criar solo e torna-lo melhor. Apesar de trabalharem com adubação do solo à base de leguminosas, que é exigido pelo selo *Bioland* buscam

“fazer mais trabalho com composto e esterco, pois muito da agricultura orgânica não é sustentável, não estamos fixando carbono no solo, queremos ter mais húmus e mais matéria orgânica. Não é só usar insumos biológicos, mas fazer de forma que seja bom para o sistema ecológico e tem uma diferença, os selos orgânicos muitas vezes são feitos pensando apenas na saúde das pessoas” (participante F. *SoLaWi Freudenthal*).

O modelo de produção das *SoLaWi Dalborn* e *Wilde Gartenrei* é a agricultura orgânica, em 2016, após um longo processo para ambas, contavam com certificação *Bioland*.

O modelo de produção da *SoLaWi Rote Beete* é a agricultura orgânica, sem certificação, de acordo com participante C. *“pois os membros confiam”*, no entanto, há também uma preocupação maior com relação a preservação do solo, após três anos com culturas variadas as áreas passam por um período de pousio de 2 anos, quando plantam leguminosas e gramíneas para adubação verde apenas. *“Queremos adquirir mais terra para explorar menos as áreas que temos, como fazemos ainda não é muito sustentável, teríamos que produzir menos alimentos e queremos dar mais tempo para a terra descansar”* (participante C. *SoLaWi Rote Beete*).

Produtividade da terra

Para participantes da *SoLaWi Dorfgarten* ainda não é possível afirmar se a produtividade nas áreas cultivadas vem se alterando com o tempo, para isso tem reunido informações sobre as quantidades colhidas em uma planilha (anexo 2) e tem a expectativa de poder fazer mais comparações no futuro, para os participantes essa

análise “*depende de definir o que é produtividade, pois os terrenos têm condições diferentes e variedades diferentes sendo cultivadas então não é tão fácil, mas é interessante para nós saber quanto de insumo colocamos e quanto colhemos*” (participante S. *SoLaWi Dorfgarten*).

Para participante F. da *SoLaWi Freudenthal* os terrenos que ocupam a mais tempo apresentam uma produtividade melhor, mas não conseguem avaliar com tanta certeza pois, de acordo com participante D., “*a equipe muda a cada ano e estes dados não são registrados*”.

Para participante K. da *SoLaWi Dalborn* a produtividade está ficando melhor, pois há três anos os terrenos eram pastos, “*eu vejo os repolhos ficando maiores*” (participante K. *SoLaWi Dalborn*). Análises de solo foram feitas recentemente, mas não conseguiram chegar a conclusões com relações a elas.

A produtividade da *SoLaWi Wilde Gartenrei* está melhorando de acordo com participante S., “*estamos trabalhando muito com o solo, colocando bastante esterco e não plantamos as mesmas coisas todos os anos (...) os matos estão diminuindo e estamos colhendo cada vez mais*”.

Para participante C. da *SoLaWi Rote Beete* a produtividade aumentou pois tem mais conhecimentos e estão melhorando suas técnicas, por não pesarem a colheita não sabem ao certo se estão colhendo mais, para participante C. “*a produtividade depende muito do clima, técnica, não só a questão ambiental de preservação dos nutrientes no solo*”.

Desafios e impactos da produção

O modelo de produção da *SoLaWi Dorfgarten* enfrentou alguns desafios por conta das condições ambientais da região, escassez de chuvas que afetou o desenvolvimento de algumas culturas como cenouras. Foi emitida há pouco tempo uma permissão para coletar água de um riacho próximo a uma das áreas de cultivo, a água é então transportada em recipientes para outras áreas nos períodos iniciais do desenvolvimento das culturas, quando o volume necessário se torna inviável de transportar dependem apenas das chuvas. Participante P. da *SoLaWi Dorfgarten* comunicou:

“tenho dúvidas se será possível continuar fazendo agricultura como fazemos nos próximos anos devido às mudanças climáticas, tem um jornal que publicou que na parte oeste da Alemanha a produção de alimentos diminuiu muito devido as fortes nevascas e chuvas e isso vai ser cada vez mais comum, mais regular”.

Os impactos ambientais da produção da *SoLaWi Dorfgarten* colaboram com um aumento da diversidade de plantas, principalmente por estarem inseridos numa região de monocultura de beterraba para produção de açúcar. Procuram manter plantas e flores espontâneas em seus campos junto com a uma maior diversidade de cultivos. Participante S. aponta que ocupam estas áreas há apenas 3 anos, e acreditam estar extraindo mais carbono do solo do que podem incorporar *“pois é comum na agricultura orgânica ter pequenos espaços de terra onde você precisa ser muito produtivo, então você tira, tira, tira”* (participante S. *SoLaWi Dorfgarten*). Buscando minimizar este impacto praticam a cobertura de canteiros com materiais de podas e restos de cultivos, conhecido na região como *mush* e de acordo com participante S. *“se você protege bem o solo depois estará mais preparado”*.

Participantes da *SoLaWi Freudenthal* consideram alguns dos impactos de sua produção positivos, como o cuidado com o solo, aumento da diversidade de insetos e flores que cultivam justamente para essa finalidade. Participante F. destaca também que há muitas árvores em torno dos terrenos e considerou isso interessante *“não sei dos impactos, às vezes no verão quando é mais seco imagino que elas ajudam a drenar a água para o solo e proteger as culturas do vento”* (participante F. *SoLaWi Freudenthal*). Essa busca pela qualidade do solo pode também ser definida como um desafio enfrentado por eles neste ambiente, pois segundo participante D. *“usamos muitas máquinas como única opção e isso não é muito bom para o solo.”*

Alguns impactos da produção da *SoLaWi Dalborn* já podem ser percebidos no ambiente em que estão inseridos, como o aumento da presença de flores e insetos, principalmente abelhas, graças ao trabalho com os apiários. Para participante K. é importante *“a nossa produção local, considero um bom impacto ambiental não precisar de pápricas de Israel ou tomates da Espanha que fazem uma jornada enorme”*. Há também uma maior diversidade de culturas nos campos da *SoLaWi* que de acordo com

participante K. contam com mais de 30 tipos de culturas diferentes, pois a região é cercada por monoculturas. Alguns desafios ambientais como períodos de seca prolongados ou chuvas torrenciais já atrapalharam a produção da *SoLaWi*.

O maior desafio para o modelo produtivo da *SoLaWi Wilde Gartenrei* de acordo com participante S. é o solo arenoso na região e a baixa umidade, o que dificulta a produção de vegetais na região, “*mas eu digo que é possível, se a gente investe no solo e já estamos conseguindo*” (participante S. *SoLaWi Wilde Gartenrei*). Outra dificuldade enfrentada pelos agricultores foi o acesso à terra, “*tudo já está vendido para grandes fazendas ou grandes investidores ou criadores de cavalos onde tudo é pasto, por isso precisamos comprar vários campos separados e longe um do outro*” (participante S. *SoLaWi Wilde Gartenrei*). Além de melhorar a produtividade do solo, um impacto positivo do modelo produtivo da *SoLaWi* é a diversidade de cultivos que atraem uma maior diversidade de insetos.

Participante C. da *SoLaWi Rote Beete* afirma que para saber os impactos que o modelo produtivo adotado produz no ambiente seria necessário muita observação e tempo, a região possui uma variedade de cultivos convencionais, então não acreditam que colaborem muito para a diversidade de cultivos, acredita também que poderiam melhorar a diversidade de insetos e animais se não revirassem tanto o solo com o uso dos tratores. Um desafio que o ambiente proporciona, os períodos de seca, são considerados um fator positivo, “*na agricultura orgânica um solo pesado e úmido como é aqui é difícil saber a hora certa para colocar as máquinas, é ruim ter que irrigar sempre, mas por questões de gestão é melhor saber quando regar e quanto, sem ter que se preocupar com a chuva*” (participante C. *SoLaWi Rote Beete*).

Ao observar os aspectos ambientais é notável que todas as *SoLaWi* adotam o modelo de produção orgânico, com ou sem certificação, e em todos os casos há uma preocupação em ir além do que propõem as práticas da agricultura orgânica, há preocupação com a preservação e construção do solo através da incorporação de composto, matéria orgânica e pousio. Participantes observam uma melhoria na qualidade e quantidade dos cultivos, embora nem sempre possam afirmar que o fato se deve a uma maior produtividade da terra, o que necessitaria análises mais profundas e complexas.

Alguns desafios como diminuição do período de chuvas ou tempestades foram citados por participantes, levantando a questão das mudanças climáticas e como podem afetar a produção de alimentos, o solo mal manejado e degradado de algumas regiões também é um desafio levantado. O acesso a terra também foi um desafio enfrentado pelas *SoLaWi*, dependentes em muitos casos do arrendamento de pequenas áreas espalhadas entre grandes áreas de monoculturas. As práticas dos modelos de produção escolhidos pelas *SoLaWi* trazem impactos positivos para o ambiente como aumento da diversidade de cultivos, plantas, insetos e animais silvestres, além de uma busca pela construção e preservação do solo. Um aspecto trazido por participante K. da *SoLaWi Dalborn*, e que pode ser aplicado à todas as *SoLaWi*, é o baixo consumo de combustíveis fósseis por se alimentarem de uma produção local.

4.1.4 Síntese e comparações sobre as *SoLaWi*

Uma síntese dos aspectos descritos por meio da análise dos resultados das *SoLaWi* está apresentada no quadro 1, onde as interpretações feitas com base nas falas dos participantes são comparadas e agrupadas quando apresentam homogeneidade, mostrando que é possível fazer generalizações com relação a alguns indicadores apresentados, e a contextualização de cada *SoLaWi* deve ser levada em conta nas generalizações feitas, estabelecendo comparações qualitativas.

Todos os agricultores das *SoLaWi* são jovens e possuem um histórico recente com a agricultura, buscam uma dedicação à agricultura através da militância social e ambiental, e valorizam a autonomia dos agricultores. A organização das comunidades é autogestionada, porém, apresentam dificuldades em estimular a participação dos membros. O controle financeiro das CSA é feito através de planilhas no Excel elaboradas pelos agricultores e compartilhada com membros em assembleias. Todas as CSA apresentam formas solidárias de contribuição além de valorizar princípios de sustentabilidade social econômica e ambiental. Para imprevistos financeiros todas as CSA mantêm um fundo de caixa. O desafio econômico que é possível relacionar entre todas as CSA é a subestimação dos custos de produção e salários dos agricultores, que aumenta a cada temporada aumentando também o valor das cotas. Uma comparação interessante sobre os aspectos ambientais a ser feita entre as *SoLaWi* é a preocupação com a sustentabilidade ambiental das suas práticas agrícolas, principalmente no que se

refere à preservação do solo, e como desafio o acesso à terra é compartilhado entre todas.

Quadro 1. Síntese dos indicadores dos aspectos sociais, econômicos e ambientais das *SoLaWi*

Aspectos Sociais	Aspectos econômicos	Aspectos ambientais
<p>Perfil dos agricultores e gestores das <i>SoLaWi</i> entrevistadas pode ser descrito predominantemente como jovens, homens e mulheres, que possuem histórico recente com a agricultura (todas as <i>SoLaWi</i>)</p> <p>Dedicação pela militância social e ambiental que desemboca em uma busca pela concretização das ideias defendidas e por novas formas coletivas de vida (todas as <i>SoLaWi</i>)</p> <p>Organização autogestionada e compartilhamento das responsabilidades entre grupo de agricultores e membros, assembleias deliberativas (exceção <i>SoLaWi Wilde Gartenrei</i>)</p> <p>Autonomia dos agricultores nas decisões do que acontece no campo (todas as <i>SoLaWi</i>)</p> <p>Estabelecimento da comunidade, baixa participação dos membros (todas as <i>SoLaWi</i>)</p> <p>Dificuldade nas relações de confiança (<i>SoLaWi Rote Beete</i>)</p>	<p>Subestimaram custos de produção e salários (todas as <i>SoLaWi</i>)</p> <p>Cestas como forma de pagamento por depósitos, arrendamento, serviços administrativos (<i>SoLaWi Freudenthal, Dorfgarten, Rote Beete</i>)</p> <p>Planilhas orçamentárias em Excel compartilhadas em assembleia para participação dos membros (todas as <i>SoLaWi</i>)</p> <p>Maior investimento do custo de produção são salários (todas as <i>SoLaWi</i> exceto <i>Wilde Gartenrei</i>) seguido de máquinas</p> <p>Leilão (<i>SoLaWi Freudenthal, Rote Beete e Wilde Gartenrei</i>) cota solidária (<i>Dorfgarten</i>)</p> <p>Imprevistos financeiros e criação de caixa reserva (todas as <i>SoLaWi</i>)</p>	<p>Modelo de produção orgânico, com certificado <i>Bioland</i> (<i>SoLaWi Dalborn e Wilde Gartenrei e Freudenthal</i>)</p> <p>Sem certificação, apenas da comunidade (<i>SoLaWi Rote Beete e Dorfgarten</i>)</p> <p>Preocupação com a criação e preservação do solo através da incorporação de composto, matéria orgânica e pousio (todas as <i>SoLaWi</i>)</p> <p>Melhoria na qualidade e quantidade dos alimentos, não necessariamente ligada a produtividade da terra (todas as <i>SoLaWi</i>)</p> <p>Desafios ambientais de períodos de seca prolongada e tempestades (todas as <i>SoLaWi</i>), mudanças climáticas e problemas para o futuro da agricultura (<i>SoLaWi Dorfgarten</i>), solos mal manejados e degradados (<i>SoLaWi Wilde Gartenrei</i>)</p> <p>Impactos ambientais negativos pelo uso excessivo ou inadequado de máquinas (<i>SoLaWi Freudenthal e Rote Beete</i>)</p> <p>Impactos ambientais positivos pela maior diversidade de cultivos, plantas silvestres, insetos e animais (todas as <i>SoLaWi</i>)</p>

<p>Comunicação campo-cidade por e-mail (<i>SoLaWi Rote Beete, Dalborn, Dorfgarten</i>)</p> <p>Compartilhar vivências e conhecimentos (<i>SoLaWi Dorfgarten</i>)</p>	<p>Princípios da solidariedade, autonomia e sustentabilidade social econômica e ambiental (todas as <i>SoLaWi</i>)</p>	<p>Baixo consumo de combustíveis fósseis pelo consumo local (<i>SoLaWi Dalborn</i>)</p> <p>Acesso à terra (todas as <i>SoLaWi</i>)</p>
---	--	--

Fonte: Dados da pesquisa de campo

4.2 CSA – visão geral das comunidades que sustentam a agricultura na capital e interior paulista

Desde o surgimento das CSA no Brasil em Fortaleza no ano de 1997 (YAMAMOTO, 2006), passando pelo estabelecimento da CSA Demétria, a mais antiga CSA em atuação, desde o ano de 2011, foram identificados grupos em São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (CSA BRASIL, 2018).

No ano de 2017 o interior paulista e a grande São Paulo contavam com 12 CSA em operação nas cidades de Santo André, São Paulo, Araras, Boituva, Itapetininga, Rio Claro, São Carlos, Botucatu, Bauru e Ourinhos (ORTEGA, *et. al.*, 2017). Em consulta atual (janeiro de 2018) ao site da CSA Brasil, atualmente há uma estimativa de 72 CSA em funcionamento no Brasil, destas 32 CSA estão no estado de São Paulo, outras 21 CSA estão em articulação no Brasil, destas 11 estão no Estado de São Paulo. A região apresenta um crescimento no desenvolvimento das CSA e conta com a atuação da rede CSA Brasil que se consolidou em 2014 com membros das CSA da região. Outra região que apresenta grande número de iniciativas é a cidade de Brasília, que conta com 18 CSA em funcionamento, este número aumentou no ano de 2016 em que foi iniciado um trabalho de articulação através da rede CSA Brasília, com financiamento por editais.

Durante a coleta de dados no estado de São Paulo foram visitadas 4 comunidades que fazem parte exclusivamente ou não do modelo CSA. Na cidade São Paulo funciona desde 2017 a CSA SP. A particularidade de uma grande metrópole leva CSA SP a se organizar de maneira a formar uma rede, esta rede conecta um grupo de 3 agricultores a um grupo de pessoas da metrópole paulistana distribuída em 6 depósitos CSA Pinheiros, CSA Ana Rosa, CSA Bosque da Saúde, CSA Vila Romana. Um grupo de pessoas

ligadas à logística da CSA SP recebe e distribui as cestas de alimentos semanalmente nos depósitos.

Participante S. fez parte, até o ano de 2016, da CSA Brasil e até os dias atuais é responsável pela gestão, articulação e consolidação da CSA SP e fortalecimento das CSA em São Paulo e região. Participante R. é membro da CSA Pinheiros e atua com S. na articulação e comunicação das CSA em São Paulo, agricultor e participante T. é agricultor urbano e um dos 3 agricultores que compõem o abastecimento da CSA SP, os três realizaram Relatos Comunicativos individualmente em 20 de outubro de 2017.

Na pequena cidade de Itapetininga opera a CSA de mesmo nome localizada na fazenda Terra Biodinâmica, uma antiga propriedade de monocultura de cítricos que nos últimos 8 anos passa pela transição para a produção orgânica e biodinâmica. Na fazenda mora a família de agricultores e a família da participante S., que junto a um pequeno grupo de membros é responsável pela articulação, logística e gestão da CSA Itapetininga que conta com um depósito localizado numa feira semanal na região central da cidade e outro na escola Waldorf Casa do Bosque. Foi feito um relato comunicativo com a participante em 30 de outubro de 2017.

Na cidade de Botucatu participaram da pesquisa dois membros gestores da CSA Demétria, atualmente a CSA mais antiga em atuação no Brasil desde sua fundação em 2011, está localizada no bairro Demétria, região da cidade ocupada em 1974 por imigrantes alemães para a fundação da Estância Demétria, responsável pelo pioneirismo em Agricultura Biodinâmica no Brasil (BERTALOT-BAY, 2004).

A área produtiva localiza-se dentro da propriedade do agricultor M. que abriga uma cooperativa agrícola familiar de produção orgânica que destina maior parte de sua produção para a CSA Demétria, que é composta por um grupo de CSA que atendem as cidades de Botucatu, Bauru, Ourinhos e São Paulo totalizando 7 depósitos com entregas semanais, 1 em Ourinhos, 2 em Botucatu, 3 em Bauru e 2 em São Paulo. Os dois membros do Grupo do Coração, organização da CSA Demétria composta por membros responsáveis pela gestão e logística da comunidade, participaram do Relato Comunicativo individualmente, participante C. em 13 de outubro de 2017 e participante W. em 16 de novembro de 2017.

Em dezembro de 2013 a Associação Veracidade, ONG ambientalista da cidade de São Carlos encubou a fundação da CSA São Carlos e por 2 anos cuidou da logística, planejamento e gestão da comunidade junto aos agricultores e membros. Por um período apoiaram 2 famílias de agricultores da região, e foi em 2015 que após a saída de uma das famílias, que o Sítio Centenário passou a ser o único a compor a CSA São Carlos. As entregas são feitas semanalmente às segundas-feiras e quartas-feiras em dois depósitos na região central da cidade, às segundas-feiras na Casa Tereza e às quartas-feiras no espaço Serena Terra. Participaram da pesquisa dois membros do núcleo gestor, grupo de membros que participa de forma mais ativa na logística, planejamento e gestão da comunidade após desligamento da Associação Veracidade em 2016. Os Relatos Comunicativos foram realizados individualmente em de janeiro de 2018.

4.2.1 Aspectos sociais das CSA

Perfil dos agricultores e gestores

Foram realizados três Relatos Comunicativos com um agricultor e duas gestoras da CSA SP. Agricultor e participante Tn. é agricultor urbano, jovem e possui histórico recente com agricultura. Antes de se tornar agricultor urbano fazia parte de uma associação de ciclistas urbanos que militam pela mobilidade nas grandes cidades, movimento este que, segundo ele, o apresentou às hortas urbanas.

“(...) meu contato com a agricultura veio também com as hortas urbanas aqui de São Paulo (...) descobri o que é agroecologia comecei a pesquisar e descobri várias experiências (...) essa área que a gente tá aqui que era um terreno baldio e por intervenção desses agricultores que estão aqui virou uma horta, ai tive a oportunidade de vir pra cá, ai comecei a fazer visitas de campo, estudar, ir pra congressos. Meu histórico na agricultura é urbano mesmo, minha família saiu do campo, todo mundo perdeu as esperanças de continuar a cultivar e veio pra cidade.” (Agricultor e participante Tn. CSA SP)

Agricultor C. da CSA SP é um jovem que faz parte da comunidade de apoio a cultura quilombola na região do Vale do Ribeira, e agricultor To. é um jovem que

recentemente mudou-se de São Paulo para a região do sul de Minas Gerais onde produz hortaliças, mel e cogumelos *shitake*.

Participante R. estudou engenharia ambiental e está se dedicando aos estudos em agricultura urbana, é jovem e possui histórico recente com agricultura, entrou para a CSA em 2017 e passou a se envolver na gestão e organização.

“sempre estive bem ligada com essa questão da agricultura e buscando formas de abastecimento diferentes, mas na verdade mudou muito a minha cabeça, porque eu tinha a ideia do grupo de consumo e tal eu nunca tinha conhecido uma CSA então estou aprendendo bastante.” (participante R. CSA SP).

Participante S. é arquiteta urbana, jovem e também possui histórico recente com a agricultura, participa da CSA SP desde 2011 e passou a se envolver cada vez mais com a gestão e organização da comunidade, passando pela fundação da rede CSA Brasil onde atuou até 2017.

“(...) sempre me interessei por questões que envolvem conceitos como comunidade e uma crítica teórica a modelos representativos de governança que impactam diretamente na maneira com que ocupamos o espaço, me envolvi com a permacultura e a partir daí conheci a agricultura.” (participante S. CSA SP)

Foi realizado um Relato Comunicativo na CSA Itapetininga com a gestora e proprietária da fazenda Terra Biodinâmica, participante S. é jovem e tem um histórico familiar e mais antigo com agricultura, seus avós eram donos da fazenda onde mora e trabalha atualmente, estudou hotelaria e trabalhava com hotéis ecológicos.

“Minha mãe sempre buscou uma alimentação mais saudável, quando pequenos tínhamos um agricultor que trazia a comida pra gente porque sabiam que era sem veneno, sempre gostei de natureza, questões ambientais. Estudei hotelaria, trabalhei com permacultura e hotéis ecológicos, me encantei com a agrofloresta e fui trabalhar na França.” (participante S. CSA Itapetininga).

Durante sua estadia na França trabalhou em vinícolas biodinâmicas e se aproximou das AMAPs – *Association pour le Maintien d'une Agriculture Paysanne*, modelo de agricultura solidária praticado no país. Ao voltar para o Brasil e assumir a fazenda junto com seus pais para começar uma produção orgânica, participante S. não teve uma boa experiência com o mercado de orgânicos.

“(...)fiquei bem decepcionada com o mercado de orgânico, os princípios vão só até o trabalho na terra, depois a comercialização é o mesmo esquema capitalista de te engolir, você é o primeiro da cadeia né, o da base sempre se dá mal, fui me convencendo que eu queria tirar esses atravessadores que querem ganhar mais que a gente que passou o ano todo produzindo e se preocupando e eles ganham mesmo mais do que quem produziu (...) eu já tinha ouvido falar de CSA aqui também, então fui atrás de montar uma.”
(participante S. CSA Itapetininga).

Foram realizados dois relatos comunicativos com dois membros e gestores na CSA Demétria, os dois participantes também fazem parte da CSA Brasil, instituição responsável pelo fomento e apoio as CSA no país. Participante W. reside em Bauru onde faz parte da coordenação dos depósitos da cidade vinculados a CSA Demétria, seu histórico com a CSA é recente e começou na CSA Demétria. Participante C. é morador do bairro Demétria e membro fundador da CSA, seu histórico com agricultura começou quando veio para o bairro há 15 anos, sua infância em Santarém no Pará contava com muita natureza e o quintal produtivo de sua avó. Passou um tempo morando na Alemanha onde teve contato com cesta de alimentos e as *SoLaWi*.

Na CSA São Carlos foram realizados dois Relatos Comunicativos, individualmente. Participante L. é estudante de Gestão e Análise Ambiental, jovem e se aproximou da agricultura em 2015 quando um amigo lhe apresentou a CSA São Carlos. *“Eu estava passando por inúmeras mudanças na vida e um novo olhar para a alimentação também fazia parte disso”* (participante L. CSA São Carlos). Em 2017 passou a frequentar o sítio semanalmente e trabalhar como bolsista, arranjo proporcionado pela CSA São Carlos que permite pessoas trabalharem uma média de 4 horas semanais em troca da retirada das cestas de alimentos. *“Comecei a frequentar reuniões do comitê aberto e*

próximo do meio do ano de 2017 agricultora D. me fez o convite para assumir a gestão do financeiro da CSA” (participante L. CSA São Carlos).

Participante F. é jovem, mestranda em Ecologia Aplicada e fez parte da fundação da CSA São Carlos em 2013 e era responsável pela articulação, gestão e logística da CSA, em 2015 se afastou deste trabalho voluntário, quando começou a se estruturar o comitê aberto, grupo de membros próximos da gestão da CSA. Seu histórico com a agricultura é recente e começou quando conheceu a permacultura, e posteriormente quando passou a fazer parte da Associação Veracidade, entidade ambientalista que encubou a CSA em sua formação.

Um relato autobiográfico da agricultora da CSA, D., está compartilhado na página da CSA São Carlos e através de sua análise é possível descrever seu antigo histórico com a agricultura. D. é filha de agricultores mineiros que imigraram para o estado de São Paulo ainda em sua vida jovem. Quando chegaram à São Carlos, nos anos 1970 e passaram a arrendar o Sítio Centenário começou seu trabalho na agricultura convencional com seu pai. Após um episódio ocorrido com seu pai de envenenamento por agrotóxicos, D. procurou uma formação em agricultura orgânica e ao adquirir sua certificação OCS em 2013 conheceu membros da Associação Veracidade que a convidaram para fazer parte da CSA São Carlos que estava em construção.

Organização da CSA e participação dos membros

A CSA SP é uma comunidade que sustenta a agricultura urbana, quilombola e agroecológica por meio dos 3 agricultores que participam do projeto. No entanto está dispersa em uma das mais populosas cidades do Brasil, o que cria uma demanda organizacional e logística muito desafiadora. Como aproximar pessoas da grande metrópole paulista, entre si para o fortalecimento da comunidade, e dos agricultores para de fato poder apoiá-los. Este foi o desafio que participante S. assumiu quando iniciou sua trajetória com as CSA em 2011, como membro de um dos depósitos da CSA Demétria em São Paulo. Ao longo do ano de 2017 a CSA SP aproximou novos agricultores e o vínculo com a CSA Demétria foi rompido, dando mais autonomia e horizontalidade ao processo de organização da comunidade.

Uma das responsabilidades da participante S. enquanto articuladora da CSA SP é “criar ferramentas que auxiliam no planejamento de plantio e colheita e na sensibilização dos membros, instrumentalização de agricultores e assessoria em CSA são termos que estamos começando a usar por aqui.”. Reuniões são feitas entre membros de um grupo gestor, composto por alguns membros da CSA, e levantamentos técnicos são feitos junto aos agricultores para estudar as viabilidades de produção e logística.

Para dar espaço à participação dos membros na horta urbana do agricultor e participante Tn. são organizados rodízios entre os membros para realização da colheita. Com o agricultor C. da região quilombola do Vale do Ribeira são feitas entregas mensais organizadas em encontros celebrativos, e uma equipe técnica composta pelo grupo gestor e outros membros denominada pela comunidade “expedição quilombola” faz viagens ao Vale do Ribeira para estudos de viabilidade junto ao agricultor.

Participante S. explica que a realização de assembleias para garantir a participação dos membros nas decisões não seria viável na capital, então optaram pelo uso de ferramentas virtuais

“para estimular um fluxo distribuído da comunicação como Loomio, WhatsApp e Googlegroups (...) Como não adotamos a tomada de decisão por voto, só realizamos assembleias para tratar de assuntos emergenciais (...) Adotamos práticas que remetem ao 'consentimento', que é algo que eu li sobre em um livro chamado Reinventing organizations”. (participante S. CSA SP)

Participante R. é responsável pela comunicação da CSA SP com agricultores e membros. “Usamos WhatsApp pra questões bem dinâmicas, como escolher os alimentos que vamos receber no dia, avisos de coisas pra preencher, mas a minha parte é mais via e-mail onde elaboro coisas mais extensas com mais informações e com todos os grupos de SP.” (participante R. CSA SP).

A organização da CSA Itapetininga começou muito centrada na figura da participante S. que era responsável pela comunicação e mobilização de novos membros,

gestão financeira e logística da produção. Mecanismos práticos de participação foram criados para garantir a aproximação de membros e compartilhamento de responsabilidades.

“(...) como eu estava sempre na função das compras e vendas aqui desde antes quando começou a CSA sobrou tudo pra mim, ninguém estava se envolvendo, chamei algumas pessoas pra vir me ajudar com os cálculos do valor da cota, organização da produção, eu ia atrás meio que forçando as pessoas pra fazer junto comigo porque eu queria que as pessoas vissem que eu estava fazendo uma coisa às claras né, não foi um valor que eu escolhi assim da minha cabeça.”
(participante S. CSA Itapetininga).

São realizadas reuniões mensais na CSA Itapetininga para discutir a organização da comunidade, estas reuniões acontecem na fazenda e contam muitas vezes com um mutirão e um momento celebrativo ao fim do dia *“(...) ficava muito chateada das pessoas não entenderem que aquilo não estava sendo sustentado mesmo pelo grupo e isso me machucava, estava claro eu mostrava as contas, mas ninguém estava disposto a pagar mais caro então no máximo uma ajudinha mínima pra divulgar”* (participante S. CSA Itapetininga). Após algumas reuniões na fazenda, através da vivência no campo as pessoas foram se aproximando e de acordo com suas habilidades assumindo funções, um organograma foi criado para o compartilhamento das funções e de forma prática membros foram assumindo responsabilidades e comprometimento com as tarefas executadas. Dois membros se aproximaram de forma mais constante, um para as funções de comunicação e mobilização de novos membros e outro para o controle dos pagamentos e repasses financeiros para participante S., além do revezamento dos membros na distribuição das cestas na feira, o que também é um momento de mobilização de novos membros e divulgação da CSA. Participante S. ainda é uma centralizadora dessas ações e responsável pela comunicação entre agricultor F. e os membros na cidade.

A organização da CSA Demétria conta com um “Grupo do Coração” dos quais participante C. e o agricultor M. compõem a coordenação centralizada no sítio da CSA e são também responsáveis pelo depósito no bairro Demétria. Outros representantes do

grupo do coração representam os depósitos Granja Viana em São Paulo, Ourinhos, Bauru através do participante W. e Timbó em Botucatu.

Participante W. é responsável pela distribuição dos recursos, lembrar os membros dos pagamentos e verificar se foram realizados, após a verificação são feitos os repasses aos agricultores. O grupo do coração se reúne com frequência virtualmente através de mensagens por *WhatsApp* ou e-mail. Reuniões em campo com os membros acontecem três a quatro vezes por ano e uma vez por ano uma grande assembleia é realizada para definição dos custos de produção e valores das cotas para a temporada de um ano do sítio. Quando necessárias reuniões extraordinárias são chamadas.

Participante C. explica que a CSA Demétria parte do princípio de liberdade, segundo ele abordado também pela Antroposofia, a ação para ser educativa tem que ser voluntária, e por esse motivo a participação dos membros nas reuniões e assembleias não é obrigatório.

“(...) eles não têm que participar a gente tenta despertar o interesse por esse trabalho. Tem muitas pessoas que nunca vieram e eu fico triste por eles, não bravo ou chateado. É uma questão séria tentar compreender. A gente tem que almejar o ideal e trabalhar com o real. Tem pessoas que tem limites e se você forçar quebra.” (participante C. CSA Demétria)

A organização da CSA São Carlos conta com um grupo de pessoas que compõe o comitê aberto. Tarefas como comunicação entre membros e agricultores, organização dos pagamentos, reformas e estruturas e gestão dos bolsistas são compartilhadas entre membros e agricultora.

“(membros do núcleo gestor) passaram a ajudar a me organizar, para uma nova fase de nossas vidas. Fizeram planilhas para planejamento de plantio, controle de gastos, calendário biodinâmico, mutirões nos finais de semana, idas voluntárias me auxiliar na horta, que delícia poder falar dessa revolução, dessas conquistas que muitos

agricultores não têm e assim resolvendo o problema de mão de obra”
(agricultora D. CSA São Carlos)

De acordo com participante F., a CSA em São Carlos sempre buscou funcionar de forma autogestionada.

“isso é extremamente positivo quando pensamos na formação de seus membros, na oportunidade de exercitar novas formas de organização social. Porém ao pensar em questões de ordem mais prática considero que ainda temos um longo caminho a percorrer, e ficamos limitados na eficiência de muitos processos, o que pode levar a saída de membros” (participante F. CSA São Carlos).

Dentro dos participantes do comitê aberto a CSA São Carlos definiu dois responsáveis que recebem uma porcentagem do total arrecadado com o pagamento das cotas para auxiliar na gestão da comunidade.

“Um responsável pelo financeiro que seria checagem dos pagamentos das cestas e repasse para a agricultora e outro pela comunicação principalmente checagem do e-mail da comunidade, acolhimento de pessoas interessadas, pode se estender a comunicação interna, facebook” (participante L. CSA São Carlos).

Para participante L. o fato dessas duas pessoas receberem uma ajuda financeira para a realização de algumas tarefas leva outras pessoas a sentir-se menos convidadas a se aproximar e ajudar com questões que surgem rotineiramente. Participante L. que é responsável pelo financeiro da comunidade analisa que sua responsabilidade estava atrelada a algumas restrições:

“era só olhar para a checagem dos pagamentos e quanto de repasse iria para a agricultora. Eu gostaria de ter me envolvido mais nas questões financeiras relacionadas a custos do sítio e produção que nele ocorrem. A CSA São Carlos tem dificuldades em ser totalmente transparente em relação a gastos de produção, muito disso se deve ao

fato do sítio possuir outros meios de escoamento como a prefeitura pelo PAA, PNAE e sacolão móvel e Feira”.

Assembleias ocorrem a cada 3 meses para tomada de decisões e apresentação da situação financeira e logística de produção da CSA. Reuniões extraordinárias são chamadas quando necessário, muito da comunicação do comitê aberto acontece em grupos virtuais de WhatsApp.

Avanços e desafios no desenvolvimento da comunidade

De acordo com participante S. um avanço observado na CSA SP foi *“a conquista da maturidade para aceitar o desafio de encubarmos agricultores que querem praticar CSA”*. Mas se deparam com o desafio de que sua principal limitação para isto é a disponibilidade financeira que demanda o processo de aproximação destes novos agricultores que incluem visitas de campo e estudos de viabilidade e logística. Participante S. explica que *“Tem(os) contornado isso com vaquinhas, mas como eu esgotei meus recursos pessoais, e os membros agora tem se posicionado a favor de criarmos uma associação e pleitearmos editais”* o que constituiria um novo avanço no desenvolvimento da comunidade.

A atuação da participante S. neste processo é voluntária, recebendo apenas uma ajuda de custo para os gastos com o campo, o que também inviabiliza em certos termos o desenvolvimento das atividades.

O modelo centralizado de gestão da CSA Itapetininga tornou evidente o desafio da participação dos membros e o compartilhamento das responsabilidades, dificultando a horizontalidade e autogestão desejadas por participante S., segundo ela *“as pessoas passaram a ajudar mas não com o mesmo envolvimento que o agricultor teria se estivesse fazendo, é o trabalho voluntario sem comprometimento, as pessoas fazem quando podem e não tem muito compromisso em se dedicar”*.

Um desafio enfrentado pela CSA Demétria é aumentar a aproximação dos membros e agricultores da cooperativa familiar que

“são muito fechados (agricultores da família) e não comparecem nos dias de campo com os membros, precisava ter uma interação maior e como a gente andou quebrando isso começamos a enviar em datas especiais bilhetes e cartões nos dias do campo pro pessoal da horta desejando coisas legais e isso vai quebrando o gelo e M. (agricultor) mesmo falou que todo dia de manhã o pessoal olha pros cartazes e sentem aquela motivação.” (participante W. CSA Demétria)

Outro desafio que também é um horizonte da CSA Demétria é a substituição da *“cultura do preço para a cultura do apreço, conceito da economia associativa que é um dos princípios da CSA, ela não deve estabelecer qual o valor que cada um deve pagar e sim quais as necessidades de consumo e possibilidades de apoio que cada membro apresenta, eu vi isso acontecendo na Alemanha e temos isso como meta.”* (participante W. CSA Demétria)

Um dos desafios levantados na CSA São Carlos pelo participante L. é a centralização da gestão e das decisões na agricultora. *“isso acaba gerando dificuldades no andamento de questões. Esse é um desafio que ao meu ver vem sendo bem trabalhado, principalmente em relação a autonomia do trabalho em campo dos bolsistas.”*

Para participante F. parte dessa centralização é um sintoma de uma condição que afeta não só a CSA São Carlos, mas muitas outras, o trabalho voluntário.

“O trabalho voluntário exige que membros dediquem horas “vagas” de sua jornada laboral ao funcionamento da comunidade de forma, obviamente, gratuita. Isso exige um grau maior de envolvimento no projeto, e conseqüentemente este envolvimento está vinculado a um entendimento crítico desta forma organizativa. Vivemos um momento social em que somos convocados a trabalhar cada dia mais. O que se escuta repetidamente dos membros é ‘adoraria ajudar mais, mas não consigo’, ou ‘a vida está muito corrida’. Neste aspecto ocorre um giro constante de pessoas que precisam assumir a gestão da comunidade, pois a dedicação de forma voluntária tem, muitas vezes, ‘prazo de

validade'. Cada vez que alguém novo assume qualquer aspecto inerente ao funcionamento logístico da comunidade, que contém demandas semanais, sentimos um processo de adaptação destas pessoas, por vezes refletida em confusões, falhas de gestão, entre outros impactos” (participante F. CSA São Carlos).

Os principais avanços observados pela participante F. estão relacionados ao estabelecimento de algumas trocas. *“Antes os bolsistas eram somente membros que trabalhavam diretamente na horta, agora contamos com bolsistas que trabalham na gestão, apesar de pagar de forma simbólica as horas de trabalho dedicadas à gestão, avançam no reconhecimento desta função de forma remunerada.”* (participante F. CSA São Carlos).

Outro avanço importante para a CSA São Carlos de acordo com participantes L. e F. é a utilização de ferramentas como WhatsApp pela agricultora o que facilitou muito a comunicação no grupo, mostrando que a inclusão digital do campo pode contribuir muito para o estreitamento da relação com o urbano.

Mudanças na vida dos participantes

Para participante S. da CSA SP sua aproximação com as CSA permitiu *“descobrir o meu IKIGAI”*, conceito japonês que se traduz em “a razão de ser”, um encontro entre profissão, vocação, missão e paixão. *“Estudei arquitetura como ecologia, e na CSA encontrei respostas para perguntas profundas sobre 'o manejo da casa'.”* (participante S. CSA SP).

Para o agricultor e participante Tn. fazer parte da CSA significa sentir um apoio maior, pessoas que frequentam a área para ajudar no manejo e o apoio moral.

“é difícil explicar (...) tem que passar uma rotina pra entender como é dormir pouco pra dar conta de todas as tarefas e tentar se organizar e o CSA colabora com tudo isso né, isso foi o principal motivo pra querer a possibilidade do CSA, pessoas contribuindo com algo que sobrecarrega quem vive do cultivo.”. (participante T. CSA SP).

Participante R. definiu a CSA como uma forma de neoruralismo, uma maneira de permitir a permanência de jovens no campo, como é o caso do agricultor dos agricultores da CSA SP que *“foram para o campo por uma questão ideológica e empreendedora (...) eu acredito em um novo modelo, outra proposta.”* (participante R. CSA SP).

Na CSA Itapetininga apesar da participação dos membros ser um desafio, participante S. afirma que sente o apoio da comunidade e isso é uma mudança muito boa do que vivia enquanto dependente do mercado convencional de orgânicos.

“(...) se temos alguma dificuldade ou a Kombi pifou ou quebrou o trator, o fato de sentir que tem um grupo que te apoia moralmente isso conta muito, é a melhor coisa quando a gente vai entregar cestas muita gente agradecer, isso tudo é o mais legal, ver que tem gente que gosta mesmo e a gente não tá sozinho.” (participante S. CSA Itapetininga)

Para participante W. da CSA Demétria sua vida mudou para melhor pessoalmente ao se reaproximar da agricultura e de uma alimentação saudável e profissionalmente, pois hoje em dia sua renda é obtida através do trabalho realizado em divulgação, fomento e apoio às CSA através da CSA Brasil.

Para participante L. da CSA São Carlos uma mudança positiva ocorreu possibilitando melhor entendimento de questões relacionadas a origem dos alimentos, saúde e dinâmica de produção agrícola. *“Vivi a experiência do que é fazer parte de um grupo que busca mudanças nos modos de se relacionar com a terra, alimentos e com as pessoas que estão muitas vezes tão próximas, mas tão distantes.”* (participante L. CSA São Carlos).

Quem acompanha agricultora D. ao longo de sua trajetória na CSA pode observar as mudanças em sua vida, parte disso está representado em seu relato

“Que maravilha poder fazer parte dessa comunidade, e mais, ser a agricultora da CSA São Carlos e não produtora que visa lucro, ambição, ganância, egoísmo, cada um por si e Deus pra todo mundo.”

Hoje sou agricultora comprazer, amo o que faço viso união das pessoas que juntos seremos mais, o afeto, a saúde, a qualidade de vida, algo mais. Troco a correria do dia a dia por uma boa hora de prosa sem pressa e vivendo intensamente ajudando e sendo ajudada.”
(agricultora D. CSA São Carlos).

Analisando os aspectos sociais das CSA estudadas é possível notar que todas as pessoas que se envolvem com a gestão das CSA são jovens e possuem histórico recente com a agricultura, já os agricultores são pessoas mais velhas no contexto da agricultura na família, com mais tempo de vivência, com exceção dos agricultores da CSA SP, pessoas jovens que envolveram-se recentemente com a agricultura através de um caráter de militância social, econômico ou ambiental. As CSA SP, São Carlos e Demétria compartilham uma estrutura de grupo mais próximo aos agricultores que compartilham tarefas e responsabilidades, embora na CSA SP boa parte da comunicação seja virtual devido às dificuldades de logística para encontros presenciais. Esta aproximação de um grupo de pessoas para realização de trabalhos junto aos agricultores configura uma organização autogestionada das CSA. A CSA Itapetininga passa ainda por um processo organizativo centralizado que começou a se reverter. As assembleias são a forma comum à todas as CSA para garantir a participação dos membros.

O maior desafio enfrentado pelas CSA é a participação dos membros e sua relação com o trabalho voluntário, a centralização e insustentabilidade financeiras. Para a CSA Demétria a substituição do preço pelo apreço e a integração da cooperativa de agricultores são os desafios em destaque. O desenvolvimento de ferramentas como planilhas para levantamento dos custos e logística de produção e aperfeiçoamento da comunicação virtual são avanços conquistados na superação destes desafios. A participação em uma CSA trouxe transformações para a vida das pessoas como empoderamento dos agricultores e o apoio moral oferecido nas dificuldades, reaproximação com a agricultura e uma alimentação saudável e o encontro de uma possibilidade de atuação profissional que traz sentido para a vida dos participantes.

4.2.2 Aspectos econômicos das CSA

CSA em números e precificação das cotas

A CSA SP e sua organização em rede não permite um levantamento simples de quantas pessoas participam da comunidade. São 3 agricultores e todos os membros podem acessar alimentos de todos os agricultores, mas nem todos o fazem.

Agricultor e participante Tn. da CSA SP atende 27 cotas totalizando um investimento mensal de R\$1.224 e investimento anual para a temporada que dura de setembro a agosto de cerca de R\$ 14.000, levando em conta que, segundo participante S. nem todos as 27 cotas estão desde o começo da temporada, ou seja, nem todos irão contribuir para a quantia anual completamente, pois alguns entraram apenas no segundo trimestre. Para os agricultores To. e C., segundo participante S. *“ainda não possuem dados computados para divulgação porque ainda estamos fazendo a modelagem das cotas.”*, atualmente 25 pessoas apoiam a aproximação e produção do agricultor To., alguns destes são os mesmos que apoiam o agricultor e participante Tn, mas não todos. Agricultor C. *“está com uma produção anual de cerca de 100kg de mel, então planejamos envolver cerca de 50 pessoas.”* (participante S. CSA SP).

Um aspecto econômico interessante da CSA SP é o fato de oferecerem cotas vinculadas ao excedente e não à produção sob demanda dos agricultores. Não buscam a produção de cultivos comerciais convencionais como hortaliças e legumes e *“acessam(os) alimentos como arroz, feijão, roças e não hortas.”* (participante S. CSA SP).

A CSA Itapetininga conta com 40 cotas, 11 grandes com valor mensal de R\$180 e 6 kg de alimentos e 29 pequenas com valor R\$100 e 3 kg de alimentos distribuídos entre folhas, raízes e legumes ou frutos, totalizando uma arrecadação anual de aproximadamente R\$58.560. O valor das cotas sofreu alterações ao longo do tempo não em Reais mas no aumento do peso das cestas, a ideia inicial era uma cesta de R\$180 mensais com 3 kg de alimento por semana *“isso com base no preço de mercado, mas aí eu comecei a ver que não dava certo, as pessoas estavam reclamando achava que estava caro e vinha pouco aí pra agradar eu quis oferecer mais e criamos as duas cotas”* (participante S. CSA Itapetininga).

A CSA Demétria conta hoje com 280 cotas, as cotas podem ser de 7 ou 14 itens com valores de R\$90 e R\$180 respectivamente, os valores de frete são somados e

variam de acordo com a localização dos depósitos. Há também uma cota de frutas que são adquiridas através de trocas pelo agricultor na feira biodinâmica da cidade, o valor desta cota é R\$108. Houveram reajustes nos valores das cotas devido aumento no valor dos insumos e correção da subestimação dos custos de produção. No início a CSA chegou a contabilizar 500 cotas.

“mas a coisa não caminhava legal agricultor que estava estressado e faltavam sempre itens. Era possível, mas na prática não estava fácil, conversando há três anos atrás decidimos não colocar mais pessoas, cada depósito tem o compromisso de manter aquela quantidade de cotas então quando saia alguém tinha uma lista de espera, deixamos as pessoas sair e temos mantido em 250-300 membros a pedido do agricultor.” (participante W. CSA Demétria)

A CSA São Carlos conta com 10 cotas (membros pagantes) com valor de R\$160 e aproximadamente 20 bolsistas, membros que realizam trabalhos no campo e gestão em troca da cesta de alimentos. Totalizando uma arrecadação anual de aproximadamente R\$ 19.200. O valor das cotas sofreu alterações ao longo do tempo devido a subestimação dos custos de produção. Metade da produção do sítio Centenário é destinado à CSA a outra metade é comercializada em feiras e no sacolão móvel da agricultora. O valor das cotas vem aumentando desde o início da CSA, segundo participante L. pela dificuldade em obter registros dos custos de produção e quanto de dinheiro é arrecadado através das vendas em outros canais.

Organização financeira e custos de produção

A CSA SP conta com algumas ferramentas para levantamentos dos custos de produção, este processo ainda está em andamento, os registros iniciaram em setembro de 2017. *“Temos uma metodologia própria (de levantamento dos custos e modelagem dos valores das cotas) que responde a realidade de cada agricultor de modo bastante personalizado (...) nos inspiramos em práticas como o sliding price² que consiste em*

² Sliding price, muitas vezes referido como valor solidário trata-se da variação de preços de um produto de acordo com o que pode pagar o consumidor (SILVA, 2017).

mais de uma opção de contribuição e na captação empoderada de recursos através do dragon dreaming³.” (participante S. CSA SP).

Uma planilha com os alguns dos custos do agricultor e participante Tn. foi compartilhada (anexo 8), na planilha estão descritos alguns membros, referidos como guardiões das sementes, pois suas cotas são destinadas às compras de sementes, mudas, conta de água e alguns insumos totalizando uma arrecadação de aproximadamente R\$7.000, o total dos custos anual para a aquisição destes insumos é de cerca de R\$6.000 (entre setembro de 2017 e projeções até agosto de 2018) podendo haver aumentos até o final da temporada.

Os valores anuais investidos na CSA SP além dos custos de produção como sementes, mudas, ferramentas, contas de água e salário dos agricultores cobrem despesas com o carro utilizado na logística de entrega, o pagamento de um plano de internet e celular e R\$500 mensais para os acompanhamentos técnicos semanais. Não há outras formas de pagamento na CSA SP, os membros que realizam tarefas de gestão ou logística o fazem de forma voluntária.

A organização financeira da CSA Itapetininga é feita através de uma planilha de Excel (anexo 9) e relatórios (anexo 10), que são usados pela participante S., notas e registros são apresentados mensalmente ao membro responsável pelos repasses financeiros, nestas planilhas é considerado o custo e a receita da fazenda como um todo, vendas feitas para o mercado e o arrendamento de uma área de pasto também são somadas no balanço.

A fazenda apresenta um custo de produção anual de aproximadamente R\$96.000, deste valor a maior parte é destinada ao pagamento do salário e encargos tributários dos agricultores que trabalham com carteira assinada, totalizando um custo anual de aproximadamente R\$60.200 “*o agricultor é registrado e pagamos bem, queremos mesmo isso pra valorizar quem trabalha aqui, pagar férias e sindicato*” (participante S. CSA Itapetininga). A manutenção das máquinas é o segundo maior investimento, seguido pela compra de insumos. Um valor anual de R\$54.000 é obtido pelo

³ A filosofia do Dragon Dreaming emerge da sabedoria indígena do oeste da Austrália Aborígine e é baseada em três objetivos de igual importância: Servir a Terra, Construir Comunidades, Crescimento Pessoal e realiza-se em três etapas cíclicas, sonhar, realizar e celebrar. (DRAGON DREAMING, 2018)

arrendamento do pasto da fazenda. Alguns insumos são produzidos na fazenda como composto, mudas, parte da semente e palha usada nos canteiros.

A CSA Demétria não compartilhou sua planilha orçamentária preenchida, e organiza seus registros de custos de produção com base em uma planilha de Excel (anexo 11) elaborada pela CSA Brasil, há também um modelo para elaboração dos preços das cotas com base nos preços de mercado (anexo 12) que não foi adotada por eles.

De acordo com participante W. *“o sustento do nosso organismo agrícola, e eu chamo de custo da porteira fechada chega perto de R\$700.000 por ano”*. A maior parte deste recurso é investida no salário dos agricultores, seguido do investimento em máquinas. O que custa menos é a compra de sementes e de insumos externos que *“hoje são bem mínimos pois o organismo agrícola já está bem equilibrado.”* (participante W CSA Demétria). Para o participante W. o que influencia esse processo são os reajustes de inflação e de preço dos insumos, além de uma necessidade em remunerar bem os agricultores. *“quando começamos o valor era bem adequado ao que pratica no mercado e hoje a gente já tem um cenário onde os agricultores ganham acima do que se paga na região.”* (participante W. CSA Demétria). Existem outras formas de contribuição que não o pagamento da cota, no entanto estes casos são tratados individualmente com participação do agricultor e geralmente mantidos em sigilo para conforto do membro que se encontra vulnerável financeiramente. Em alguns casos o dinheiro para o pagamento da cota de membros que não podem arcar com o custo é retirado do fundo de reserva e devolvido quando possível.

De acordo com agricultora D. da CSA São Carlos, quando decidiu fazer parte da CSA não haviam registros dos custos de produção e os valores foram subestimados.

“Me perguntaram ‘quanto você precisa pra produzir pra CSA’ e eu ‘como assim?’ Ai falaram ‘insumos, sementes, óleo diesel, aluguel do sítio, energia, tudo’. Ai que a coisa pegou. Não tenho nenhum dado anotado. Baseamos o valor numa planilha e quando me dei conta eu estava pagando para trabalhar e sustentando uma família enorme que

era essa comunidade. Voltamos a rever os preços, daí aumentou mais um pouco” (agricultora D. CSA São Carlos).

Algumas tentativas de sistematizar os custos de produção iniciaram, gerando um modelo de planilha presente no anexo 13. Na planilha é possível analisar que investimentos em salário dos agricultores e manutenção das máquinas e carros são praticamente proporcionais, em torno de R\$1.800 mensais, os custos totais mensais de produção incluindo insumos, energia, internet e arrendamento da terra giram em torno de R\$7.000, somando um valor anual de aproximadamente R\$84.000. No entanto pelo baixo número de membros pagantes, a CSA São Carlos ainda não apoia a produção da agricultora integralmente com dinheiro, e sim com a força de trabalho dos bolsistas.

Quase nenhum insumo é produzido na fazenda, o esterco vem da propriedade, mas é comprado do pai da agricultora, responsável pelo cuidado dos animais.

Imprevistos financeiros

A CSA SP já passou por diversos imprevistos financeiros que geralmente são encaminhados com a mobilização dos membros, realização de vaquinhas, doações e não possuem um fundo de reserva atualmente. Participante S. informou que estão buscando consolidar um CNPJ para que a CSA SP possa pleitear editais de financiamento.

A CSA Itapetininga já passou por alguns imprevistos financeiros como roubo de máquinas, e eventuais meses com poucos membros que culminou em balanços negativos. Um fundo de caixa da CSA eventualmente cobre estes custos, embora haja questionamentos por parte de alguns membros se é adequado, há uma diferenciação pouco clara entre equipamentos e espaços de responsabilidade da fazenda e outros da CSA. Muitas vezes estes imprevistos são apresentados à comunidade em reuniões, mas não há engajamento de todos os membros em apoiar os agricultores. *“eu apresento para as pessoas nas reuniões e o saldo tá sempre negativo porque vai acumulando e todo mundo olha pra isso e fica por isso mesmo”* (participante S. CSA Itapetininga).

A CSA Demétria passou por um imprevisto financeiro que desenha bem a relação que se estabelece neste tipo de situação na comunidade. Durante a crise hídrica de 2013 surgiu a necessidade de abrir um novo poço para irrigação da propriedade, no entanto

um dos membros levantou a questão do desperdício gerado pela irrigação por aspersão utilizada na época e propôs um novo modelo por gotejamento.

“tínhamos um membro que era especialista em irrigação então ele doou o projeto da irrigação e dava uns R\$10.000 pra instalar, fizemos uma carta e mandamos pros membros pedindo um valor pra cada, todo mundo colaborou na hora, fizemos o mutirão de instalação, então foi um apoio muito importante.” (participante C. CSA Demétria)

A comunidade conta com um fundo de caixa, cada membro destina R\$2 de sua cota mensal para este fundo, no entanto todo final de temporada o que resta deste recurso é dividido entre os agricultores, e eventuais emergências são resolvidas pela mobilização da comunidade.

Muitos imprevistos financeiros aconteceram na CSA São Carlos, a maior parte devido ao conserto de máquinas e carros. Durante a crise hídrica de 2015 uma cisterna foi construída em caráter de emergência e também trouxe um custo inesperado para a comunidade. Em todas as ocasiões, de acordo com participante L. as demandas são levadas aos membros que se organizam para a captação de recursos. *“Pizzadas, rifas, festa junina foram meios de se levantar um bom dinheiro para pagar o conserto do trator.”* (participante L. CSA São Carlos). As festas juninas já se tornaram um evento anual e são responsáveis por uma grande entrada de dinheiro. A CSA possui um fundo de reserva, mas que invariavelmente encontra-se em necessidade de uso.

Construção do planejamento e participação nas decisões

O planejamento financeiro da CSA SP é feito através de levantamentos e visitas técnicos realizados pelo grupo de pessoas próximos à gestão periodicamente, uma modelagem das cotas é feita de acordo com planilhas personalizadas e não há assembleias para garantir a participação dos membros neste sentido, mas há total abertura para que participem dos processos, as chamadas são feitas via aplicativos digitais de comunicação utilizados.

Uma planilha de planejamento logístico da produção foi desenvolvida pela participante S. e compartilhada na internet (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bcWfW0-MOew&feature=youtu.be>). Através desta ferramenta o agricultor pode estipular quais cultivos serão iniciados e quando, a partir de fórmulas calculam o tempo indicado para os manejos e períodos de colheita, bem como a distribuição destes cultivos nos canteiros selecionados, produzindo uma escala temporal visual do processo de cultivo. Este planejamento também é feito durante os levantamentos técnicos e acompanhados ao longo da temporada.

Os alimentos destinados à CSA SP são determinados pelos agricultores, pois trabalham na lógica do compartilhamento de excedentes, particularmente no que se refere à produção do agricultor C. que pratica agricultura de subsistência na região quilombola do Vale do Ribeira.

Na CSA Itapetininga não há um planejamento prévio do custo anual de produção para a definição das cotas *“a gente tenta economizar onde dá e gastar com o que é preciso urgente”* (participante S. CSA Itapetininga). A comunidade ainda está muito atrelada aos preços de mercado e preferências dos membros em certas escolhas que nem sempre apoiam o agricultor, há uma dificuldade apontada por participante S. em tirar os membros da posição de consumidores. *“(...) eu fico muito preocupada porque poucos consomem orgânicos por princípio, mas muitos estão porque é uma opção melhor, mas se ficar chato eles saem pra ir comprar o convencional, é um público que não posso desagradar”*.

Nas reuniões entre as pessoas mais próximas da gestão são feitas as considerações financeiras, mas um valor adequado ainda não foi consensuado, na assembleia onde são apresentados custos e valores há pouca participação dos membros. *“Eu não decido sozinha os valores, mas só algumas pessoas se envolvem mais pra me ajudar a decidir, então eu tenho uma autonomia forçada até né. Tudo eu proponho.”* (participante S. CSA Itapetininga). Eventualmente trocas e compras são feitas com outros agricultores para compor as cestas da CSA.

A CSA Demétria realiza o planejamento financeiro com base nas planilhas orçamentárias que utiliza, *“tivemos dificuldade na primeira vez porque foi necessário*

levantar todos os valores do zero agora todo ano vamos só atualizando, aplicando reajuste do mercado, quanto subiu cada insumo, etc.” (participante W. CSA Demétria). Após levantamento feito com agricultores e membros do grupo do coração uma expectativa de cotistas é levantada e chega-se ao valor médio das cotas, estes valores e a planilha são apresentados aos membros na primeira assembleia da temporada.

As decisões sobre quais alimentos serão cultivados cabem apenas ao agricultor, buscando exercitar sua liberdade e autonomia, existe um acordo de que dos sete itens destinados a cesta dois são hortaliças, três são legumes ou frutos e duas raízes ou temperos. *“Dentro dessa variedade o pessoal da horta é quem decide o que vai mandar conforme a disponibilidade dos alimentos, de época e do que eles têm cultivado ali no momento.”* (participante W. CSA Demétria). Eventualmente trocas e compras são feitas com outros agricultores para compor as cestas da CSA.

A construção do planejamento financeiro e logístico da CSA São Carlos acontece em grande parte entre agricultora e os bolsistas em reuniões sem período determinado e com pouca participação dos membros, exceto pelos momentos deliberativos de assembleias a cada três meses, principal momento de participação dos membros. De acordo com participante L.

“geralmente participa quem está disposto a ajudar a comunidade como um todo. A participação é aberta a todos, mas poucos se aproximam. Algumas decisões têm que ser levadas a assembleia (como variação no preço da cesta). Outras como a realização de uma pizzada para arrecadar dinheiro, são propostas por quem está mais ativo e realizadas por quem se dispuser.”

A CSA São Carlos ainda encontra um grande desafio em sua organização e planejamento financeiro, um dos bolsistas ao longo do ano de 2016 registrou custos de seis meses de produção, este valor foi apresentado em assembleia aos membros e chegaram ao valor médio da cota de R\$160. Não há informação em torno de renda obtida da venda em outros canais de comercialização. Embora apenas metade da produção do sítio seja destinada à CSA, o trabalho dos bolsistas e pagamento dos custos é apresentado à comunidade como um só, o que dificulta as relações de confiança entre

campo e cidade. Se para os bolsistas que acompanham de perto o trabalho no campo não há abertura para a participação do planejamento financeiro, mais difícil ainda é o entrosamento da comunidade como um todo neste aspecto.

A escolha dos cultivos também é de autonomia da agricultora. De acordo com participante L. para fins educativos, foi estabelecido que bolsistas seriam encarregados do cuidado de culturas específicas e a rotação entre culturas aconteceria com espaço maior de tempo para que pudessem também conquistar autonomia no trabalho de campo, que ainda é centralizado na agricultora.

Princípios e valores

Um dos princípios adotados pela CSA SP, de acordo com participante S. é a agricultura sagrada, conceito divulgado pelo filósofo e escritor americano Charles Einsenstein (2011), o conceito aborda que o individualismo e a dominação são responsáveis pelas crises sociais, econômicas e ambientais que vivemos, e trata a escassez como produto da forma adotada para a circulação do dinheiro e como uma forma de dominação que nos afasta da natureza e das comunidades. A dádiva da vida vem no contraponto desta racionalidade. Não demos nada pelo ar, pela água, pelo nascimento e por um planeta capaz de nos produzir alimento, e deste sentimento somos capazes de retribuir por gratidão, buscando fortalecer outras formas de vida. A economia sagrada busca então alinhar o dinheiro com fatores desvalorizados por nossa economia atual, como a internalização dos custos de produção, dividendo social e financiamento entre pares.

A CSA Itapetininga busca um horizonte de apoio da solidariedade embora na prática ainda esbarrem em limitações nas relações sociais do grupo, de acordo com participante S. *“as vezes nos aproximamos mais desse horizonte, as vezes nos afastamos, então vamos fazendo como dá pra fazer.”*

A CSA Demétria segue o princípio da escultura social, conceito desenhado pelo artista alemão Joseph Beuys e que é descrito a seguir pelo participante C.

“a gente parte de uma ideia de algo que a gente quer construir, mas o processo ele tem que ser vivo (...) e qual vai ser o resultado real não

deveria ser o que você imaginou mas tem que ser o que ser o que o meio mostra que ele precisa (...) As pessoas tem vontades próprias e hoje somos capazes de dizer que não queremos ser explorados, então o desafio se torna maior porque pra esculpir a sociedade tenho que considerar o material como algo vivo no processo e talvez esse processo deveria se inverter ou seja o material também passa a ser o que molda e transforma o resultado final.”

Este conceito na prática é exercido nas liberdades de cada indivíduo, desde o agricultor que escolhe quais alimentos quer plantar e quais seus custos de produção, ao membro que decide não se engajar no compartilhamento das responsabilidades. O agricultor pode escolher por insumos mais caros ou mais baratos ou escolher valorizar mais ou menos a mão de obra e isso não será questionado pela comunidade, assim como não questionam aos membros sobre o nível de sua participação.

De acordo com participante F. os valores e princípios fortalecidos pela CSA São Carlos estão muito atrelados à sua relação inicial com a Associação Veracidade. Os discursos para atrair membros que quisessem participar da CSA sempre vinham carregados de conscientização social sobre a realidade do pequeno agricultor, desde sua dificuldade de produção, e principalmente sobre a questão da comercialização. Questões de caráter ambiental eram trazidos à tona, mas era notório o uso de palavras como solidariedade, horizontalidade nas tomadas de decisão, participação, transformação social. “(...) *considero que argumentos de caráter social estavam em maior evidência, caracterizando, assim, a CSA São Carlos como uma CSA social.*” (participante F. CSA São Carlos).

Inovações foram feitas no sentido de abrir o projeto para bolsistas, a tentativa de implementar o *sliding scale share*, com a chamada cota solidária (buscando a inclusão econômica e a solidariedade entre membros), a formação do comitê aberto, com reuniões mensais para discutir todos os aspectos da comunidade, também reforçam este espaço social, ao propor a seus membros reflexões críticas sobre a experiência.

“Nestes espaços, em todas as reuniões que tive a oportunidade de estar presente, sempre foi levantado pontos com relação ao

empoderamento da agricultora, tomando consciência desta necessidade e da beleza de dar voz àqueles que historicamente foram calados, a preocupação com a revalorização do campo, do ser rural, sempre esteve presente na CSA São Carlos e isso nos mostra sua vocação, desde seu nascimento, de ser uma CSA Social.” (participante F. CSA São Carlos)

Analisando os aspectos econômicos das CSA estudadas observa-se que há uma dificuldade em estabelecer uma estimativa dos custos de produção e com base neles alcançar um preço de cota que cubra estes custos. O valor das cotas tem aumentado devido a subestimação inicial dos custos de produção. A maior parte do valor arrecadado se destina ao pagamento de salários dos agricultores e há uma preocupação com a valorização e seguridade social deles. No caso da CSA São Carlos a valorização do trabalho da agricultora consolidou-se na atuação dos bolsistas, com aumento da colheita que também é comercializada em outros canais há possibilidade de aumentar a renda da agricultora.

Todas as CSA passaram por imprevistos e conseguem superá-los com a mobilização dos membros que dividem os custos imprevistos ou realizam captação através de eventos, fundos de reserva são alimentados, mas frequentemente esvaziados. O planejamento financeiro das CSA é feito com base na comparação dos registros de custo feitos através das planilhas, são feitas as projeções para o ano seguinte e os valores de cotas são estabelecidos com base na expectativa de número de cotistas. Com exceção ao caso da CSA São Carlos que ainda não obteve um registro de uma temporada completa ao longo dos 4 anos de atuação. Todas as CSA oferecem outras formas solidárias de contribuição além do valor total da cota, e geralmente são tratados caso a caso. A participação dos membros no planejamento financeiro acontece nas assembleias quando as planilhas são apresentadas e os valores de contribuição definidos, com exceção dos membros que fazem parte dos grupos gestores, poucas pessoas estão próximos dos agricultores ao longo da construção destes aspectos financeiros. A agricultura sagrada e escultura social, liberdade, solidariedade e empoderamento social são valores trabalhados pelas CSA estudadas.

4.2.3 Aspectos ambientais das CSA

Modelos produtivos

Os agricultores da CSA SP adotam modelos produtivos variados. Agricultor e participante Tn. da CSA SP afirmou praticar o manejo biointensivo de culturas “*que é agricultura de microescala com alta variedade de cultivos e que se adaptou muito bem aqui a nossa área.*”. Agricultor C. que pratica agroecologia e agricultura de subsistência na região quilombola do Vale do Ribeira pratica uma agricultura de baixa aplicação de insumos, extrativista e trabalhando principalmente com culturas de roça como feijão, milho, abóbora e mandioca. Agricultor C. da região do sul de Minas Gerais pratica agroecologia como modelo produtivo, agregando produtos como mel e cogumelos à sua produção. Todos possuem certificação orgânica participativa.

A CSA Itapetininga possui certificação participativa de produção orgânica OCS - Organização de Controle Social e biodinâmica pelo IBD – Instituto de Biodinâmica. Além das áreas de horta certificadas uma área de pomares agroflorestais também faz parte do modelo produtivo.

A CSA Demétria adota a agricultura orgânica como modelo de produção e hoje em dia não possui certificações, apenas a presença dos membros no campo valida o modo de produção adotado.

A CSA São Carlos adota a agricultura orgânica e desde o ano de 2013 o sítio conta com certificação orgânica OCS. Desde 2016 agricultora D. vem se aprofundando nos estudos em agroecologia, e algumas áreas estão sendo estruturadas com sistemas agroflorestais.

Produtividade da terra

Para o agricultor e participante Tn., agricultor urbano da CSA SP nota que a produtividade da área que ocupa na região central do município de São Mateus na região leste de São Paulo está mudando, “*percebo mais retorno dos cultivos e cada vez menos espontâneas, graças a todo manejo de cobrir o solo.*” (Agricultor e participante Tn. CSA SP).

Para a CSA Itapetininga a produtividade da terra tem melhorado, participante S. comenta que a área era muito degradada pelo cultivo convencional de cítricos e pelas áreas de pasto “*quando eu cheguei não crescia nem mato em alguns lugares, depois a Brachiaria invadiu e hoje já vejo várias outras espontâneas, e tá claramente mais abundante*”.

Para a CSA Demétria a produtividade e resiliência da terra vem melhorando. Cada vez menos insumos para o controle de insetos e plantas espontâneas é necessário, e as colheitas seguem com cada vez mais qualidade.

A produtividade da terra tem refletido em produtos com maior qualidade, de acordo com participante L. a agricultora considera que está melhor do que a época de plantio convencional.

Desafios e impactos da produção

A horta urbana onde cultiva agricultor e participante Tn. da CSA SP enfrenta desafios ambientais diferentes de outros agricultores rurais, com destaque para a má qualidade do ar seguida da situação precária de conservação das áreas urbanas ociosas que viram hortas,

“é uma diferença de quanto você trabalha no campo, aqui meu trabalho rende menos, fico mais cansado (devido à má qualidade do ar) (...) e não é fácil limpar uma área como essa cheia de entulho, não é difícil só pro solo que foi desgastado por monocultura ou pasto, mas um solo subutilizado numa cidade também e temos que dar um fim melhor pra essas áreas”. (Agricultor e participante Tn. CSA SP).

Os impactos de uma horta urbana em uma região periférica como o município de São Mateus na grande São Paulo são éticos e estéticos, de acordo com agricultor e participante Tn. “*um espaço cheio de verde e alimentos ao lado de uma estação de trem faz com as pessoas queiram entrar e observar, é muito cativante.*”, além da presença de uma diversidade de cultivos, plantas espontâneas e insetos que cada vez menos se encontram nos ambientes urbanizados. O consumo local também é um impacto positivo de acordo com agricultor e participante Tn. pois “*o raio de consumo local pra essa*

região é 150km, é bem extenso (...) e o meu engajamento sempre foi o de levar alimento na periferia onde a gente, e a CSA me proporciona isso.”

Os desafios ambientais enfrentados pela CSA Itapetininga se relacionam com o clima temperado da região, o que também pode ser um ponto positivo, exceto pela demanda de planejamento para os cultivos e estações adequadas. Um aspecto positivo do seu modelo produtivo é a visibilidade oferecida à produção orgânica e biodinâmica, a fazenda Terra Biodinâmica é uma das poucas fazendas orgânicas da região.

“(...) é um bairro rural e muita gente fica de olho, Itapetininga não tem produtores orgânicos e a galera fica curiosa pra saber se vai dar certo, né. Então agora com a CSA tá uma coisa mais popular e outros agricultores está querendo se juntar, tem alguns curiosos já não acham mais aquela coisa de hippie, estão vendo que tem vantagem ao longo prazo pra terra.”. (participante S. CSA Itapetininga)

Os desafios ambientais da CSA Demétria são poucos, pois estão em um bairro rural bem preservado e há muita confiança nos conhecimentos aplicados à terra pelo agricultor. Segundo participante W. o bairro Demétria antes de sua fundação era uma grande propriedade rural com extensas áreas de pasto, ao longo dos anos a regeneração natural assumiu uma nova paisagem, e a produção orgânica e biodinâmica da região colaboram minimizando os impactos ambientais na região.

A CSA São Carlos enfrenta alguns desafios ambientais como as secas prolongadas e mais recentemente de acordo com participante L. estudos de solo foram feitos e foi constatado uma alta concentração de fósforo na água utilizada pela irrigação, não houve ainda muito aprofundamento nos porquês e manejos da situação. Um impacto positivo deste modo de produção para a região é a variedade de cultivos, plantas espontâneas, insetos e animais, além da preservação e construção do solo através das práticas agroecológicas.

Analisando os aspectos ambientais das CSA é possível observar que múltiplos modelos produtivos são adotados, entre eles agricultura orgânica, biodinâmica, agroecológica, quilombola de subsistência e manejo biointensivo, a maioria possui

certificação participativa embora não seja um requerimento da comunidade. A produtividade da terra vem melhorando pois na maioria dos casos as áreas agrícolas eram solos mal manejados e degradados, ao longo do tempo agricultores notam uma maior resiliência e diversidade de plantas, insetos e animais, como resultado a produção apresenta cada vez mais qualidade.

Para o agricultor urbano da CSA SP a poluição do ar é o maior desafio ambiental enfrentado, as crises de gestão hídrica e contaminação da água por fósforo são desafios citados por outros agricultores. O modelo de produção traz impactos positivos às áreas rurais ocupadas com monoculturas e pastos, aumentando a diversidade de plantas, insetos e animais, preservando e construindo solo, mostrando para demais agricultores a viabilidade e importância das práticas orgânicas e ecológicas.

4.2.4 Síntese e comparações sobre as CSA

Uma síntese dos aspectos descritos através da análise dos resultados das CSA está apresentada no quadro 2, onde as interpretações feitas com base nas falas dos participantes são comparadas e agrupadas quando apresentam homogeneidade, mostram que é possível fazer generalizações com relação a alguns indicadores apresentados, enquanto outros são heterogêneos, específicos para uma ou outra CSA, demonstrando menos homogeneidade entre si do que as *SoLaWi*. A contextualização de cada CSA deve ser levada em conta nas generalizações feitas, estabelecendo comparações qualitativas.

Todos os gestores das CSA são pessoas jovens com histórico recente com a agricultura, os agricultores, no entanto, possuem um perfil mais variado, composto em sua maioria pela representatividade da agricultura familiar. A organização das CSA é autogestionada e apresentam dificuldades em estimular a participação dos membros e gerenciar o trabalho voluntário, algumas mais do que outras. O controle financeiro das CSA é heterogêneo, há dificuldade em estabelecer ferramentas e metodologias participativas, embora planilhas compartilhadas em assembleias seja comum à todas as CSA, há comunidades que enfrentam a centralização das decisões. Todas as CSA apresentam formas solidárias de contribuição e enfrentam imprevistos financeiros através da mobilização dos membros. O aspecto ambiental comum à todas as CSA é a

melhoria da qualidade dos alimentos e da conservação do solo através do manejo orgânico e/ou agroecológico.

Quadro 2. Síntese dos indicadores dos aspectos sociais, econômicos e ambientais das CSA

Aspectos Sociais	Aspectos econômicos	Aspectos ambientais
<p>Perfil dos gestores das CSA entrevistadas pode ser descrito predominantemente como jovens, homens e mulheres, que possuem histórico recente com a agricultura (todas as CSA)</p> <p>Agricultores das CSA em sua maioria fazem parte da agricultura familiar e possuem histórico antigo com agricultura (exceto CSA SP)</p> <p>Organização autogestionada e compartilhamento das responsabilidades através de grupos gestores (ainda em formação na CSA Itapetininga), assembleias para participação dos membros, exceto CSA SP ferramentas virtuais.</p> <p>Desafio da baixa participação dos membros (exceto CSA Demétria)</p> <p>Autonomia dos agricultores nas decisões do que acontece no campo (todas as CSA)</p> <p>Desafio do trabalho voluntário e centralização das decisões (CSA São Carlos e Itapetininga)</p> <p>Dificuldade nas relações de confiança (CSA São Carlos e Itapetininga)</p> <p>Comunicação campo-cidade por</p>	<p>Subestimaram custos de produção e salários (todas as CSA)</p> <p>Falta de registros dos custos de produção (CSA São Carlos)</p> <p>Cestas como forma de pagamento por trabalho (CSA São Carlos, Itapetininga e Demétria)</p> <p>Planilhas orçamentárias em Excel compartilhadas em assembleia para participação dos membros (todas as CSA) Maior participação de um grupo de gestores (todas as CSA)</p> <p>Centralização das decisões (CSA Itapetininga e São Carlos)</p> <p>Maior investimento do custo de produção são salários (todas as CSA exceto São Carlos) seguido de máquinas e insumos</p> <p>Formas de contribuição solidária (todas as CSA)</p> <p>Imprevistos financeiros mobilização dos membros (todas as CSA) Imprevistos financeiros e pouca mobilização dos membros</p>	<p>Modelo de produção orgânico com certificação participativa (todas as CSA) Produção agroecológica (CSA São Carlos, SP e Itapetininga) Manejo biointensivo e agricultura tradicional caiçara (CSA SP)</p> <p>Melhoria na qualidade e quantidade dos alimentos e do estado de conservação inicial dos solos (todas as CSA)</p> <p>Desafios ambientais de crise de gestão hídrica (CSA São Carlos e Demétria), solos mal manejados e degradados (todas as CSA exceto Demétria) qualidade do ar (CSA SP)</p> <p>Impactos ambientais positivos pela maior diversidade de cultivos, plantas silvestres, insetos e animais (todas as <i>SoLaWi</i>)</p>

ferramentas virtuais (todas as CSA)	(CSA Itapetininga)	
Desenvolvimento de metodologias e planilhas (todas as CSA e destaque para CSA SP)	Princípios da agricultura sagrada (CSA SP), solidariedade (CSA Itapetininga), escultura social, liberdade e preço pelo apreço (CSA Demétria), CSA Social (CSA São Carlos)	Baixo consumo de combustíveis fósseis pelo consumo local (CSA SP)
Apoio moral aos agricultores (todas as CSA)		
Aproximação das pessoas com agricultura e alimentação saudável (CSA São Carlos e Demétria)		
Permanência no campo, empoderamento dos agricultores e oportunidades profissionais (todas as CSA)		

Fonte: Dados da pesquisa de campo

4.3 Comparações entre as *SoLaWi* e as CSA, suas contribuições entre si e da literatura existente

Neste sub-item classificaremos os indicadores qualitativos levantados nos quadros 1 e 2 de acordo com a proposta da metodologia comunicativa crítica (GÓMEZ, *et. al.*, 2006). Os aspectos sociais, econômicos e ambientais estão descritos em tabelas separadas, representando uma comparação entre as *SoLaWi* e as CSA.

A metodologia comunicativa crítica organiza os resultados em duas dimensões, a excludente, representada pelas barreiras que pessoas ou coletivos encontram que os impede de incorporar uma prática ou benefício social, e a dimensão transformadora que se constitui das categorias que ajudam a superar barreiras que impedem as práticas ou benefícios sociais. Estas dimensões devem ser identificadas como passo prévio para a concretização de ações superadoras das barreiras encontradas, pois o peso da investigação recai na busca de formas para superar os desafios (GÓMEZ, *et. al.*, 2006). Os indicadores que se referem às barreiras enfrentadas pelas CSA são descritos excludentes, e em discussão com base na literatura existente buscaremos tecer colaborações para a superação destes. Os indicadores que representam a superação das

barreiras enfrentadas pelas CSA são descritos como transformadores e serão também discutidos com base na literatura existente.

As sugestões de contribuição para as CSA com base na discussão e reflexão dos resultados segue a proposta da metodologia comunicativa crítica de gerar transformação social, contribuindo para a construção das realidades estudadas (GÓMEZ, RACIONERO & SODRÉ, 2010).

4.3.1 Comparação dos Aspectos Sociais e contribuições para as *SoLaWi* e CSA

Os quadros 3 representa os indicadores sociais transformadores e o quadro 4 representada os indicadores sociais excludentes das comunidades estudadas, uma classificação e discussão dos indicadores busca contribuir com as comunidades, buscando apoio na literatura existente.

Quadro 3. Comparação dos aspectos sociais das *SoLaWi* e CSA e indicadores transformadores

Aspectos Sociais Transformadores	
<i>SoLaWi</i>	CSA
Perfil dos agricultores e gestores das <i>SoLaWi</i> entrevistadas pode ser descrito predominantemente como jovens, homens e mulheres, que possuem histórico recente com a agricultura (todas as <i>SoLaWi</i>)	Perfil dos gestores das CSA entrevistadas pode ser descrito predominantemente como jovens, homens e mulheres, que possuem histórico recente com a agricultura (todas as CSA) Agricultores das CSA em sua maioria fazem parte da agricultura familiar e possuem histórico antigo com agricultura (exceto CSA SP)
Organização autogestionada e compartilhamento das responsabilidades entre grupo de agricultores e membros, assembleias deliberativas (exceção <i>SoLaWi Wilde Gartenrei</i>)	Organização autogestionada e compartilhamento das responsabilidades através de grupos gestores (ainda em formação na CSA Itapetininga), assembleias para participação dos membros, exceto CSA SP ferramentas virtuais.
Autonomia dos agricultores nas decisões do que acontece no campo (todas as <i>SoLaWi</i>)	Autonomia dos agricultores nas decisões do que acontece no campo (todas as CSA)

Comunicação campo-cidade por e-mail (<i>SoLaWi Rote Beete, Dalborn, Dorfgarten</i>)	Comunicação campo-cidade por ferramentas virtuais (todas as CSA)
Compartilhar vivências e conhecimentos (<i>SoLaWi Dorfgarten</i>) Dedicação pela militância social e ambiental que desemboca em uma busca pela concretização das ideias defendidas e por novas formas coletivas de vida (todas as <i>SoLaWi</i>)	Apoio moral aos agricultores (todas as CSA) Desenvolvimento de metodologias e planilhas (todas as CSA e destaque para CSA SP) Permanência no campo, empoderamento dos agricultores e oportunidades profissionais (todas as CSA) Aproximação das pessoas com agricultura e alimentação saudável (CSA São Carlos e Demétria)

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Quadro 4. Comparação dos aspectos sociais das SoLaWi e CSA e indicadores excludentes

Aspectos Sociais Excludentes	
<i>SoLaWi</i>	CSA
Estabelecimento da comunidade, baixa participação dos membros (todas as <i>SoLaWi</i>) Dificuldade nas relações de confiança (<i>SoLaWi Rote Beete</i>)	Desafio da baixa participação dos membros (exceto CSA Demétria) Dificuldade nas relações de confiança (CSA São Carlos e Itapetininga) Desafio do trabalho voluntário e centralização das decisões (CSA São Carlos e Itapetininga)

Fonte: Dados da pesquisa de campo

O perfil dos agricultores das CSA estudadas no Brasil e Alemanha são marcantes e distintos entre si, pode se considerar que refletem o contexto em que a agroecologia está incorporada em cada um dos locais estudados. Na Alemanha as CSA estão próximas às cidades universitárias e contam com muitos de seus agricultores inseridos neste contexto. As CSA no Brasil buscam atuar estabelecendo comunidades junto a agricultura familiar onde a agroecologia tem uma forte base de atuação social. Membros

e gestores que se engajam na organização da comunidade são pessoas jovens que buscam uma aproximação com a agricultura.

A organização de todas as comunidades estudadas assume algum nível de autogestão, compartilhando responsabilidades e atividades que seriam trabalho exclusivo do agricultor através da aproximação de pessoas mais engajadas nas CSA. Segundo Blättel-Mink *et. al.* (2017) e King (2008), constituem um fenômeno social heterogêneo que busca por em prática modelos de produção e organização baseados em outras formas de viver além da estrutura capitalista. Trabalham o desenvolvimento da comunidade, bem como construção de relacionamentos, inclusão, mobilização de recursos e criam espaços para compartilhamento de conhecimento.

A participação dos membros e seu engajamento em atividades das comunidades é um desafio enfrentado por todas as comunidades estudadas, as CSA Itapetininga e São Carlos e a *SoLaWi Wilde Gartenrei* passam por mais dificuldades em sua superação e algumas CSA apostam na criatividade da comunicação campo-cidade através de e-mails e ferramentas virtuais para uma primeira aproximação dos membros com o trabalho no campo. A CSA São Carlos levanta a questão desafiadora do trabalho voluntário e conta com grande número de bolsistas trabalhando com a agricultora. Este fato é apontado também por estudos que mostram a alta dependência das CSA nos grupos gestores e no trabalho voluntário o que aponta uma fragilidade do modelo, que pode sofrer alterações inesperadas na oferta de mão de obra voluntária (DOERNBERG *et. al.*, 2016; FEAGAN & HENDERSON, 2009; FLORA, BREGENDAHL & RENTING 2012).

A tarefa de encontrar e gerenciar a mão de obra cabe aos agricultores e pode variar muito com o contexto de cada CSA, pois há locais com grande oferta de mão de obra qualificada ou voluntária o que permite o aumento da produção e do número de cotas (NOST, 2015), como é o caso da CSA Demétria que trabalha com uma cooperativa familiar agrícola em um bairro sensibilizado para o cooperativismo e agricultura orgânica e atende o maior número de cotas entre todas as CSA estudadas, ou seja, 180.

Estudos de Darolt (2012) e Karam (2002) apontam uma alternativa a esta dificuldade na gestão do trabalho, é a profissionalização de alguns serviços de gestão com pessoal contratado e/ou a criação de um Comitê de Gestão, formado por um

coordenador, um tesoureiro, um responsável pela distribuição e outro pela comunicação e divulgação, é indicado tornar as reuniões de trabalho agradáveis, mesclando atividades artísticas e culturais (música, poesia, dança e teatro), culinárias (degustação e sabor) e intelectuais (temas atrativos para discussão). O associativismo no meio urbano para apoiar uma produção agrícola em conjunto é algo novo, mas pode ser eficaz quando estratégias de motivação e aproximação de consumidores e produtores são desenvolvidas de forma continuada contando também com a formação educativa do consumidor consciente (YAMAMOTO, 2006; KARAM, 2002).

O aumento da escala pode também ocorrer pela forma híbrida de várias formas de gerenciamento e aplicação do trabalho, e o trabalho assalariado não é o único pré-requisito para aumentar o escopo organizativo da fazenda ou expandir a área de cultivo (NOST, 2015), como a estratégia escolhida pela CSA São Carlos em criar e consolidar um grupo de membros chamados “bolsistas”. Ao invés de colaborar financeiramente com a comunidade por meio do pagamento das cotas, trabalham no sítio auxiliando a agricultora no campo, com os manejos das culturas, colheitas, plantio e transporte e em tarefas como a comunicação e gestão dos membros e recebem as cestas semanalmente, são estabelecidas pelo menos 4 horas semanas de trabalho. Colaboram com o aumento da produção tanto da CSA quanto o que é comercializado pelos outros canais. Uma forma híbrida de trabalho voluntário.

A participação dos membros pode ser definida de diferentes formas de acordo com o contexto da comunidade, existem indicativos de que a falta de transparência e confiança dificulta um maior compartilhamento dos riscos (BLOEMMEN, *et. al.*, 2015), assim esforços podem ser feitos para fortalecer estas relações.

Participar de uma CSA permite experiências empoderadoras, os agricultores recebem apoio dos membros para enfrentar os riscos da comunidade promovem educação através da aproximação das pessoas com a agricultura e alimentação saudável. As comunidades buscam a permanência no campo, e, uma área de atuação profissional e militância social para membros mais engajados. Agricultores buscam realizar através das CSA um trabalho com mais autonomia e compartilhamento de responsabilidades. Estes resultados estão alinhados com as pesquisas de Carolan (2016) e Ravenscroft, *et. al.* (2013) que descrevem as relações de pessoas indo além das atividades de trabalho e

lazer para um universo no qual incorporam a ideia e a prática de ser um produtor ativo para a sociedade, no caso das CSA, de alimentos.

4.3.2 Comparação dos Aspectos Econômicos e contribuições para as *SoLaWi* e CSA

O quadro 5 representa os indicadores econômicos transformadores e o quadro 6 representada os indicadores econômicos excludentes das comunidades estudadas, uma classificação e discussão dos indicadores busca contribuir com as comunidades, buscando apoio na literatura existente.

Quadro 5. Comparação dos aspectos econômicos das *SoLaWi* e CSA e indicadores transformadores

Aspectos Econômicos Transformadores	
<i>SoLaWi</i>	CSA
Maior investimento do custo de produção são salários (todas as <i>SoLaWi</i> exceto <i>Wilde Gartenrei</i>) seguido de máquinas	Maior investimento do custo de produção são salários (todas as CSA exceto São Carlos) seguido de máquinas e insumos
Leilão (<i>SoLaWi Freudenthal, Rote Beete e Wilde Gartenrei</i>) cota solidária (Dorfgarten)	Formas de contribuição solidária (todas as CSA)
Cestas como forma de pagamento por depósitos, arrendamento, serviços administrativos (<i>SoLaWi Freudenthal, Dorfgarten, Rote Beete</i>)	Cestas como forma de pagamento por trabalho (CSA São Carlos, Itapetininga e Demétria)
Princípios da solidariedade, autonomia e sustentabilidade social econômica e ambiental (todas as <i>SoLaWi</i>) Compartilhamento dos riscos (<i>SoLaWi Rote Beete</i>)	Princípios da agricultura sagrada (CSA SP), solidariedade (CSA Itapetininga), escultura social, liberdade e preço pelo apreço (CSA Demétria), CSA Social (CSA São Carlos)
Planilhas orçamentárias em Excel compartilhadas em assembleia para participação dos membros (todas as <i>SoLaWi</i>)	Planilhas orçamentárias em Excel compartilhadas em assembleia para participação dos membros (todas as CSA) Maior participação de um grupo de gestores (todas as CSA)
Imprevistos financeiros e criação de caixa reserva (todas as <i>SoLaWi</i>)	Imprevistos financeiros mobilização dos membros (todas as CSA)

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Quadro 6. Comparação dos aspectos econômicos das SoLaWi e CSA e indicadores excludentes

Aspectos Econômicos Excludentes	
<i>SoLaWi</i>	CSA
Subestimaram custos de produção e salários (todas as <i>SoLaWi</i>)	Subestimaram custos de produção e salários (todas as CSA) Falta de registros dos custos de produção (CSA São Carlos) Centralização das decisões (CSA Itapetininga e São Carlos) Imprevistos financeiros e pouca mobilização dos membros (CSA Itapetininga)

Fonte: Dados da pesquisa de campo

As CSA dos dois países apresentam dificuldade em estimar os custos de produção, principalmente no que se refere aos salários dos agricultores que sofrem reajustes e aumentam o valor das cotas, como afirmado pelos participantes da pesquisa ao responder a questão sobre os motivos das oscilações de preço das cotas. Sproul & Kropp (2015) realizaram uma classificação dos tipos de contrato oferecidos por CSA, um tipo por produção (de acordo com a disponibilidade da fazenda) e um segundo tipo por peso (onde membros recebem uma quantidade fixa pré-determinada). Para os autores a variedade de tipos de contratos está atrelada ao nível dos riscos compartilhados com membros e um modelo de precificação formal não existe na literatura atual. A *SoLaWi Rote Beete* destacou o compartilhamento dos riscos entre agricultores e membros como um dos princípios da CSA que valorizam.

Sproul e Kropp (2015) afirmam que a maioria das CSA oferecem contratos por produção, muitas CSA oferecem meias cotas e cotas inteiras e há grande número de variabilidade entre quantidades para cada tipo de cota. Estes fatores são observados nas CSA estudadas, todas realizam os chamados contratos por produção e apenas a CSA

Itapetininga oferece cotas com pesos fixos, tendo que comprar produtos de outros agricultores para torna-la completa e atrativa, para a CSA Demétria, que também realiza compras de outros agricultores, a intenção não é complementar uma quantidade pré-estabelecida e sim ressignificar a sazonalidade, podendo oferecer outros produtos além dos disponíveis na fazenda. (NOST, 2015).

Os contratos por peso, afetam o compartilhamento dos riscos pois removem o risco para consumidores (que não recebem menos alimentos caso haja problemas, pois, o agricultor compra de outros agricultores) e a fazenda arca sozinha com os riscos da produção, no entanto os preços costumam ser maiores (SPROUL, KROPP & BARR, 2015; BLOEMMEN, *et. al.*, 2015). A CSA SP estaria mais próxima deste princípio de compartilhamento dos riscos, pois possui o valor de cota mais baixo entre as comunidades estudadas, R\$45, e trabalha com a distribuição dos excedentes da produção de seus agricultores, não havendo comercialização pontual de outros agricultores, mas pelo contrário, a aproximação de um novo agricultor para participar da comunidade e oferecer seus produtos quando há demanda da comunidade.

Sproul & Kropp (2015) descrevem duas formas de precificação de cotas, uma baseada em preços de mercado e outra nos custos de produção, assim como os dois modelos de planilhas de precificação apresentadas pela CSA Brasil (anexos 11 e 12). Das planilhas estudadas apenas a CSA Itapetininga baseia-se nos preços de mercado, todas as outras comunidades precificam suas cotas com base nos custos de produção. A CSA São Carlos busca o modelo com base nos custos de produção, mas ainda não obteve registros de uma temporada para contabilizar os custos reais, o que dificulta o estabelecimento das relações de confiança para um maior compartilhamento dos riscos.

As precificações nas CSA estudadas variam pouco, são feitas com base em planilhas de custos de produção e a maior parte de sua receita é destinada ao pagamento dos salários dos agricultores, o reajuste deste salário é um dos motivos pelo aumento nos valores das cotas ao longo do tempo, estudos mostram que alguns agricultores consideram-se satisfeitos com a habilidade da CSA em cobrir os custos de operação, outros indicam que os custos operacionais são cobertos, mas não os custos de mão de obra e uma outra possibilidade de não cobrir nem os custos de produção e criar exploração de trabalho dos agricultores também é observada (SPROUL & KROPP,

2015; DOERNBERG, *et. al.*, 2016). O valor das cotas pode também influenciar a satisfação e permanência dos membros (CHEN, 2013), afetando conseqüentemente a receita total e sua capacidade de cobrir os gastos esperados. É uma “balança” que depende da capacidade da comunidade em vivenciar a produção agrícola e seus riscos, as flutuações na produção e na quantidade de membros.

A variedade nas formas de planejamento financeiro e participação está atrelada ao nível dos riscos compartilhados com membros. Segundo Sproul & Kropp (2015) há um padrão de dois momentos do processo contratual, o primeiro em que membros e agricultores se reúnem para alinhar suas expectativas de produção e preços e um segundo momento quando o rendimento (colheita) é conhecido e o cumprimento do contrato de entrega acontece. Todas as CSA estudadas passam por esse processo, algumas contam com um grupo de membros mais próximo ao planejamento financeiro e de produção junto ao agricultor, mas de uma forma geral realizam assembleias no começo da temporada para apresentação dos custos, estimativa de itens e valores das cotas de acordo com a expectativa de membros.

Uma comparação importante entre o contexto social agrícola dos dois países cabe neste contexto de planejamento e participação. As *SoLaWi* na Alemanha contam com agricultores das mais variadas formações inclusive acadêmicas, e com exceção da *SoLaWi Wilde Gartenrei* trabalham em grupos de 3 a 5 pessoas, tornando o planejamento uma tarefa compartilhada de forma interdisciplinar desde seu primeiro momento, observa-se uma variedade de ferramentas e metodologias em desenvolvimento neste contexto. As CSA no Brasil contam com agricultores organizados hierarquicamente dentro de suas famílias, com exceção da CSA SP, o que torna o planejamento muitas vezes uma tarefa difícil de ser realizada coletivamente. Há uma dificuldade na criação de ferramentas e metodologias adaptadas para cada comunidade, como na Alemanha, um dos trabalhos da rede CSA Brasil é capacitar as comunidades, elaborando as planilhas de planejamento financeiro (anexos 11 e 12) e oferecendo visitas e consultorias.

As CSA São Carlos e Itapetininga apresentam uma centralização das decisões financeiras, a CSA São Carlos não possui um registro completo de temporada, dificultando o entendimento de quais custos são cobertos com as cotas da comunidade,

a fazenda também possui outros canais de comercialização de seus produtos. A CSA Itapetininga baseia seus custos no valor de mercado e cotas por peso, diminuindo os riscos compartilhados com os membros e apresentando dificuldades na participação destes. Decisões nestas comunidades devem ser tomadas, segundo Nost (2015) a expectativa dos membros em relação aos serviços das CSA não é uma convenção universal, mas algo continuamente negociado entre agricultores e membros, todas as CSA passam por este processo em algum momento.

A prática de negociação é uma escolha que deve ser feitas pelos agricultores, atender as expectativas pode significar um aumento ou diminuição do trabalho dedicado à produção, pois demanda trabalhar as relações e educar os membros sobre os altos riscos da agricultura. Todas as escolhas que cada fazenda faz sobre atender ou não as expectativas de seus membros são contextuais. Consumidores e mercados são diferentes em cada local, há alguns mais expostos aos aspectos do consumo local do que outros, o que quantifica diferentemente o trabalho direcionado à educação dos membros e também afeta as decisões tomadas em cada CSA (NOST, 2015; DOERNBERG, *et. al.*, 2016).

Este olhar que Nost (2015) lança sobre o que chama de “comoditização de serviços” das CSA como o compartilhamento de experiências e educação sobre questões agrícolas também pode contribuir para um entendimento das diferentes estratégias desenvolvidas para a resolução dos imprevistos financeiros das comunidades. As *SoLaWi* na Alemanha optam por manter uma reserva de caixa para tratar imprevistos financeiros, apostando também no compartilhamento dos custos de produção e estabelecimento de contribuições variadas. As CSA no Brasil, com ênfase para a CSA Itapetininga, apesar das dificuldades em compartilhar os custos de produção e garantir uma aproximação e educação dos membros com relações aos imprevistos financeiros, opta por mobilizá-los no caso de imprevistos, o que eventualmente gera frustrações.

Blättel-Mink *et. al.* (2017) elencam três categorias de inovações social que formam um *link* entre os princípios e valores das comunidades estudadas. A des-comoditização, segundo os autores, constitui produtos que não são oferecidos para um mercado e não possuem valor de troca, como os indicadores trazidos pela CSA Demétria da “cultura do

preço pelo apreço”. O *prosuming*, é elaborado pelos autores num cenário onde os papéis dos produtores e consumidores se fundem num modelo híbrido de atuação e são representados pelos princípios da autonomia e liberdade de agricultores e membros, bem como o princípio da escultura social. A solidariedade é a última inovação abordada pelos autores, considerada a mais presente, e foi trazida como um princípio por todas as comunidades estudadas, os autores abordam este princípio não só como um pilar para questões econômicas (através das variadas possibilidades de contribuição) mas também pela cooperação social através do trabalho dos membros junto aos agricultores.

4.3.3 Comparação dos Aspectos Ambientais e contribuições para as *SoLaWi* e CSA

O quadro 7 representa os indicadores ambientais transformadores e o quadro 8 representada os indicadores ambientais excludentes das comunidades estudadas, uma classificação e discussão dos indicadores busca contribuir com as comunidades, buscando apoio na literatura existente.

Quadro 7. Comparação dos aspectos ambientais das *SoLaWi* e CSA e indicadores transformadores

Aspectos Ambientais Transformadores	
<i>SoLaWi</i>	CSA
Modelo de produção orgânico, com certificado <i>Bioland (SoLaWi Dalborn e Wilde Gartenrei e Freudenthal)</i> Sem certificação, apenas da comunidade (<i>SoLaWi Rote Beete e Dorfgarten</i>)	Modelo de produção orgânico com certificação participativa (todas as CSA) Produção agroecológica (CSA São Carlos, SP e Itapetininga) Manejo biointensivo e agricultura tradicional caiçara (CSA SP)
Melhoria na qualidade e quantidade dos alimentos, não necessariamente ligada a produtividade da terra (todas as <i>SoLaWi</i>)	Melhoria na qualidade e quantidade dos alimentos e do estado de conservação inicial dos solos (todas as CSA)
Impactos ambientais positivos pela maior diversidade de cultivos, plantas silvestres, insetos e animais (todas as <i>SoLaWi</i>)	Impactos ambientais positivos pela maior diversidade de cultivos, plantas silvestres, insetos e animais (todas as <i>SoLaWi</i>)
Baixo consumo de combustíveis fósseis pelo consumo local (<i>SoLaWi Dalborn</i>)	Baixo consumo de combustíveis fósseis pelo consumo local (CSA SP)
Preocupação com a criação e preservação do solo através da incorporação de	Melhoria do estado de conservação do solo (todas as CSA)

composto, matéria orgânica e pousio (todas as <i>SoLaWi</i>)	
---	--

Fonte: Dados da pesquisa de campo

Quadro 8. Comparação dos aspectos ambientais das *SoLaWi* e CSA e indicadores excludentes

Aspectos Ambientais Excludentes	
<i>SoLaWi</i>	CSA
Desafios ambientais de períodos de seca prolongada e tempestades (todas as <i>SoLaWi</i>), mudanças climáticas e problemas para o futuro da agricultura (<i>SoLaWi Dorfgarten</i>), solos mal manejados e degradados (<i>SoLaWi Wilde Gartenrei</i>)	Desafios ambientais de crise de gestão hídrica (CSA São Carlos e Demétria), solos mal manejados e degradados (todas as CSA exceto Demétria) qualidade do ar (CSA SP)
Impactos ambientais negativos pelo uso excessivo ou inadequado de máquinas (<i>SoLaWi Freudenthal e Rote Beete</i>)	
Acesso à terra (todas as <i>SoLaWi</i>)	

Fonte: Dados da pesquisa de campo

As CSA apresentam indicadores de sustentabilidade pelo embasamento nos sistemas agrícolas tradicionais, tendo a agricultura orgânica, biodinâmica e agroecológica como principais práticas de manejo e pela preocupação com a preservação e manutenção de solos saudáveis. A ênfase geralmente é em como estes sistemas podem ser adaptados ou manejados para reduzir os impactos ambientais e onde a sustentabilidade e a saúde da comunidade são consideradas (KING, 2008). A *SoLaWi Rote Beete* apresenta uma dificuldade na preservação de solo enquanto praticantes da agricultura orgânica dependente de máquinas, a agroecologia e os sistemas agroflorestais são conceitos pouco explorados pelas comunidades visitadas na Alemanha, sua inserção nestes contextos pode ser uma alternativa para as práticas agrícolas das comunidades.

Este aspecto transformador do engajamento com a sustentabilidade ambiental das CSA se fortalece em busca da superação da degradação ambiental causada pela

agricultura convencional, seus impactos regionais e globais são um desafio para a produção agrícola e um aspecto indicado pelas comunidades como uma dificuldade.

O acesso à terra é uma dificuldade para agricultores das *SoLaWi* pois impede a expansão de fazendas e fundação de novas CSA, devido a necessidade de interação e comunicação direta entre agricultores e membros, aumentar a escala de uma CSA pode ser limitado e poucas opções ficam disponíveis (DOERNBERG, *et. al.*, 2016).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi analisar os aspectos sociais, econômicos e ambientais que constituem as práticas e relações das *SoLaWi* e das CSA.

Os objetivos específicos foram, a construção dos indicadores qualitativos para cada aspecto considerado, representados através das falas e interpretações dos dados para os dois países, separadamente. Realizar uma comparação qualitativa dos aspectos sociais, econômicos e ambientais entre as *SoLaWi* e CSA, e a descrição das estratégias e dificuldades das comunidades, para comunicar, entender, comparar e colaborar seu fortalecimento tecendo contribuições acerca dos principais desafios destacados para os aspectos estudados.

Ao final das análises é possível destacar que há uma heterogeneidade nas relações das CSA o que é importante para a garantia da resiliência deste modelo centrado na contextualização dos aspectos sociais, econômicos e ambientais, no entanto, o movimento já demonstra indicadores de uma coesão dentre estes aspectos, mesmo que incipiente.

Ao longo de observações foi possível visualizar que os contextos sociais distintos dos agricultores têm relação com o contexto social da agroecologia nos países, as CSA atuam como uma opção de organização comunitária em torno da produção agrícola fortalecendo a agroecologia na Alemanha e Brasil. O apoio e empoderamento dos agricultores, a militância e oportunidade de trabalho para membros, a autogestão e autonomia dos agricultores são indicadores dos aspectos sociais transformadores das comunidades e este aspecto é constantemente desafiado pela dificuldade na participação dos membros e gestão do trabalho voluntário.

Alternativas abordadas pela literatura são a profissionalização de um Comitê de Gestão, tornar as reuniões de trabalho agradáveis, mesclando atividades artísticas e culturais, culinárias e intelectuais e buscar estratégias de motivação e aproximação de consumidores e produtores de forma continuada contando também com a formação educativa do consumidor consciente. Ao longo de minha experiência nos últimos 4 anos observando o forte desenvolvimento das CSA em São Paulo e em Brasília acredita-se que as redes tenham impacto positivo no alcance destes objetivos, principalmente se

contam com financiamento para os cargos necessários para a articulação e capacitação dos agricultores e membros. O intercâmbio de experiências, através de eventos e cursos articulados pelas redes CSA Brasil e CSA Brasília durante estes 4 anos que acompanho o movimento, criou um laboratório para o desenvolvimento de estratégias, metodologias e ferramentas de forma contextualizada e criativa empoderando agricultores e membros a superar os desafios encontrados em suas comunidades.

A busca pela sustentabilidade econômica é representada de forma heterogênea devido aos distintos contextos das comunidades e de forma geral de seus respectivos países, principalmente no que se refere às políticas públicas voltadas aos circuitos curtos de comercialização e a economia solidária.

A dificuldade na precificação é indicadora de um desafio na busca de uma sustentabilidade econômica. A valorização do trabalho do agricultor, a solidariedade entre agricultores e membros, a busca pela autogestão financeira e compartilhamento dos riscos são indicadores de aspectos econômicos transformadores das comunidades, que são desafiados pela dificuldade no estabelecimento das relações de confiança e transparência. Para superar esta dificuldade e fortalecer a confiança é preciso ir além do aspecto econômico passando pelas relações sociais e de ajuda mútua entre as pessoas, neste sentido a responsabilidade do agricultor é produzir com diversidade, regularidade, qualidade apropriada e acertar no planejamento das quantidades para estabelecer o primeiro vínculo com os consumidores.

Quando as comunidades encontram membros com capacitações para as diversas atividades necessárias além do plantio e manejo das culturas novas oportunidades são criadas para sua organização, em contrapartida torna a comunidade mais dependente do trabalho voluntário. Estas atividades devem ser delineadas e concretizadas de forma menos voluntária. Como exemplo cito o trabalho de Serafim (2007) que destaca três componentes básicos adotados pela rede CSA em Portugal através de políticas públicas, sensibilização e organização dos consumidores, apoio técnico para a organização dos grupos (produtores e consumidores) e a troca de experiências e diálogos entre os atores. Neste sentido, apesar de não possuir o apoio de políticas públicas, a CSA SP indicou que busca, através da oficialização de um CNPJ, editais para auxiliar a estruturação de

uma equipe para o processo de consolidação da comunidade através de metodologias e ferramentas já desenvolvidas de forma voluntária.

Acredita-se que, para que os agricultores possam cumprir com estas atividades e estabelecer os vínculos necessários com a comunidade é necessária uma capacitação, este é o principal grande contexto sociocultural observado que diferencia os dois países estudados, o processo de formação dos agricultores ocorre de forma mais concreta e contextualizada na Alemanha através das várias modalidades (técnico, tecnólogo, bacharel) nos diversos planos da agricultura (agricultura orgânica, horticultura, agricultura ecológica). Há de se considerar as diferenças socioculturais entre um país que enfrentou duas guerras mundiais, como a Alemanha e um país rico em recursos alimentares como o Brasil. A organização local e participação das pessoas nas esferas políticas de segurança alimentar refletem nos maiores investimentos em formação e financiamento para a agricultura. Falar de dinheiro deve também ser algo prático e natural, feito de forma transparente através de ferramentas que façam sentido para cada caso, a agricultura solidária não pode cair em uma forma de auxílio paternalista para pequenos agricultores, deve ser libertadora, e para isso devemos nos preparar para ressignificar o dinheiro como os meios e não os fins da atividade agrícola.

Os indicadores dos aspectos ambientais das comunidades são representados pelos modelos de produção orgânicos e agroecológicos, e a busca pela biodiversidade, preservação do solo e saúde das pessoas e dos ecossistemas. Alguns desafios para a sustentabilidade ambiental são enfrentados através da prática da agricultura orgânica, encontrando limitações na conservação do solo, que podem ser superadas por meio do aprofundamento nas práticas agroecológicas de manejo do solo.

O grande privilégio na realização desta pesquisa foi conhecer tantas experiências, observar a diversidade e a criatividade das comunidades, sentir que compartilhar tudo isso nos aproxima de um horizonte comum e aprender que não estamos sozinhos e juntos somos mais fortes! Saber que este trabalho feito à muitas mãos e cabeças pensantes me deixa confiante para oferecê-lo como uma contribuição, um guia para um modelo de construção e fortalecimento das comunidades através da organização da gestão e logística, uma fonte de inspiração para todas as pessoas que buscam na agricultura solidária uma forma de vida coerente.

A principal dificuldade enfrentada na execução da pesquisa foi o tempo necessário para garantir a participação dos membros e suas validações, ferramentas virtuais como e-mail e *Whatsapp* foram utilizadas para superação destas, no entanto, o cronograma de pesquisa precisou ser alterado em função da pouca disponibilidade de alguns participantes. A pesquisa sobre Comunidades que Sustentam a Agricultura ainda é pouco explorada, principalmente no Brasil, a literatura existente sobre experiências na Europa e outros países desenvolvidos muitas vezes não reflete os aspectos sociais, econômicos e ambientais do nosso país, e as contextualizações são importantes para evitar análises qualitativas incompatíveis.

Nesse sentido, são indicados estudos futuros sobre o processo de formação e construção de comunidades no contexto da América Latina, pois aproximar fisicamente campo e cidade não é o bastante para a consolidação das CSA, um grande esforço sobre as relações pessoais, capacitação de agricultores e membros para a gestão e o investimento na educação crítica dos membros com relação aos riscos da agricultura são fundamentais para o fortalecimento e consolidação das comunidades ao longo do tempo, e as políticas públicas têm sido uma medida importante neste processo em alguns lugares, evidenciando a importância de suas ampliações.

6. LITERATURA CITADA

ALTIERI, M. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável / – 5.ed. – Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2008.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O Planejamento de pesquisas qualitativas. In: **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisas quantitativas e qualitativas**. São Paulo: Pioneira, 2002. p. 145-178

AQUINO, J., R. & SCHNEIDER, S. O Pronaf e o desenvolvimento rural brasileiro:

avancos, contradicoes e desafios para o futuro. 2015. In: Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil / Organizadores Catia Grisa [e] Sergio Schneider. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. 624 p.

ASSEBURG, H. B.; GAIGER, L. I. A economia solidária diante das desigualdades. *Revista de ciências sociais*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 3, p. 499-533, 2007.

ASSIS, R. L., ROMEIRO, A. R. Agroecologia e Agricultura Familiar na região centro-sul do estado do Paraná. **RER**. Rio de Janeiro, vol. 43, nº 01, p. 155-177, jan/mar 2005

BALÁSZ, B., 2012. Local Food System Development in Hungary. *International Journal of Sociology of Agriculture and Food*. Vol. 19, No. 3, p. 403–421, 2012

BERTALOT-BAY, M. 30 anos da Estância Demétria, *Revista Agricultura Biodinâmica*, Botucatu, outubro 2004 no. 90, p. 10-12

BLÄTTEL-MINK, B.; BODDENBERG, M.; GUNKEL, L.; SCHMITZ, S.; VAESSEN, F. Beyond the Market – New practices of Supply in times of crisis: The example Community-supported Agriculture. **International Journal of Consumer Studies**. 2017, v.41 p.415-421

BLOEMMEN, M., BOBULESCU, R., TUYEN LE, N., VITARI, C. Microeconomic degrowth: The case of Community Supported Agriculture. **Ecological Economics**. 2015. v.112, p.110-115

BRUNORI, G.; ROSSI, A.; MALANDRIN, V., 2011. Co-producing transition: Innovation processes in farms adhering to Solidarity-based Purchase Groups (GAS) in Tuscany, Italy. *International Journal of Sociology of Agriculture and Food*. Vol.18, No.1, p.28–53

CARMO, M. S., Agroecologia: novos caminhos para a agricultura familiar. **Revista Tecnologia e Inovação Agropecuária**. dezembro de 2008.

CAROLAN, M. More-than-Active Food Citizens: A Longitudinal and Comparative Study of Alternative and Conventional Eaters. **Rural Sociology**. 2017. v.82 n.2 p.197-225

CASTELO BRANCO, M.; DE LIZ, R. S.; ALCÂNTARA, F. A.; MARTINS, H. A. G.; HANSON, J. C. Agricultura Apoiada pela Comunidade: poderia a experiência dos agricultores americanos ser útil para os agricultores urbanos brasileiros? **Horticultura Brasileira**. 2011. v.29, n.1, p 43-49

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J.P.; GROULX, L.H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos / tradução Ana Cristina Nasser. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2008.

CHEN, W. Perceived value in community supported agriculture (CSA): A preliminary conceptualization, measurement, and nomological validity. **British Food Journal**, 2013, Vol. 115 n.10, p.1428-1453

CREA. (2001–2004). WORKALÓ. The creation of new occupational patterns for cultural minorities. The Gypsy case. RTD project. Fifth Framework Program of Research of the European Commission DG XII. Improving the Socio-economic Knowledge Base. European Commission.

CREA (2006–2011). INCLUD-ED. Strategies for inclusion and social cohesion in Europe from education. Integrated Project. 6th Framework Program. Priority 7th, Citizens and Governance in a European Knowledge-based Society. European Commission.

CSA BRASIL. 2017. Disponível em: <<http://csabrasil.org>>. Último acesso em: 15 de mar. 2018.

DAROLT, M. R. Conexão ecológica: novas relações entre agricultores e consumidores. Londrina: IAPAR, 2012. 162p.

DOERNBERG, A., ZASADA, I., BRUSZEWSKA, K., SKOCZOWSKI, B., PIORR, A. Potentials and Limitations of Regional Organic Food Supply: A Qualitative Analysis of Two Food Chain Types in the Berlin Metropolitan Region. **Sustainability**, 2016, V.8, p.1125

DRAGON DREAMING, 2018. Disponível em <http://www.dragondreaming.org/wp-content/uploads/DragonDreaming_eBook_portuguese_V02.09.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2018.

EUROPEAN COMMISSION (EC), 2004. *European Action Plan for Organic Food and Farming*. European Commission. Brussels, Belgium.

EINSENSTEIN, C. Sacred Economics. Evolver Editions – North Atlantic Books, Berkley. 2011

EUROPEAN CSA RESEARCH GROUP. *Overview of Community Supported Agriculture in Europe*. 2016. Disponível em: <<http://urgenci.net/wp-content/uploads/2016/05/Overview-of-Community-Supported-Agriculture-in-Europe-F.pdf>>Acesso em: 24 Nov. 2016.

FEAGAN, R.; HENDERSON, A. Devon Acres CSA: local struggles in a global food system. **Agricultural Human Values** 2009, v.26, p.203–217.

FERREIRA NETO, D. N., AMORIM, J. O. L., MOLINA, A. A., TORUNSKY, F. Financiamento da produção agroecológica a partir do modelo CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura): um panorama no estado de São Paulo. *Cadernos de Agroecologia*, 2015. Resumos do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia – Belém/PA

FINATTO, R. A.; SALAMONI, G. Agricultura familiar e agroecologia: perfil da produção de base agroecológica do município de Pelotas/RS. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 20 (2): p. 199-217, dez. 2008

FLORA, C. B., BREGENDAHL C., RENTING B. Collaborative Community-Supported Agriculture: Balancing Community Capitals for Producers and

Consumers. **International Journal of Sociology of Agriculture and Food**. 2012, v.19, n.3, p.329–46

FRANCO, M. L. P. B. Análise de conteúdo. 2ªed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 42ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GÓMEZ, J.; LATORRE, A.; SÁNCHEZ, M.; FLECHA, R. Metodología comunicativa crítica. Barcelona: El Roure, 2006.

GÓMEZ, A., RACIONERO, S. SORDÉ, T. Ten years of critical communicative methodology. *International review of qualitative research*. Vol 3, N.1, May, 2010, pp.17-44

GÓMEZ, A., ELBOJ, C., CAPLLONCH, M. Beyond action Research: The communicative methodology of Research. *International Review of Qualitative Research*, Vol. 6, No. 2, Summer 2013, pp. 183–197.

GRISA, C. & PORTO, S. I. Dez anos de PAA: As contribuições e os desafios para o desenvolvimento rural. 2015. In: Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil / Organizadores Catia Grisa [e] Sergio Schneider. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. 624 p.

GROH, T., MCFADDEN, S. Farms of Tomorrow Revisited: community supported farms, farms supported by community. 1 ed. California, USA. Biodynamic farming and gardening association, inc. 1997. 294 p.

GROULX, L.H. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J.P.; GROULX, L.H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos / tradução Ana Cristina Nasser. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2008.

HABERMAS, J. *Teoría de la acción comunicativa. Volumen I: Racionalidad de la acción y racionalización social y Volumen II: Crítica de la razón funcionalista*. Madrid, Taurus, 2001.

HENDERSON, E.; VAN EN, R., 2007. *Sharing the Harvest: A citizen's guide to Community Supported Agriculture*. Chelsea Green Publishing Company, White River Junction, Vermont. 2007

JONES, K. A prática de métodos quantitativos. In: SOMEKH, B.; LEWYN, C. *Teoria e métodos de pesquisa social / tradução Ricardo A. Rosenbuch*. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2015

KARAM, K. F. O consumo de alimentos saudáveis: a experiência da Associação de Consumidores de Produtos Orgânicos do Paraná – ACOPA. In: IESA/SBSP, ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO E SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO SOBRE INVESTIGAÇÃO E EXTENSÃO, 2002.

KING, C. A. Community Resilience and Contemporary Agri-Ecological Systems: Reconnecting People and Food, and People with People. **Systems Research and Behavioral Science**, 2008, v.25, p.111-1248

KNEAFSEY, M.; VENN, L.; SCHMUTZ, U.; BALÁSZ, B.; TRENCHARD, L.; EYDEN-WOOD, T.; BOS, E.; SUTTON, G.; BLACKETT, M., 2013. Short Food Supply Chains and Local Food Systems in the EU. A State of Play of their Socio-Economic Characteristics. JRC Scientific and Policy Reports Number 25911 EN, Joint Research Centre. Institute for Prospective Technological Studies, Luxembourg

KONDOH, K. The alternative food movement in Japan: Challenges, limits and resilience of the Teikei system. *Agriculture and Human Values*. Vol 32, No, 1, p.143-153, 2014

LAMB, G. *Associative Economics. Spiritual Activity for the common good*. Ghent. The Association of Waldorf Schools of North America Publications Office. 164p. 2010

MACHADO, L. C. P. *Dialética da Agroecologia / Luiz Carlos Pinheiro Machado e Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho*. 1ed. São Paulo, Expressão Popular, 2014, 360p.

MOLINA, M. G. *Introducción a la agroecología*. Cuadernos técnicos SEAE. Serie Agroecología y Ecología Agraria. Ed. Sociedade Española de Agricultura Ecológica (SEAE), 2013.

MATTEI, L. Consideração acerca de teses recentes sobre o mundo rural brasileiro. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. Piracicaba-SP, Vol. 52, Supl. 1, p. S105-S124. 2015

NOST, E. Scaling-up local foods: Commodity practice in community Supported Agriculture (CSA). **Journal of Rural Studies**. 2015. n.34 p. 152-160

MITTLESTRASS, H. A criação de uma faculdade de ciências da agricultura orgânica. *Revista Agriculturas*. Rio de Janeiro. v.3 n.1. p.28-31. abril. 2006

NUNES, P. J. Estratégias de comercialização adotadas por famílias que praticam agrofloresta.: um estudo de caso no assentamento Mário Lago, Ribeirão Preto/SP. Dissertação (mestrado) Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2017, 107f.

ORTEGA, J.; SANTOS, A. S.; SOUZA, I. M. D.; OLIVEIRA, A. P. R.; MARJOTTA-MAISTRO, M. C. Panorama das comunidades que sustentam a agricultura (CSA): os movimentos no Brasil e Europa. 2017. Cadernos de Agroecologia (no prelo).

PELLIN, V., ALCÂNTARA, L.C.S., FEUSER, S., KOHL, V. Agricultura Familiar, Agroecologia e Desenvolvimento Territorial: Experiência Cemear no Alto Vale do Itajaí (SC). **Revista CEMEAR**. Rio do Sul, v.XVII, n. 2, p7-27. 2015

PEREZ-CASSARINO, J. A construção social de mecanismos alternativos de mercados no âmbito da rede ecovida de agroecologia. Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento (Doutorado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012

RAVENS-CROFT, N., MOORE, N., WELCH, E., HANNEY, R. Beyond Agriculture: the counter-hegemony of community farming. **Agricultural Human Values**. 2013. n.30 p.629-239

RETIÈRE, M. I. H. Agricultores inseridos em circuitos curtos de comercialização: modalidades de venda e adaptações dos sistemas agrícolas. 115f. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aplicada) Universidade de São Paulo. Piracicaba. 2014

SCHLICHT, S., LEGALLIC, T., VOLZ, P., WECKENBROCK, P. 2012. Community Supported Agriculture An overview of characteristics, diffusion and political interaction in France, Germany, Belgium and Switzerland. Acteon - environment research and consultancy e Die Argonauten - research for sustainable regional economies. Disponível em: <http://www.argonauten.net/wp-content/uploads/2014/03/Community-Supported-Agriculture-An-overview-of-characteristics-diffusion-and-political-interaction-in-France-Germany-Belgium-and-Switzerland.pdf> Acesso em 04/05/2017

SCHÜTZ, A., & LUCHMANN, T. Las estructuras del mundo de la vida. Buenos Aires: Amorrortu Editores. 1973.

SERAFIM, M. do R. *RECIPROCO*: Guia conceptual e metodológico. Lisboa: LEADER, 2007. 46 p.

SILVA, S. S. Economia Solidária e formação de preço (preço justo): Análise dos custos e formação de preço na economia popular solidária. UEFS. Anais do XX Seminário de Iniciação Científica, n. 21, 2017.

SILVEIRA, L., PETERSEN, P., SABOURIN, E. Agricultura familiar e agroecologia no semi-árido: avanços a partir do agreste de Paraíba. **Agriculture Research for Development**. Rio de Janeiro, 2002.

SINGER, P. É possível levar o desenvolvimento às comunidades pobres? Ministério do trabalho e emprego. Secretaria Nacional de Economia Solidária. Brasília, 2004. Disponível em: http://www.ceeja.ufscar.br/desen_pobres_singer Acesso em maio de 2018

SPROUL, T. W.; KROPP, J. D. A general equilibrium theory of contracts in Community Supported Agriculture. **American Journal of Economy**. 2015, v.97 n.5 p.1345-1359.

SPROUL, T. W.; KROPP, J. D.; BARR, K. D. The pricing of Community Supported Agriculture shares: evidence from New England. **Agricultural Finance Review**. 2015. v.75, n. 3, p. 313-329.

TORUNSKY, F.; ORTEGA, J. L. A. Valores socioambientais que se potencializam com a participação em um projeto de economia associativa na agricultura: o modelo CSA em São Carlos/SP. Número de folhas do trabalho 107 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) Escola de Engenharia de São Carlos - Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015.

WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. Em busca da modernidade social: uma homenagem a Alexander V. Chayanov. In: FERREIRA, A. D. D. & BRANDENBURG, A. (Org.). Para pensar outra agricultura. Curitiba: Editora da UFPR, p.29-49,1998
----- Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro. n. 21. p. 42-61. Outubro 2013.

YAMAMOTO, A. Por que continuamos juntos? Reciprocidade, mudança cultural e relações de poder entre o urbano e o rural. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2006.

7. APÊNDICES

Apêndice A. Roteiro de Relato Comunicativo

Roteiro de Relato Comunicativo

Comunidade: _____

Endereço: _____

Contato: _____

Nome: _____

Data: _____

Ao longo de uma conversa, pretendemos responder as seguintes questões:

Social

1. Qual seu nome e como é sua história com a CSA.
2. Qual era a atividade anterior à agricultura?
3. Há quanto tempo se relaciona diretamente com a agricultura?
4. Qual o seu grau de escolaridade?
5. Participa de algum movimento social?
6. Como as pessoas mais próximas da gestão da comunidade se organizam hoje em dia? Existem equipes organizadas para tratar de assuntos tais: finanças, distribuição/comercialização, divulgação, etc?
7. Quais avanços ou desafios você enxerga na organização de trabalho desta comunidade?
8. Como você enxerga seu papel e suas responsabilidades hoje na comunidade?
9. O que mudou em sua vida desde que entrou para a comunidade?

Econômico

10. Quantas pessoas e/ou famílias participam da comunidade? Todas pagantes? Existem outras formas de contribuição? Quais? Como é feita a precificação?
11. Qual o valor da cota? Ocorreram oscilações? Por quais motivos?
12. Quais as ferramentas utilizadas (registros financeiros) para organização dos orçamentos?
13. Qual o custo estimado da produção? O que custa mais? O que custa menos? Quais seriam os fatores que influenciam esse processo?
14. Quais imprevistos financeiros a comunidade já enfrentou e como resolveu? Como lidam com excedentes ou com faltas?
15. Como é feito o planejamento financeiro da comunidade?

16. Quais são os princípios escolhidos pela comunidade para construir a gestão financeira, quais necessidades buscam atender?
17. Quem participa das decisões financeiras e como se dá essa participação?
18. Quais insumos são produzidos na propriedade e quais são comprados?
19. Onde é feita a entrega dos alimentos?
20. Como é determinado os alimentos que vão para a cesta?

Ambiental

21. Qual o método de produção da Comunidade?
22. Qual a produtividade da terra hoje em dia? Ela vem de alguma forma se modificando?
23. Quais impactos ambientais (positivos ou negativos) da produção?
24. Quais desafios ambientais o modelo de produção enfrenta?

Após a conversa, você tem alguma questão que gostaria de responder com os dados dessa conversa? Deixe alguma sugestão.

Anotações:

Fonte: Dados da Pesquisa

Apêndice B. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada/o a participar da pesquisa **Comunidade que Sustenta a Agricultura – CSA: Relações e papéis em uma proposta de atuação agroecológica**, tendo sido selecionada/o pelo fato de participar de uma CSA.

As CSA são organizações constituídas de pessoas como você, que buscam em comunhão com outras pessoas financiar uma produção de alimentos, buscando atender às necessidades de todas as pessoas envolvidas.

O objetivo geral da pesquisa é levantar dentro das CSA as diferentes maneiras existentes de se relacionar que possam descrever como as pessoas na comunidade se organizam para resolver as questões relacionadas ao financiamento da produção, à produção, à distribuição, ao marketing e a qualidade dos alimentos buscando suprir as necessidades das pessoas envolvidas.

Não haverá qualquer tipo de contrapartida financeira pela participação na pesquisa e nenhuma ajuda de custo para a pessoa entrevistada.

Sua participação nesta pesquisa não é obrigatória, no entanto, se trata de uma metodologia que exige muita participação, é importante para sua realização que você possa estar presente com demais participantes e a pesquisadora em todas as fases da investigação. As fases de investigação e formas de participação começam pela coleta de dados (entrevistas) que podem contar também com registros de áudio e imagem, bem como fotografias. Outra fase da pesquisa e forma de participação que desejamos é que possa estar presente na análise das interpretações feitas pela pesquisadora sobre o material produzido nas entrevistas, as interpretações feitas e as informações que forem retiradas das entrevistas devem ser discutidas com todos os participantes para que possam acordar ou discordar delas. Sabemos que reunir pessoas é sempre um desafio devido à falta de tempo do nosso dia-a-dia. Para reduzir este risco, e para que você possa participar dos momentos após as entrevistas, as informações sobre o que você concorda ou discorda das interpretações feitas pela pesquisadora poderão ser trocadas e discutidas virtualmente por e-mail.

O desenvolvimento desta pesquisa pode vir a oferecer algum tipo de desconforto como constrangimentos ao responder questionamentos, ao expor dados da comunidade, enfrentamento de relações hierárquicas, preocupação por não poder dedicar o tempo necessário à pesquisa, conflitos socioculturais entre participantes da pesquisa, constrangimento devido às ferramentas utilizadas na coleta de dados como, gravação de áudio, vídeo e fotografias. Para minimização de tais desconfortos, a sua participação é voluntária, ou seja, pode decidir não mais participar da pesquisa a qualquer momento, por simples manifestação, sem sofrer prejuízo ou retaliação. O ambiente das entrevistas será acolhedor e dialógico buscando construir relações horizontais. A sua identidade e privacidade serão mantidas em anonimato, seguindo a Resolução CNS 466/2012 que prevê a garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa.

Caso de alguma forma se sinta prejudicado por participar da pesquisa você pode a qualquer momento solicitar indenização - cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa - não exigiremos do participante da pesquisa, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. Os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, têm direito à indenização, por parte do pesquisador e das instituições envolvidas nas diferentes fases da pesquisa.

A pesquisa busca como benefício um processo de transformação social da realidade pesquisada, no caso das CSA levantaremos informações que possam ajudar na organização da comunidade, buscando à medida em que as pessoas refletem sobre suas práticas construir novos conhecimentos coletivamente, podendo trazer mudanças positivas na maneira como nos organizamos.

O desenvolvimento dessa pesquisa, bem como toda a coleta de dados será realizado pela pesquisadora responsável, Joana Ortega, educadora ambiental, mestranda em

Agroecologia e Desenvolvimento Rural no Centro de Ciências Agrárias da UFSCar – Araras, orientada pela Prof.^a Dr.^a Marta Cristina Marjotta-Maistro.

Você receberá uma cópia desse termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora, podendo tirar dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento.

Assinatura da pesquisadora responsável

JOANA ORTEGA

Rua Dona Ana Prado, 501, Vila Prado. São Carlos – SP.

(16) 3372-3369 (18) 981231757 / e-mail: *joana@veracidade.eco.br*

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSCar – São Carlos/SP localizado na Rod. Washington Luiz, Km 235. Jardim Guanabara. Telefone: (16)3351-9683. E-mail: *cephumanos@ufscar.br*

_____, ____ de _____ de 2016

Nome Completo

Assinatura da(o) participante da pesquisa

Fonte: Dados da Pesquisa

8. ANEXOS

Anexo 1. Contrato SoLaWi Dorfgarten



Teilnahmeerklärung

zur Solidarischen Landwirtschaft: Dorfgarten e.V. Hebenshausen

Mitgliedsnummer: _____ (wird bei Abgabe ausgefüllt bzw. nachgereicht)

Hiermit erkläre ich/erklären wir die Teilnahme an der Solidarischen Landwirtschaft *Dorfgarten e.V.*

Name(n): _____

Adresse: _____

Tel./Handy: _____

E-Mail: _____

* In dem Haushalt leben insgesamt _____ Personen. Davon _____ Erwachsene, _____ Kinder

Von der KW 18/2016 bis zur KW 17/2017 erhalte(n) ich/wir einen Anteil an der gesamten Gemüseernte.

Dabei möchte(n) ich/wir _____ (Anzahl) Ernteanteil(e).

Ich/Wir leiste(n) pro Ernteanteil einen monatlichen Mitgliedsbeitrag in Höhe von

_____ (Soli-Beitrag, z.B. 60 €), 50 € (Richtwert), _____ (Selbsteinschätzung)

Der Richtwert steht für die durchschnittlich pro Anteil erforderliche Summe, um das Gesamtbudget zu decken.

Ich/Wir verpflichte(n) mich/uns zu einer Mitgliedschaft von 12 Monaten (bzw. bis April 2017).

Die Ernte wird einmal wöchentlich donnerstags in verschiedenen Markträumen zur Verfügung gestellt. An welchem Ort erfolgt die Abholung?

Hebenshausen, Lange Straße (gegenüber Bäckerei) Groß Schneen, Alte Schule (Am Mühlenberg)

Göttingen, Geiststraße 2 (Keller GUNZ)

Der Quartalsweise Bankeinzug erleichtert uns die Buchführung, da wäre es super wenn du/ihr den Beitrag quartalsweise zahlen könntet. Ich zahle den Beitrag: quartalsweise monatlich

SEPA-Lastschriftmandat (Dorfgarten e.V., Lange Straße 20, 37249 Hebenshausen)

Ich ermächtige den *Dorfgarten e.V.* wiederkehrende Zahlungen von meinem Konto mittels Lastschrift einzuziehen. Ich weise damit mein Kreditinstitut an, die vom *Dorfgarten e.V.* auf mein Konto gezogenen Lastschriften einzulösen.

Gläubiger-Identifikationsnummer: DE66ZZ00001532739

Mandatsreferenz: _____ (wird separat mitgeteilt)

Ich kann innerhalb von 8 Wochen (ab Belastungsdatum) die Erstattung des belasteten Betrages verlangen. Es gelten dabei die mit meinem Kreditinstitut vereinbarten Bedingungen.

Vorname, Name (Kontoinhaber*in) _____

Straße, Hausnummer _____

PLZ, Ort _____

Kreditinstitut (Name und BIC) _____

IBAN DE ____|____|____|____|____|____

Ort, Datum, Unterschrift

Adresse: Dorfgarten e.V., Lange Straße 20, 37249 Hebenshausen,
Telefon: 05504 222 97 98, Homepage: dorfgarten.org, E-Mail: kontakt@dorfgarten.org
Konto: Dorfgarten e.V., BIC: GENODEM1GLS, GLS-Bank eG, IBAN: DE95 4306 0967 4086 4962 00

Fonte: Dados da Pesquisa

	Chinakohl	China 1	Granat	1	24	17.06.	28	15.07.	37	Pflanzung			6	420	126	GWH4	300*1g	Kohl
	Chinakohl	China 2	Granat	2	27	08.07.	31	05.08.	39	Pflanzung			6	420	126	GWH4	600*2g	Kohl
	Weißkohl	Weiß 1	Dowinda/Dottenfelder Dauer	1	14	08.04.	19	13.05.	37	Pflanzung			15	1050	315	Ho2	1850*8g	Lagerkohl
	Weißkohl	Weiß 2	Donator/Filderkraut	2	14	08.04.	19	13.05.	37	Pflanzung			8	560	168	Ho2		
	Spitzkohl – früh	Spitz 1	Eersteling	1	10	11.03.	15	15.04.	25	Pflanzung			4	280	84	Ros1	300*1g	Kohl
	Spitzkohl – früh	Spitz 2	Eersteling	2	14	08.04.	19	13.05.	29	Pflanzung			4	280	84	Ros1	300*1g	Kohl
	Rotkohl	Rot 1	Rodynda	1	14	08.04.	19	13.05.	37	Pflanzung			10	700	210	Ho2	1850*8g	Lagerkohl
mit weis. Rot... im Beet vorziehen?	Wirsing	Wirs 1	Vorbote	1	10	11.03.	15	15.04.	25	Pflanzung			4	280	84	Ros1	300*1g	Kohl
	Wirsing	Wirs 2	Winterfürst	2	14	08.04.	19	13.05.	37	Pflanzung			8	560	168	GWH4	1850*8g	Lagerkohl
	Kohlrabi	Koh 1	Rasko	1	0	01.01.	11	18.03.		Pflanzung				540	81	GWH4		
	Kohlrabi	Koh 2		2	0	01.01.	13	01.04.		Pflanzung				540	81	GWH4		
	Kohlrabi	Koh 3	Noriko	3	10	11.03.	16	22.04.	23	Pflanzung			9	630	95	GWH4	550*2g	Kohl
	Kohlrabi	Koh 4	Azur Star	4	11	18.03.	18	06.05.	25	Pflanzung			9	630	95	GWH4	550*2g	Kohl
	Kohlrabi	Koh 5	Norika	5	13	01.04.	20	20.05.	27	Pflanzung			6	420	63	GWH4	550*2g	Kohl
	Kohlrabi – Lager	Koh 6	Superschmelz	6	21	27.05.	26	01.07.	41	Pflanzung			7	490	147	GWH4	1000*4g	Lagerkohl
	Kohlrabi	Koh 7	Norika	7	23	10.06.	28	15.07.	35	Pflanzung			6	420	63	GWH4	550*2g	Kohl

Rucola und Kräuter:

Vlies	Rucola	Ruc 1	Ruca/Wilde Rauke	1	10	11.03.			17	Pflanzung			4	280	35	GWH4	150 TP	Kohl
Vlies	Rucola	Ruc 2	Ruca/Wilde Rauke	2	14	08.04.			21	Pflanzung			4	280	35	GWH4	150 TP	Kohl
Vlies	Rucola	Ruc 3	Ruca/Wilde Rauke	3	18	06.05.			25	Pflanzung			4	280	35	GWH4	150 TP	Kohl
Vlies	Rucola	Ruc 4	Ruca/Wilde Rauke	4	22	03.06.			29	Pflanzung			4	280	35	GWH4	150 TP	Kohl
Vlies	Rucola	Ruc 5	Ruca/Wilde Rauke	5	26	01.07.			33	Pflanzung			4	280	35	GWH4	150 TP	Kohl
Vlies	Rucola	Ruc 6	Ruca/Wilde Rauke	6	30	29.07.			37	Pflanzung			4	280	35	GWH4	150 TP	Kohl
Vlies	Rucola	Ruc 7	Ruca/Wilde Rauke	7	34	26.08.			41	Pflanzung			4	280	35	GWH4	150 TP	Kohl
3-5 Ko/Saalloch	Petersilie	PK 1	Grüne Perle	1	11	18.03.	17	29.04.	25	Pflanzung			4	280	28	GWH3	500*1g	
3-5 Ko/Saalloch	Petersilie	PK 2	Einfacher Schnitt	1	11	18.03.	17	29.04.	25	Pflanzung			4	280	28	GWH3	500*1g	
	Schnittlauch	SL 1	Gonzales	1	11	18.03.	17	29.04.	23	Pflanzung			4	280	42	GWH3	2000*4g	
zum treiben (mont heizen)	Schnittlauch	SL 2	Gonzales	2	16	22.04.	22	03.06.	28	Pflanzung			4	280	42	GWH3	2000*4g	
	Schnittlauch	SL 3	Gonzales	3	20	20.05.	26	01.07.	32	Pflanzung			4	280	42	GWH3	2000*4g	
	Dill	Dill 1	Tetradill	1	14	08.04.	19	13.05.		Pflanzung			4	280	35	GWH3	2000*6g	
	Dill	Dill 2	Tetradill	1	18	06.05.	23	10.06.		Pflanzung			4	280	35	GWH3	2000*6g	
	Bohnenkraut	BK 1		1	14	08.04.	21	27.05.		Pflanzung			2	140	18	GWH3		
	Zuckermais	ZM 1a	Damaun	1	15	15.04.	19	13.05.		Pflanzung	100		14	980	110	Ros4	3x150 Ko	
	Zuckermais	ZM 1b	Rainbow Inka	1	15	15.04.	19	13.05.		Pflanzung	20		200	23	GWH2			
	Zuckermais	ZM 2a	Damaun	2	19	13.05.			31	Direktsaat	100			150	Ros4		3x150 Ko	
	Zuckermais	ZM 2b	Tramunt	2	19	13.05.			35	Direktsaat	100			150	Ros4			
Lager	Möhren	Mö 3	Rodelika	3	19	13.05.			39	Direktsaat	450	5		675	Ros2		240 g	Wurzel

Freiland-Salate:

	Sommersalat	Sal 1	Homann		0	01.01.	11	18.03.		Pflanzung				438	66	GWH3		
	Sommersalat	Sal 2	Homann		0	01.01.	12	25.03.		Pflanzung				438	66	GWH3		
	Sommersalat	Sal 3	Sorte 1	1	10	11.03.	14	08.04.	18	Pflanzung			5	350	53	GWH3	300 EP	Salat
	Sommersalat	Sal 4	Sorte 2	2	12	25.03.	16	22.04.	20	Pflanzung			5	350	53	GWH3	300 EP	Salat
	Sommersalat	Sal 5	Sorte 3	3	14	08.04.	18	06.05.	22	Pflanzung			4	280	42	GWH3	300 EP	Salat
	Sommersalat	Sal 6	Sorte 1	4	16	22.04.	20	20.05.	24	Pflanzung			4	280	42	GWH3	300 EP	Salat
	Sommersalat	Sal 7	Sorte 2	5	18	06.05.	22	03.06.	26	Pflanzung			4	280	42	GWH3	300 EP	Salat
	Sommersalat	Sal 8	Sorte 3	6	20	20.05.	24	17.06.	28	Pflanzung			4	280	42	GWH3	300 EP	Salat
	Sommersalat	Sal 9	Sorte 1	7	22	03.06.	26	01.07.	30	Pflanzung			4	280	42	GWH3	300 EP	Salat
	Sommersalat	Sal 10	Sorte 2	8	24	17.06.	28	15.07.	32	Pflanzung			4	280	42	GWH3	300 EP	Salat
	Sommersalat	Sal 11	Sorte 3	9	26	01.07.	30	29.07.	34	Pflanzung			4	280	42	GWH3	300 EP	Salat
	Sommersalat	Sal 12	Sorte 1+2+3	10	28	15.07.	32	12.08.	36	Pflanzung			4	280	42	GWH3	300 EP	Salat
	Schnittsalat	Baby 1		1	11	18.03.				Pflanzung			5	350	44	GWH3		
	Schnittsalat	Baby 2		2	14	08.04.				Direktsaat	30				45	GWH3		
	Endivie	End 1	Diva	1	26	01.07.	30	29.07.	37	Pflanzung			4	280	56	GWH3	430*1g	Salat
	Endivie	End 2	Diva	2	27	08.07.	31	05.08.	39	Pflanzung			4	280	56	GWH3	430*1g	Salat
	Endivie	End 3	Diva	3	28	15.07.	32	12.08.	41	Pflanzung			4	280	56	GWH3	430*1g	Salat
	Zuckerhut	Zuck 1	Zuckerhut	1	26	01.07.	30	29.07.	37	Pflanzung			5	350	70	GWH3	430*1g	Salat
	Zuckerhut	Zuck 2	Zuckerhut	2	27	08.07.	31	05.08.	39	Pflanzung			5	350	70	GWH3	430*1g	Salat
	Zuckerhut	Zuck 3	Zuckerhut	3	28	15.07.	32	12.08.	41	Pflanzung			5	350	70	GWH3	430*1g	Salat
	Zuckermais	ZM 2b	Tramunt	2	19	13.05.			35	Direktsaat	100			150	Ros4			
Lager	Möhren	Mö 3	Rodelika	3	19	13.05.			39	Direktsaat	450	5		675	Ros2		240 g	Wurzel

Winterplanung		Ergänzungen				
Anzucht/Pflanzung						
Bemerkungen	Satz	Sorte	Au ss aat KW	AU ss aat um	77er Kisten	
	Sal 14	Winter-Maiwunder	34	26.08.	2	
	Sal 15	Winter-Maiwunder	36	09.09.	2	
	Blu	Walcheren	30	29.07.	4	
	Sal 13	Winter-Lattughino	30	29.07.	4	
Direktsaat						
Bemerkungen	Satz	Sorte	Au ss aat KW	AU ss aat um	Beetmeter	
Buffbohne	PB3	De Monica	39	30.09.	12	
Wintererbse	Erb4	Sima	39	30.09.	60	
Möhren	Möh	Milan	39	30.09.	90	
Knoblauch	Kno		40	07.10.	100	

Fonte: Dados da Pesquisa

Anexo 4. Planilha Orçamentária SoLaWi Dorfgarten

Daten in die jeweiligen Zellen eintragen				
Daten werden automatisch aus einem anderen Arbeitsblatt übernommen				
Betriebs Dorfgarten He		Zahl noch unklar		
Abre: 01.01.2013 - 31.12.2013				
Erntefläche:				
1	2	3	4	5
	Leistungs-/Kostenart	Leistungen, Direktkosten, Gemeinkosten Euro	Faktorkosten, Verrechnungswerte Euro	Euro je ha
2	Leistungen	Mitgliederbeiträge SoLaWi	66000,00	0,00
3		Lebensmittel Verkauf	0,00	0,00
4		Förderungen, öffentliche Direktzahlungen	4000,00	0,00
5		Sonstiges	0,00	0,00
6		0	0,00	0,00
7		0	0,00	0,00
8	Summe Leistungen		70000,00	0,00
9	Direktkosten	Saat- und Pflanzgut, Jungpflanzen	1500,00	0,00
10		Dünger	500,00	0,00
11		Pflanzenschutz	100,00	0,00
12		Wasser	600,00	0,00
13		Lieferauto	1680,00	0,00
14				0,00
15		Miete Abholraum Göttingen		0,00
16		Betriebsmittel unter 400 €	1000,00	0,00
17				0,00
18				0,00
19	Summe Direktkosten		5380,00	0,00
20	Arbeitsleistung	Löhne	52000,00	0,00
21		Berufsgenossenschaft		0,00
22		Lohnarbeit/Maschinenmiete	300,00	0,00
23		Maschinenunterhaltung/Reparatur	500,00	0,00
24		Treib- und Schmierstoffe	300,00	0,00
25		Abschreibung Maschinen	4000,00	0,00
26		Unterh., Abschr., Steuern, Vers. PKW	300,00	0,00
27		Strom		0,00
28		Maschinenversicherung		0,00
29		Folientunnel	2000,00	0,00
30				0,00
31	Summe		59400,00	0,00
32	Gebäudekosten	Unterhaltung		0,00
33		Abschreibung Gebäude		0,00
34		Miete, Pacht Gewächshaus incl. Nebenkosten	1750,00	0,00
35		Versicherung	0,00	0,00
36		Betriebsgebäude		0,00
37				0,00
38	Summe		1750,00	0,00
39	Flächenkosten	Pacht	500,00	0,00
40		Grundsteuer		0,00
41		Flurbereinigung, Wasserlasten		0,00
42		Drainage, Bodenverbess., Wege		0,00
43		Bodenproben		0,00
44				0,00
45	Summe		500,00	0,00
46	Sonstige Kosten	Beiträge, Gebühren	860,00	0,00
47		Versicherungen	200,00	0,00
48		Buchführung, Beratung	100,00	0,00
49		Büro, Verwaltung		0,00
50		Sonstiges, Weiterbildung	500,00	0,00
51				0,00
52	Puffer	Defizit 2014		0,00
53	Summe		1660,00	0,00
54	Summe Kosten		68690,00	0,00
	Summe inkl. 1% Rücklagen, 1% Sicherheit		70063,80	
55	Saldo Leistungen und Kosten		-63,80	0,00
56	Gewerbesteuer			0,00
	Direktkostenfreie Leistungen	Gewinn des Betriebszweiges	alk. Betriebszweigergebnis	
Euro	64.620,00	-63,80	-63,80	
Euro	0,00	0,00	0,00	

	Posten	Betrag in €
Lohnarbeit	Pflügen	200,00
	Schlägeln	200,00
	Transport	200,00
	Entschädigung für entgangene Ernte	200,00
	Eggen (Wilhelm)	95,00
	Kreiseln (Wentrot)	
	SUMME LOHNARBEIT	895,00
o für GT und leichte Anbaugeräte	PKW geliehen	1250,00
	Saat-/Pflanzbettbereitung 6 Monate x 2 h	156,00
	Dämme ziehen (2 x 1h)	26,00
	Kartoffeln häufeln (2x1h) + andere Dammku	39,00
	Hacken (6 Monate x 8h) April und Oktober n	624,00
	Kartoffeln legen	40,00
	Wasser fahren (6 Monate x 4 h)	312,00
	Kartoffeln ernten	
		SUMME MASCHINENMIETE

Fonte: Dados da Pesquisa

Anexo 5. Planilha Orçamentária SoLaWi Freudenthal

		Lohnkosten/Stunde(inkl. AG)	14,20 €
Lohnkosten			Wochenstunden
Anne	21.981,60 €		30
Jutta	21.981,60 €		30
Zoe	21.981,60 €		30
Finn	10.990,80 €		15
Steffi	10.990,80 €		15
Honorare	1500		Buchhaltung, Mitgliederverwaltung, Ausbau Waschplatz und Werkstatt, Raumpate
Summe	89426,4		120
Betriebsmittel			
Saatgut	2500		
Anzuchterde	800		
Sprit	1200		
GWH (Folie etc.)	400		
Pflanzenschutz/Nützlinge	300		
Kisten	300		50 Kisten a. 6 €
Netze/ Fliese	1000		Ein großer größte Teil unserer Netze und Fliese ist verschlissen
Kleinwerkzeug	500		
Puffer für Unvorhergesehenes	1000		
Wassertanks	100		
Dünger/Stärkungsmittel	1000		

Summe Betriebsmittel	9100		
Mieten, Steuern, Versicherung etc.			
KFZ Steuer u. Versicherung	1200		
TT Haus	400		33 € monatlich
Abholraum Nordbahnhof	840		70 € monatlich
Abholraum Ziegenhagen	600		50 € monatlich
Abholraum Gertenbach	600		50 € monatlich
Vereinsversicherung	400		
Miete Freudenthal	1960		160 € monatlich
Versicherung Trekker			
Summe M.S.V.	6000		
Einmaliges:			
Maschinenreparatur	1000		Pritsche, Trekka,
Gärtnerundbrief	150		
Werbematerial	200		
Bodenproben	300		
Weiterbildung	1000		Netzwerktreffen, Seminare (Fahrtkosten – Unterbringung – Gebühren)
Versorgung	500		Woofer, Praktikanten, mithelfende Mitglieder (
Schulden Maximilian	1500		Frühstückspause – Mittagessen) für 8 Monate Restschulden aus 2017
Summe	4650		
Verwaltung			
Kontoführung	110		
Bürobedarf	100		
Steuerbüro	2000		
Summe Verwaltung	2210		
Investitionen			
Rückzahlung Kredite	3000		Trekker und Anbaugeräte, Investitionen Infrastruktur
Ersatzpumpe	2000		???
Rücklagen Lieferwagen 2019	2000		Investitionen pro Mitglied bei 150 Anteilen 3,88 € pro Monat
Summe Investitionen	7000		
Summe ohne Lohnkosten	28960		
Gesamtsumme	118386,4		

Fonte: Dados da Pesquisa

Anexo 6. Planilha orçamentária SoLaWi Dalborn

ALLES

HAUSHALT SOLAWI DALBORN, beschlossen von der Biete-Versammlung
Gartenjahr 2016/17 für 90 Mitglieder

Kategorie	Kostenstelle	PLAN 2015/6	IST 7.12.16	erwarteter Abschluss	PLAN 2016/7
AUSGABEN					
Sachkosten					
	Saatgut+Jungpflanzen	2800,00	2889,06	2889,06	2300,00
	Zukauf	2200,00	1279,60	1279,60	1000,00
	Betriebsmittel & Kleininvest. Sofortabschr.	1400,00	1983,73	2100,00	2000,00
	Reparaturen	1000,00	902,40	1000,00	1000,00
	Verwaltung	1000,00	988,69	1000,00	1000,00
	Versicherung	600,00	869,54	900,00	900,00
	Öffentlichkeitsarbeit	500,00	391,05	400,00	300,00
	Pacht Gebäude (Hof, Kulturkneipe), Acker	7000,00	3580,00	4500,00	6800,00 A
	Fortbildung, Vernetzung, Reisekosten	1000,00	1055,45	1100,00	1000,00
	Unvorhergesehenes	1300,00	317,12	1300,00	1400,00
	Pferde / 2015/16: Arbeitskleidung	0,00	250,97	300,00	200,00
	Summe	18800,00	14487,61	16768,66	17700,00
Arbeitsleistungen					
	Festanstellungen Gartenteam	34500,00	24789,53	34001,72	24858,72 B
	Festanstellung geringfügige Beschäftigung	1170,00			7098,00 C
	Auszahlung von Überstunden	0,00	0,00	0,00	6500,00
	Fremdleistung Traktorarbeit	2000,00			2000,00 D
	Fremdleistungen	500,00	1918,02	1918,02	0,00
	Fremdleistung Fortbildung Pferdearbeit	500,00			0,00
	Praktikanten, Wwoofers (Verpfl., Unterbr., Taschengeld)	2600,00	1346,94	1346,94	1500,00
	Aufwandsentschädigung Vorstand	4200,00	3810,00	4170,00	3000,00
	Summe	45470,00	31864,49	41436,68	44956,72
Investitionen					
	Abschreibung aus 2013 (Startinvestitionen)	1704,64	1704,64	1704,64	0,00
	Arbeitskleidung für Gärtner/innen, Helfer/innen	200,00	0,00	0,00	0,00 E
	Ausbau Lager- und Abholraum*	700,00	121,10	121,10	484,40 F
	Egge und Bewässerungsanlage**	0,00	729,00	729,00	1205,00 G
	Pflanzmaschine***				600,00 H
	Summe	1904,64	2554,74	2554,74	2289,40
Summe	AUSGABEN GESAMT	66174,64	48906,84	60760,08	64946,12
EINNAHMEN / DECKUNG					
	Mitgliedsbeiträge	62130,00	48501,50	62000,00	59160,00
	Übernahme Restmittel aus Vorjahr	2800,00	2945,38	2945,38	5000,00
	Spenden	1000,00	947,30	1000,00	1000,00
	EINNAHMEN GESAMT	65930,00	52394,18	65945,38	65160,00
ERGEBNIS		-244,64		5185,30	213,68
Richtwert-Kalkulator (Mitgliedsbeiträge):					
	2015/16	109 Mitglieder x 12 x Richtwert in Höhe von ...	47,50 €		
	2016/17	90 Mitglieder x 12 x Richtwert in Höhe von ...	88,00 €		
Erläuterungen					
A (200 € Hof + 350 € Kulturkneipe + 0 € Acker) x 12					
B 1035,78 € (AG-Brutto) x 24 (entspricht 850,- € AN-Brutto)					
C 450€ + AG-Anteil = 591,50€ x 12 = 7098,-					
D Treckerarbeit 100 Stunden je 20€					
E verschoben in Sachkosten (letzte Zeile)					
F Plan: 2100 € Invest, Abschreibung über 3 Jahre; Ist: 1452,66 € Invest, 3 Jahre Abschreibung beginnend 1.12.2015					
G Abschreibung Bewässerungsanlage 2015/16: 760 €, Abschreibung Egge 2015/16: 445 €					
H Invest kalkuliert 1.800 €					
Weiteres Guthaben:					
Geschäftsanteil Lebensgemeinschaft Dalborn eG = 1000,-					

Seite 1

Budget Entwurf 2016/17		ALLES	
AUSGABEN			
Kategorie	Kostenstelle	Planung 2015/16	IST 7.12.16
Sachkosten			
	Saatgut+Jungpflanzen		
	Zukauf	2800,00	2889,06
	Investitionen mit Sofortabschreibung (Ackerzubehör)	2200,00	1279,60
	Reparaturen	1400,00	1983,73
	Verwaltung	1000,00	902,40
	Versicherung	1000,00	988,69
	Öffentlichkeitsarbeit	600,00	869,54
	Pacht Gebäude (Hof, Kulturkneipe), Acker	500,00	391,05
	Fortbildung, Vernetzung, Reisekosten	7000,00	3560,00
	Unvorhergesehenes	1000,00	1055,45
	Pferde / 2015/16: Arbeitskleidung	1300,00	317,12
	Summe	18800,00	14487,61
Arbeitsleistungen			
	Festanstellungen Gartenteam		
	Festanstellung geringfügige Beschäftigung	E 34500,00	
	Fremdleistung Traktorarbeit	1170,00	24789,53
	Fremdleistungen	2000,00	
	Fremdleistung Fortbildung Pferdearbeit	500,00	
	Praktikanten, Wwoofer (Verpf., Unterbr., Taschengeld)	500,00	1918,02
	Aufwandsentschädigung Vorstand	2600,00	1346,94
	Summe	45470,00	31864,49
Investitionen			
	Abschreibung aus 2013 (Startinvestitionen)	1704,64	1704,64
	Arbeitskleidung für Gärtner/innen, Helfer/innen	200,00	0,00
	Ausbau Lager- und Abholraum	700,00	121,10
	EGge und Bewässerungsanlage	0,00	729,00
	Summe	1904,64	2554,74
Summe	AUSGABEN GESAMT	66174,64	48906,84
EINNAHMEN / KOSTENDECKUNG			
	Mitgliedsbeiträge	62130,00	
	Übernahme Restmittel aus Vorjahr	2800,00	
	Spenden	1000,00	
Summe		65930,00	
ERWARTETES JAHRESERGEBNIS		-244,64	
Geschäftsanteil Lebensgemeinschaft Dalborn eG = 1000,-			

+ feste Ausg.	1. ENTWURF I PLAN 2016/7	
2889,06	2300,00	Davon Jungpflanzen Lebenshilfe Bega 2015: 2.000€
1279,60	1000,00	
1983,73	2000,00	
902,40	1000,00	
988,69	1000,00	
869,54	900,00	
391,05	300,00	
4400,00	6000,00	(260 Hof + 320 Kneipe + 0 Acker) x 12
1055,45	1000,00	120 x 12 für Wwoferzimmer gespart
317,12	400,00	1160 Euro Differenz unklar
250,97	200,00	
15327,61	16100,00	
	24858,72 *	1035,78 (AG-Brutto) x 24 (850,- AN-Brutto)
34001,72	0,00	450€ + AG-Anteil = 585€ x 12 = 7020,-
	2000,00	Treckerarbeit 100 Stunden je 20€
	2000,00	
1918,02	0,00	* Restzahlung Gehälter: 9212,19
1346,94	1400,00	ca. 1500 € Differenz unklar,
4230,00	0,00	kann z.B. an verzögerten Abbuchungen
41496,68	30258,72	der Krankenkassen liegen
1704,64	0,00	
0,00	0,00	verschoben in Sachkosten
121,10	484,40	Plan: 2100 € Gesamt-Investition, IST: 1452,66 Gesamt-Inves
729,00	1205,00	Abschr. Bew.Anlg. 760,-/a, Egge 445,-/a
2554,74	1689,40	
59379,03	48048,12	
	42000,00	109 Mitglieder x 12 x RW: 47,50 €
???	5000,00 ??	70 Mitglieder x 12 x RW 50,00 €
	1000,00	10 Mitglieder mehr = 6.000 Euro mehr
	48000,00	
	-48,12	

Fonte: Dados da Pesquisa

Anexo 7. Planilha logística de Campo SoLaWi Rote Beete

Beetrn.	1. Kultur	Beetmenge	KW	Vorbereitung
neu				
114	Möhre Milan		10 od 11	7
113	Möhre Milan		10 od 11	7
112	Möhre Milan		10 od 11	7
111	Frühlingszw	0,5/ 0,5	10 u. 14	7
163	Bluko	1	12	8
118	Radies/Radie	0,3/ 0,3 /0,4	14/16/15	8
116	Fenchel	0,9/ 0,1	12 u. 14	8
115	Salat		12/14/16	8
110	Radies/Oste	0,4/0,3/0,3	11 11 13	8
109	Spinat Matad	1	11	8
108	Spinat Matad	1	9	8
166	Kohlrabi	0,64/0,36	14/16	10
165	Bluko	0,4/0,6	14/16	10
164	Bluko	0,2/ 0,8	12u. 14	10
122	Mangold/ Sal	0,72/ 0,27	14/ 24	10
117	Fenchel	0,65/ 0,35	14/ 16	10
162	Kartoffel		16	11
161	Kartoffel		16	11
160	Kartoffel		16	11
159	Kartoffel		16	11
158	Kartoffel		16	11
157	Kartoffel		16	11
156	Kartoffel		16	11
155	Kartoffel		16	11
154	Kartoffel		16	11
153	Kartoffel		16	11
152	Kartoffel		16	11
151	Kartoffel		16	11
150	Kartoffel		16	11
149	Kartoffel		16	11
148	Kartoffel		16	11
168	Brokkoli/ Chi	0,5/ 0,5	16	12
167	Kohlrabi	0,36/0,36/0,36	16/18/20	12
146	Aktiv Humus		17	12
145	Aktiv Humus		17	12
144	Aktiv Humus		17	12
143	Aktiv Humus		17	12
129	Pastinake		18	12
128	Pastinake		18	12

Aussaaten 2016/17								
KW	Kultur	Sorte	Ort/ Fruchtfolgeglied	Laufmeter	Kisten	Reihenanzahl	Abstand in der Reihe	Technik
6	Radies	Rudi	GWH	19		quer	2	K4 (1+3)
9	Spinat	Matador	3	90		5	1,7	Pneumatisch
10	Möhre	Milan	3	270		5	1,3	Pneumatisch
11	Spinat	Matador	3	90		5	1,7	Pneumatisch
11	Radies	Eiszapfen, Sora, Flamboyant	3	37		5	2	Pneumatisch
11	Rettich	Ostergruß	3	30		5	3,4	Pneumatisch
11	Mairübe, Anzucht	Golden Ball	Saatschale	600 Stk.	2g			Saatschale
12	Lauch, Anzucht	Herbstriese 2	Frühbeetkasten	9000 Stk.	25g			K4 (1+3)
13	Zucchini, Anzucht	Zoboda 100, Serafina 50	Saatschale	150 Stk.				Saatschale
13	Chilli, Anzucht	Karls Spezialsorte	Saatschale	10 Stk.				Saatschale
13	Frühkartoffeln	Solist	2	360		3	33	Pflanzmaschine
13	Radies	Eiszapfen, Sora, Flamboyant	3	30		5	2	Pneumatisch
15	Melone, Anzucht	Petit Gris de Rennes, Sugar Baby	Saatschale	15 Stk.				Saatschale
15	Zucchini, Anzucht	Gold Rush 100, Serafina 50	Saatschale	150 Stk.				Saatschale
15	Freilandgurke, Anzucht	Tanja	Saatschale	600 Stk.				Saatschale
15	Radies	Eiszapfen, Sora, Flamboyant	3	30		5	2	Pneumatisch
15	Lauch, Anzucht	Avano, Husky	Blumenbeet	9000 Stk.	30g			K4 (1+3)
16	Lagerkartoffeln	Agria, Linda, Ditta	2	16 Beete		3	33	Pflanzmaschine
17	Radies	Sora	1	30		5	2	Pneumatisch
18	Buschbohne	Marona	3	45		3	5 bis 7	Handsämaschine
18	Mais	Damaun	1	90		3	30	Handsämaschine
18	Mais	Damaun	Saatschale	30 Stk.		3	30	Saatschale
18	Pastinake	Halblange Weiße	3	180		5	5 bis 6	Handsämaschine
18	Rettich	Ostergruß	3	30		5	3,4	Pneumatisch
19	Radies	Sora	3	30		5	2	Pneumatisch
19	Kürbis	Butternut	2	180		1	100	Pflanzmaschine
19	Kürbis	Green Hokkaido	2	180		1	100	Pflanzmaschine
19	Kürbis	Red Kuri	2	450		1	100	Pflanzmaschine
19	Kürbis	Sweet Dumpling	2	90		1	100	Pflanzmaschine

Saatgutbestellung 2016/17														
	Sorte	Anbieter	Artikelnummer	Anbaufläche in m²	laufende m	Reihenanzahl	Korn/Im	Korn gesamt	Abstand in der Reihe cm	TKG	Aufaufverlustzuschlag in %	Menge in g	Bestand 2015 in g	Bestellung 2016
Kartoffeln früh	Solist	Marktgesellschaft mbH der Naturland Betriebe, 081379318846		648	360	3	2,9	3085,7	35		0			
Kartoffeln lager	Agria, Ditta, Linda	selbst vermehrt				3	2,9	0,0	35		0			
Buschbohnen früh	Marona	Bingenheim	G124	162	90	3	12,5	3375,0	8	395	5	1333	764	1kg
Buschbohnen spät	Maxi	Bingenheim	G125	162	90	3	12,5	3375,0	8	355	5	1198	1000	
Möhren lager	Milan	Bingenheim	G286	324	180	5	71,4	64285,7	1,4	1,08	20	69	150 präzisions, 125 normal	
	Dolciva?	Bingenheim	G660	324	180	5	71,4	64285,7	1,4	1,09	20	70		100.000 Korn
	Rodelka	Bingenheim	G280a	324	180	5	71,4	64285,7	1,4	1,26	20	81	340 vermehrung, 183 präzisions von 2010	
	Rolanka	Bingenheim	G282	324	180	5	71,4	64285,7	1,4	0,94	20	60		
	Oveta									1,42			31	
	Robia									1,1			45	
Möhre früh	Milan	Bingenheim	G286	486	270	5	100,0	135000,0	1	1,08	20	146		
Retich	Ostergruß	Bingenheim	G337	113,4	63	5	29,4	9284,7	3,4	12,5	10	116	238	
	Schwarzer R	Bingenheim	G335	162	90	5	21,7	9782,6	4,6	11,9	10	116	61	100g
Spinat früh	Matador	Bingenheim	G412	324	180	5	50,0	45000,0	2	18,6	10	837	234	1kg

2015	Beetanzahl	Fläche	Aussaatmenge pro ha	Bedarf in kg	1 Beet in ha	Bestellung	
					0,0162		
Gründung (Ackerfutterbau Trockenlagen Camena)	56	0,9072	30	27,216		30kg	
Wick-Roggen (Camena)	54	0,8748	90	78,732		30kg WR	70kg Roggen
AktivHumus oder Bodenaktivator (Camena)	28	0,4536	70	31,752		25kg AH	10kg BA
Klee-Untersaat (Untersaat 20 von Camena)	3	0,0486	15	0,729		1kg	
2016	Beetanzahl	Fläche	Aussaatmenge pro ha	Bedarf in kg	1 Beet in ha	Bestellung	Vorrat
					0,0162		
Gründung Rotklee-Luzerne-Gras 90 (Camena)	35	0,567	30	17,01		20kg-125,20 Euro	
Roggen (Karlahof)	27	0,4374	100	43,74			
Hülsenfruchtgemenge Arpshof 1 (Camena)	25	0,405	140	56,7			25kg
Zottelwicken (Camena) für WR	25	0,405	30	12,15		25kg-84 Euro	
Roggen (Karlahof) für WR	25	0,405	65	26,325			
Landsberger Gemenge	25	0	65	0			50kg
Klee-Untersaat (Untersaat 20 von Camena)	3	0	15	0			1kg

Beetrn.	1. Kultur	Beetmenge	KW	Vorbereitun
neu				
114	Möhre Milan		10 od 11	7
113	Möhre Milan		10 od 11	7
112	Möhre Milan		10 od 11	7
111	Frühlingszwi	0,5/ 0,5	10 u. 14	7
163	Bluko	1	12	8
118	Radies/Radie	0,3/ 0,3 /0,4	14/16/15	8
116	Fenchel	0,9/ 0,1	12 u. 14	8
115	Salat		12/14/16	8
110	Radies/Oste	0,4/0,3/0,3	11 11 13	8
109	Spinat Matad	1	11	8
108	Spinat Matad	1	9	8
166	Kohlrabi	0,64/0,36	14/16	10
165	Bluko	0,4/0,6	14/16	10
164	Bluko	0,2/ 0,8	12u.14	10
122	Mangold/ Sal	0,72/ 0,27	14/ 24	10
117	Fenchel	0,65/ 0,35	14/ 16	10
162	Kartoffel		16	11
161	Kartoffel		16	11
160	Kartoffel		16	11
159	Kartoffel		16	11
158	Kartoffel		16	11
157	Kartoffel		16	11
156	Kartoffel		16	11
155	Kartoffel		16	11
154	Kartoffel		16	11
153	Kartoffel		16	11
152	Kartoffel		16	11
151	Kartoffel		16	11
150	Kartoffel		16	11
149	Kartoffel		16	11
148	Kartoffel		16	11
168	Brokkoli/ Chi	0,5/ 0,5	16	12
167	Kohlrabi	0,36/0,36/0,36	16/18/20	12
146	Aktiv Humus		17	12
145	Aktiv Humus		17	12
144	Aktiv Humus		17	12
143	Aktiv Humus		17	12
129	Pastinake		18	12
128	Pastinake		18	12
120	Radies/Oste	0,3/0,4/0,3	18/18/23	12

Fonte: Dados da Pesquisa

Anexo 8. Planilha Orçamentária CSA Itapetininga

Movimentação TERRA BIODINÂMICA - JANEIRO 2017				
Entradas		Saídas		Vencto.
Arrendamento Pasto	R\$ 4,500.00			R\$ 0.00
CSA	R\$ 2,050.00	1/12/2017		R\$ 0.00
Ovos	R\$ 60.00		Transportes	
CSA	R\$ 656.00	2/9/2017	Combustíveis	R\$ 325.00
CSA	R\$ 82.00	3/7/2017	Pedágio/estacionamento	
	R\$ 0.00		Onibus/Táxi	R\$ 0.00
	R\$ 0.00		Manutenção veículos	R\$ 40.00
	R\$ 0.00		COLABORADORES	
TOTAL	R\$ 7,348.00		Mensalistas	R\$ 3,740.80
Saldo Dezembro	R\$ 0.00		Diaristas	R\$ 0.00
SALDO	R\$ 548.23		Encargos	R\$ 700.00
			cestas básicas	R\$ 304.18
			ESCRITÓRIO/Casa ITAPETININGA	
			Luz	R\$ 272.82
			Internet	R\$ 214.00
			TIM móvel	R\$ 112.72
			Manutenção	R\$ 100.00
			Alimentação	R\$ 0.00
			Diversos	
			Despesas gerais	R\$ 0.00
			Sindicato Rural	R\$ 55.00
			Tx Depto. Pessoal	R\$ 137.00
			Certificado Digital	R\$ 288.00
			Investimentos	
			Premio VGBL	R\$ 251.26
			Despesas processuais	
				R\$ 0.00
				R\$ 0.00
			PRODUÇÃO	
			milho galinhas	R\$ 48.00
			materiais	R\$ 7.99
			sementes	R\$ 25.00
			esterco	R\$ 200.00
				R\$ 0.00
				R\$ 0.00
				R\$ 0.00
				R\$ 0.00
				R\$ 0.00
			Despesas Financeiras	
			Taxa Maxiconta	R\$ 0.00
			Encargos c/c + IOF	R\$ 0.00

Fonte: Dados da Pesquisa

Anexo 9. QuickBooks ZeroPaper — Relatórios CSA Itapetininga

3/14/2018

QuickBooks ZeroPaper – Relatórios



Fluxo de Caixa CSA Itapã

Emitido por: Sophie Boylven
Conta: Conta Principal (F)
Centro de custo:
Período: 01/08/2017 à 31/01/2018

Fluxo de Caixa

RECEBIMENTOS

DATA	DESCRIÇÃO	CATEGORIA	VALOR
01/08/2017	lundo de caixa CSA (de 33 Paula Abreu)	lundo de caixa CSA	R\$ 10,00
01/08/2017	mensalidade (de Co-produtores)	Mensalidade	R\$ 2.170,00
01/08/2017	arrendamento (de pasto)	arrendamento pasto	R\$ 4.500,00
01/08/2017	extras (de Co-produtores)	Extra	R\$ 691,00
10/08/2017	1 cota (de 33 Paula Abreu)	Mensalidade	R\$ 170,33
10/08/2017	extras (de 33 Paula Abreu)	Vendas	R\$ 45,00
31/08/2017	Saldo Inicial (de lundo de caixa CSA)	lundo de caixa LUIS	R\$ 1.635,42
01/09/2017	Extras (de 22 Felipe Elias)	Extra	R\$ 10,00
01/09/2017	Terra Viti (de Instituto TERRA VITI)	Vendas	R\$ 598,00
01/09/2017	arrendamento (de pasto)	arrendamento pasto	R\$ 4.500,00
10/09/2017	1/2 Cota (de 02 Nathaly Souza)	Mensalidade	R\$ 90,02
10/09/2017	1/2 Cota (de 22 Felipe Elias)	Mensalidade	R\$ 90,22
10/09/2017	Extras (de 02 Nathaly Souza)	Extra	R\$ 10,00
10/09/2017	1/2 Cota (de 32 Adria Galvao)	Mensalidade	R\$ 90,32
10/09/2017	1 Cota (de 13 Alina Franço)	Mensalidade	R\$ 170,13
10/09/2017	1/2 Cota (de 42 Anderson Rodrigues)	Mensalidade	R\$ 50,00
10/09/2017	1/2 Cota (de 23 Bruno Ferreira)	Mensalidade	R\$ 90,26
10/09/2017	1 Cota (de 11 Bruno Mendes)	Mensalidade	R\$ 170,11
10/09/2017	1 Cota (de 08 Dani Marches)	Mensalidade	R\$ 170,08
10/09/2017	1 Cota (de 27 Daniela)	Mensalidade	R\$ 90,27
10/09/2017	1/2 Cota (de 17 Eduardo Fernandes Pontes)	Mensalidade	R\$ 90,00
10/09/2017	1 Cota (de 18 Glaciane Franço)	Mensalidade	R\$ 170,18
10/09/2017	1/2 Cota (de 19 Jara Medeiros)	Mensalidade	R\$ 90,00
10/09/2017	1/2 Cota (de 32 Joaquina Romão)	Mensalidade	R\$ 75,00
10/09/2017	1/2 Cota (de 24 Lelia Bandeira)	Mensalidade	R\$ 90,24
10/09/2017	1 Cota (de 30 Ludimar Dabala)	Mensalidade	R\$ 170,30
10/09/2017	1 Cota (de 01 Luis Perant)	Mensalidade	R\$ 170,01
10/09/2017	1/2 Cota (de 07 Marco Micozzi)	Mensalidade	R\$ 90,07
10/09/2017	1/2 Cota (de 10 Brunella Rogatto)	Mensalidade	R\$ 90,00
10/09/2017	1/2 Cota (de 35 Nicolau Elias)	Mensalidade	R\$ 90,35
10/09/2017	1/2 Cota (de 25 Mirna Cavatoni)	Mensalidade	R\$ 90,23
10/09/2017	1/2 Cota (de 20 Norma Sigatto)	Mensalidade	R\$ 90,20
10/09/2017	1 Cota (de 29 Paula de Castro)	Mensalidade	R\$ 170,29
10/09/2017	1/2 Cota (de 33 Pedro Augusto Ferreira)	Mensalidade	R\$ 90,38

<http://www.zeropaper.com.br/manage#/dashboard/reports>

1/12

Fonte: Dados da Pesquisa

2. Gado / Animais	R\$0	R\$0	R\$0
suínos			
caprinos			
galinhas			
abelhas			
gado			
outros			
outros			
3. Máquinas e Equipamentos	R\$11.000	R\$11.000	R\$11.000
Depreciação - 10% por ano	R\$ 8.000	R\$ 8.000	R\$ 8.000
Manutenção das máquinas	R\$ 3.000	R\$ 3.000	R\$ 3.000
outros			
outros			
outros			
4. Construções e Instalações	R\$3.400	R\$3.400	R\$3.400
Depreciação (Instalações) - 5% por ano	R\$ 1.000	R\$ 1.000	R\$ 1.000
Consertos e Reparos	R\$ 2.000	R\$ 2.000	R\$ 2.000
Estufas (Depreciação) - 5% por ano	R\$ 200	R\$ 200	R\$ 200
Cercas (Depreciação) - 5% por ano	R\$ 200	R\$ 200	R\$ 200
outros			
outros			
outros			
5. Serviços	R\$5.060	R\$5.166	R\$3.795
Contratos (Certificadoras, por exemplo)	R\$ 1.500	R\$ 1.500	R\$ 1.650
Veterinário	R\$ 1.560	R\$ 1.716	R\$ 0
Aluguel de equipamentos / máquinas alugadas	R\$ 500	R\$ 650	R\$ 715
Estudos do solo e das culturas	R\$ 500	R\$ 400	R\$ 440
Limpeza de grãos / secagem / processamento	R\$ 1.000	R\$ 900	R\$ 990
outros	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 0
outros			
outros			

6. Mão de Obra - sem encargos trabalhistas	R\$92.885	R\$89.565	R\$107.018
Agricultor mestre (casal)	R\$ 46.655	R\$ 45.000	R\$ 54.000
Contratos por empreitada	R\$ 6.240	R\$ 5.800	R\$ 6.500
Estagiário	R\$ 6.665	R\$ 6.665	R\$ 7.998
Agricultor senior	R\$ 19.995	R\$ 20.100	R\$ 24.120
Agricultor pleno			
Agricultor junior	R\$ 13.330	R\$ 12.000	R\$ 14.400
trabalhador 1			R\$ 0
trabalhador 2			R\$ 0
trabalhador 3			R\$ 0
trabalhador 4			
trabalhador 5			
trabalhador 6			
trabalhador 7			
7. Seguro	R\$0	R\$0	R\$0
Fogos, ventos e tempestades			
Carros, caminhões, maquina e equipamentos			
outros			
outros			
8. Impostos	R\$102.508	R\$102.352	R\$118.644
Associação Profissional / Sindicato	R\$ 300	R\$ 300	R\$ 330
Encargos trabalhistas	R\$ 74.308	R\$ 71.652	R\$ 85.614
IPVA + Licenciamento	R\$ 900	R\$ 900	R\$ 900
Imposto de Renda	R\$ 27.000	R\$ 29.500	R\$ 31.800
outros			
outros			
9. Arrendamentos e aluguéis	R\$18.000	R\$18.000	R\$10.000
Arrendamento de terras	R\$ 18.000	R\$ 18.000	R\$ 10.000
outros			
outros			
outros			
10. Juros e encargos	R\$0	R\$0	R\$0
Reembolsos			
Juros			
outros			
outros			
outros			
11. Manutenção	R\$1.960	R\$2.600	R\$2.990
Dos carros	R\$ 360	R\$ 1.000	R\$ 1.150
Seguros dos carros (caminhão)	R\$ 1.600	R\$ 1.600	R\$ 1.840
outros			
outros			
12. Gestão	R\$10.350	R\$10.750	R\$11.825
Telefone	R\$ 900	R\$ 1.050	R\$ 1.155
Material de escritório	R\$ 400	R\$ 350	R\$ 385
Taxas (viagem, etc)	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 0
Relações Públicas (boletins informativos, internet, etc)	R\$ 250	R\$ 200	R\$ 220
Revistas e Anúncios	R\$ 300	R\$ 250	R\$ 275
Roupas de Trabalho e EPI (Equipamento de Proteção Individual)	R\$ 2.500	R\$ 2.900	R\$ 3.190
Escritório de contabilidade	R\$ 6.000	R\$ 6.000	R\$ 6.600
outros			
outros			
13. Outros	R\$0	R\$0	R\$0
seguro			
previdência privada			
seguro de vida			
outros			
outros			
outros			
E. Padaria e Açougue	R\$0	R\$0	R\$0
Padeiro (Serviços externos de terceiro)			
Açougueiro (Serviços externos de terceiro)			
outros			
outros			
outros			
outros			
outros			
outros			
outros			



Fonte: Dados da Pesquisa

Anexo 11. Planilha formação de preço base no mercado CSA Brasil

Cálculo do valor da cota CSA (incluindo taxas e frete)		
Agricultor		R\$ 117,00
Taxas CSA	Taxa CSA Local	R\$ 10,00
	Taxa CSA Brasil	R\$ 5,00
	Fundo de reserva	R\$ 2,00
TOTAL		R\$ 17,00
FRETE		R\$ 11
TOTAL GERAL PARA 1 COTA MENSAL		R\$ 145
Total por semana		R\$ 33,40
Exemplos:		Total
Família com 1 cota		R\$ 145
Família com 2 cotas		R\$ 262
Família com 3 cotas		R\$ 379

Fonte: Dados da Pesquisa

Anexo 12. Planilha orçamentária incompleta CSA São Carlos

Descrição	jan/16	fev/16	mar/16	abr/16	mai/16	jun/16	jul/16	ago/16	set/16
TOTAL	R\$ 7.055,57	R\$ 6.464,77	R\$ 7.255,22	R\$ 5.898,07	R\$ 1.058,50	R\$ 600,00			
#									
1 Arrendamento	R\$ 600,00	R\$ 600,00	R\$ 600,00	R\$ 600,00	R\$ 600,00	R\$ 600,00			
2 Mão de Obra - Fixa	R\$ 1.800,00	R\$ 1.800,00	R\$ 1.800,00	R\$ 1.800,00					
3 Mão de Obra - Diárias	R\$ 1.300,00	R\$ 500,00	R\$ 600,00						
4 Mão de Obra - Diversas	R\$ 150,00	R\$ 200,00		R\$ 250,00					
5 Oficina - Trator	R\$ 659,87	R\$ 659,87	R\$ 659,87	R\$ 659,87					
6 Oficina - Kombi	R\$ 256,40	R\$ 256,40	R\$ 256,40	R\$ 256,40					
7 Oficina - Carro		R\$ 437,00	R\$ 289,00	R\$ 262,50					
8 Oficina - Diversos	R\$ 97,00		R\$ 668,15						
10 Óleo Diesel	R\$ 185,00	R\$ 155,00	R\$ 250,00	R\$ 150,00					
11 Óleo Motor	R\$ 17,00	R\$ 17,50	R\$ 15,00	R\$ 15,00	R\$ 6,50				
12 Óleo Freio		R\$ 6,50		R\$ 9,00					
13 Gás veicular	R\$ 188,00	R\$ 193,50	R\$ 80,00						
14 Gasolina - Carro	R\$ 100,00		R\$ 193,50	R\$ 182,50					
15 Gasolina - Maquinário	R\$ 62,50	R\$ 60,30	R\$ 65,00	R\$ 62,50					
16 IPVA									
17 Ferramentas									
18 Arame									
19 Sementes	R\$ 122,00	R\$ 171,00	R\$ 144,00	R\$ 42,00					
20 Mudas	R\$ 580,00	R\$ 475,00	R\$ 664,00	R\$ 678,00					
21 Cama de frango									
22 Esterco gado									
23 Insumo (turfa, cálcario, farinha o)	R\$ 299,00	R\$ 299,95	R\$ 365,50	R\$ 300,00					
24 Energia - CPFL	R\$ 395,80	R\$ 408,80	R\$ 427,30	R\$ 438,30	R\$ 452,00				
25 Internet									
26 Telefone	R\$ 60,00	R\$ 65,00	R\$ 65,50						
28 NÃO DISCRIMINADAS	R\$ 183,00	R\$ 158,95	R\$ 112,00	R\$ 192,00					

Fonte: Dados da Pesquisa